



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

REGINA CÉLIA PAULINELI BORGES

**JOVEM-APRENDIZ: OS SENTIDOS DO TRABALHO
EXPRESSOS NA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

**Florianópolis/SC
2010**

REGINA CÉLIA PAULINELI BORGES

**JOVEM-APRENDIZ: OS SENTIDOS DO TRABALHO
EXPRESSOS NA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de
Dissertação apresentada junto ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia do Centro de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade
Federal de Santa Catarina como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre.

Área de concentração: Práticas Sociais e
Constituição do Sujeito

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Chalfin Coutinho

**Florianópolis/SC
2010**

”Mesmo nos momentos em que eu sozinho desenvolvo uma atividade científica, uma atividade que raramente posso levar ao fim em direta associação com outros, sou social, porque é como homem que realizo tal atividade. Não é só o material da minha atividade – como também a própria linguagem que o pensador emprega – que me foi dado como produto social. A minha própria existência é atividade social. Por conseguinte, o que eu próprio produzo é para a sociedade que o produzo e com a consciência de agir como ser social.”

Karl Marx

AGRADECIMENTOS

Ao dar início a esta página de agradecimentos, sinto, contraditoriamente, um sentimento misto de alegria, por estar concluindo minha dissertação e, ao mesmo tempo já com um pouco de saudade, certa nostalgia da “vida de mestrando”.

Penso neste momento, numa diversidade de pessoas que contribuíram, direta e indiretamente na construção deste projeto, por muitos anos atrás, um sonho distante, hoje real. No entanto, escrevo estas linhas, como quem costura uma colcha de retalhos, numa feliz realidade, concretizada, compartilhada e, efetivamente, orientada pela Prof(a) Dr(a). Maria C. Coutinho. Muito obrigada, Mestra, por todas as suas contribuições nesta trajetória, pelo muito que aprendi ao seu lado, tanto em aspectos teóricos e práticos de uma pesquisa, da sua competente atuação profissional, mas, muito além disso dos momentos de amizade vividos.

Aos colegas de turma, dos tempos divididos em aula entre novos saberes, tarefas a cumprir, angústias, mas também muitas risadas. Falando em amigos, ou melhor, em amigas do “mundo do trabalho”: Pri, Mari e San, foi “delicioso” ter dividido as dúvidas e estudado as teorias marxistas com vocês. As amigas, quase irmãs, Fernanda e, de novo você San, nem sei o que dizer de e para vocês. Penso que a música de Milton Nascimento, me ajuda neste momento: amigas vocês moram no lado esquerdo do peito.

Manu, Laila, Andressa, Márcia, Ricardo e demais amigos Marian@s e do Núcleo de Estudos do Trabalho e Constituição dos Sujeitos (Netcos) completam a lista de amizades. Manu, Laila e Andressa, aprendi muito com vocês!

Às Professoras Dulce Helena P. Soares e Mariléia Silva pelas contribuições na banca de qualificação do meu projeto. Às Professoras Andréa Zanella e Kátia Maheirie pelo “despertar” de um olhar estético. À Professora Edite Krawulski, que, também para além do ensinar teórico, permitiu discussões para a vida em suas aulas.

À minha família, de perto, Beth e Beto e seus convites para o almoço de domingo, oportunidade de pequena pausa e descanso. Ainda, a família, de longe, minha mãe Amélia, as irmãs Maria e Sueli, as sobrinhas Telma, Déia e Alessandra, que, mesmo nos muitos quilômetros distantes entre as cidades de São Paulo e Florianópolis, estavam sempre presentes com seu apoio e interesse pelo andamento desta dissertação.

À ONG, lócus desta pesquisa, receptiva desde o primeiro contato, permitindo com muita liberdade, tornar-me uma pesquisadora. Agradeço, especialmente, a atenção da K. e da S, profissionais dedicadas ao seu

trabalho nessa instituição. Aos jovens-aprendizes: Giovana, Carla, Júnior, Patrícia, Viviane, Adriana, Camile, Mariana e Adrile, protagonistas desta dissertação, meu muito obrigado pela participação.

Termino minha costura com as duas pessoas mais importantes na minha vida: meu marido Jerônimo, que também entre muitas indas e vindas no trecho São Paulo-Florianópolis, sempre procurou nos oferecer uma boa qualidade de vida e possibilidades para que eu pudesse me dedicar aos estudos. À minha filha Mariana que, apesar dos seus somente oito anos, “viveu” essa aventura comigo, acompanhando-me, por muitas vezes, nas minhas atividades na UFSC e esperando pacientemente seu término. Entendeu minhas “ausências” nas infinitas horas de leituras e no computador, escrevendo ou reescrevendo. Obrigada, amo vocês!

BORGES, Regina Célia Paulineli. *Jovem-Aprendiz: os sentidos do trabalho expressos na primeira experiência profissional*. Florianópolis, 2010. 150f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

RESUMO

O propósito da presente investigação foi compreender os sentidos do trabalho para jovens em sua primeira experiência profissional. As constantes transformações, de ordem material e subjetiva, no chamado “mundo do trabalho”, suscitam necessidades de buscar novas compreensões, sentidos e significados produzidos neste contexto. Diante dessas mutações, os grupos juvenis, são, frequentemente, apontados como um dos mais vulneráveis ao desemprego, tarefas e contratos precarizados, como também predispostos a faixas salariais inferiores às de trabalhadores adultos. Numa abordagem qualitativa, esta pesquisa tomou como pressuposta a centralidade da categoria trabalho através do materialismo histórico-dialético e uma visão sócio-histórica do conceito das juventudes/adolescências. Nessa perspectiva, as categorias sentido e significado são compreendidos como contornos privilegiados na busca da apreensão singular do ser humano. Os sujeitos aqui pesquisados foram vistos como seres constituídos em uma relação dialética com o social e o histórico, na e pela sua atividade e expressões humanas. Utilizou-se como principal técnica de coleta de informações a entrevista, com um roteiro semi-estruturado organizando eixos temáticos relativos a dados pessoais e familiares, atividade atual e histórico profissional. Através da fotografia, utilizada como instrumento complementar, os sujeitos produziram imagens de cenas de trabalho, também significadas por meio de entrevista. O procedimento para a análise do material coletado permitiu sua organização em quatro núcleos de significação: 1) Experiência, Registro Formal e Consumo, 2) Cotidiano, 3) Projetos e 4) Primeiro Emprego. Os sentidos do trabalho, proclamados nas falas e nas imagens auto produzidas, trazem, dialeticamente, o trabalho, em pólos de positividade, mas também de negatividade na primeira experiência profissional. Além disso, expressam alterações cotidianas na vida dos jovens pesquisados. Em síntese, nos sentidos expressos entre “perdas” e “ganhos”, mas, numa prevalência positiva, foi possível verificar que, apesar de fortemente atravessados pelas significações sobre o trabalho produzido em um contexto capitalista, esses jovens trabalhadores, que precocemente iniciam uma atividade laboral, trazem desejos na busca de *ser* alguém, de *ser* feliz a partir do seu trabalho, o que em nosso entendimento corrobora uma centralidade dessa categoria.

Palavras-chave: Trabalho. Juventude. Sentidos. Primeira experiência profissional.

BORGES, Regina Célia Paulineli. *Young Apprentice: the meanings of work expressed in their first Professional experience*. Florianópolis, 2010. 150f. Dissertation (Master in Psychology) – Psychology Postgraduate Program, Santa Catarina Federal University, Florianópolis, 2010.

ABSTRACT

The purpose of this research was to understand the meanings of work for the young in their first professional experience. The constant changes, of material and subjective fashion, in the so-called “work world”, arouse needs of searching for new understandings, meanings and significations produced in this context. The juvenile groups, facing this mutations, are frequently pointed as some of the most vulnerable to unemployment, precarious tasks and contracts, and predisposed to inferior salary range to that of adult workers as well. In a qualitative approach, this research regarded as underpinning the centrality of the labor category through the historic-dialectic materialism and a social-historic point of view of the youth/adolescence concept. Within this perspective, the categories of meaning and signification are understood as privileged outlines in search of a singular grasp of the human being. The subjects researched herein were viewed as beings constituted in a dialectic relationship with the social and historic, in and for their human expressions and activity. The main form of data gathering technique was the interview, with a semi-structured script organizing thematic axes relative to family and personal information, current activity and professional history. Through photography, used as a complementary instrument, the subjects produced images of work scenes, signified also through interviews. The analysis of the collected material allowed four cores of signification: 1) Experience, Formal Record and Consumption, 2) Quotidian, 3) Projects and 4) First Job. The meanings of work, proclaimed in the self-produced images and speech, set work dialectally, in positive poles, but also negative in the first professional experience. Beyond that, it expresses changes in everyday life for the researched young. In synthesis, the meanings expressed between “losses” and “gains”, but, positively prevalent, it was possible to verify that, although strongly crossed by the significations produced about work in a capitalist context, these young workers, who have had a precocious onset of labor activity, have desires in search to *be* someone, to *be* happy through work, which in our understanding sustains a centrality of this category.

Key-words: Work. Youth. Meanings. First professional experience.

LISTA DE SIGLAS

ABRH	Associação Brasileira de Recursos Humanos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
CIC	Cartão de Identificação do Contribuinte
CONJUVE	Conselho Nacional da Juventude
CPD	Centro de Processamento de Dados
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
GIFE	Grupo de Institutos, Fundações e Empresas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografias e Estatísticas
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
NUFT	Núcleo de Formação do Trabalho
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONG	Organização Não Governamental
OP	Orientação Profissional
PEA	População Economicamente Ativa
PIO	Padrão de Inserção Ocupacional
PJT	Programa Jovem Trabalhador
PJT	Programa Jovem Trabalhador
PNPE	Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego
RG	Registro Geral
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Nacional
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1	– Jovem Aprendiz.....	105
FOTOGRAFIA 2	– Cantinho do serviço.....	106
FOTOGRAFIA 3	– Empacotador de Mercadorias.....	107
FOTOGRAFIA 4	- Talento	108
FOTOGRAFIA 5	- Esforço	108
FOTOGRAFIA 6	– Em busca de um sonho.....	109
FOTOGRAFIA 7	– Se esforçar para ser um bom exemplo	110
FOTOGRAFIA 8	- Construção	111
FOTOGRAFIA 9	- Cozinha	112
FOTOGRAFIA 10	- Cobradora.....	112
FOTOGRAFIA 11	- Pescador	114

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
1 INTRODUÇÃO	23
2 TRABALHO: MUITO ALÉM DE UM CONCEITO	27
2.1 Uma breve conceituação de trabalho.....	27
2.2 Políticas Públicas de inserção do jovem no mercado de trabalho ...	33
2.3 Sentidos e Significados do Trabalho	35
3 JUVENTUDES/ADOLESCÊNCIAS: RE (CONHECENDO) UM CONTEXTO	39
3.1 O sentido histórico-social da juventude	39
3.2 O lugar do jovem no trabalho contemporâneo	43
4 MÉTODO: A ESCOLHA DE UM CAMINHO	47
4.1 Tipo de Pesquisa.....	47
4.2 Estudo exploratório	48
4.2.1 Procedimentos Utilizados.....	48
4.2.2 Caracterização dos Sujeitos do Estudo Exploratório.....	51
4.3 A seleção dos participantes	52
4.4 Procedimentos para Busca das Informações	55
4.5 Procedimentos para Análise de Informações	59
5 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS	63
5.1 Alguns Indicadores da população juvenil na cidade de Florianópolis.....	63
5.2 O lócus da pesquisa.....	65
5.3 Perfil dos Participantes.....	68
6 TRAJETÓRIAS	79
6.1 Experiência, Registro Formal e Consumo.....	79
6.2 Cotidiano	83
6.3 Projetos.....	88
7 EMPREGO JUVENIL: UM GRANDE DESAFIO	95
7.1 O jovem aprendiz e seu primeiro emprego.....	95
7.2 Imagens do trabalho	105
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	123

APÊNDICES	137
Apêndice A – Teses e Dissertações consultadas.....	137
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	138
Apêndice C – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada	140
Apêndice D – Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada para os Recursos Imagéticos.....	142
Apêndice E – Indicadores	143
 ANEXO A – Termo de Aprovação do Projeto no Comitê de Ética ...	 150

APRESENTAÇÃO

Faço um breve relato sobre minha trajetória acadêmica e profissional, minha história pessoal dentro da Psicologia, além de apresentar um pouco para a dissertação que ora se completa. Graduei-me Psicóloga em 1988, pela Universidade de Guarulhos, em São Paulo. Nos anos de 1989 e 1990, estendi minha formação especializando-me em Administração de Recursos Humanos, pela Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo e, em 1999, fiz nova especialização em Administração Hospitalar, pela Fundação Getúlio Vargas. Entre os anos de 1990 e 1999, realizei cursos de curta duração relacionados à Psicologia do Trabalho, área que me inseri, logo no segundo ano da faculdade. Estudar, ampliar conhecimentos e saberes sempre foi uma constante, penso que poderia aqui retomar um trecho da música “O que é o que” do Gonzaguinha, que muito me descreve: “viver a beleza de ser um eterno aprendiz”. Estudar é um dos fatores que me movem.

Atuei na área da Psicologia do Trabalho em três empresas, multinacionais, nacionais de grande e médio porte, nos segmentos financeiros e serviços. Dessas vivências, fui-me “fazendo” psicóloga, mesmo durante a graduação, ao seu término, recém-formada e, depois já como profissional. Ao final, foram mais de dezoito anos dentro das organizações, “brigando” pelos trabalhadores através de um posicionamento crítico, ético e humano, pilares da atuação do Psicólogo do Trabalho. Fui “passeando” por quase todas as veredas da chamada área de Recursos Humanos e seus subsistemas, destacando minha atuação na área de Treinamento e Desenvolvimento de Pessoal; minhas vivências, em sala de aula, elaborando e ministrando programas de capacitação e desenvolvimento; trabalhos com grupos, além de uma grande gama de observações empíricas sobre o ser humano e seu trabalho, nas relações sociais construídas no espaço organizacional e seus sistemas de gerenciamento.

Porém, em 2003, por diversos fatores pessoais, optei por reorganizar minha carreira e buscar os sonhos adiados, aqui seguindo o “conselho” de um poema de Fernando Pessoa: “Persiga um sonho, não deixe ele viver sozinho!” Acredito que cada instante de nossa vida é um convite, uma oportunidade, a nos convocar para contínuas mudanças.

Apesar da dedicação, da centralidade e importância que este trabalho me suscitava, senti necessidade de realizar “outros vôos”, buscando novos desafios em outras áreas. Uma de minhas respostas e decisão de forma bastante determinada, foi de planejar e colocar em

prática, prioritariamente, meu interesse e investimento na área acadêmica, através de muita disposição para um “recomeçar”, mais uma vez acreditando numa aprendizagem permanente.

Retomando novamente Fernando Pessoa: “sempre é preciso saber quando uma etapa chega ao final. Se insistirmos em permanecer nela mais do que o tempo necessário, perdemos a alegria e o sentido das outras etapas que precisamos viver”. Desta forma, iniciei minha própria “reorientação profissional”, em São Paulo, minha cidade natal, tendo a certeza que muito havia para conhecer dentro da Psicologia, mas com outra objetiva. Enquanto me definia na nova trajetória, resolvi fazer cursos, de pequena duração, nas áreas de Psicopedagogia, Orientação Profissional e Psicomotricidade, acreditando serem esses novos conhecimentos importantes para aprofundar meus conhecimentos em desenvolvimento infantil, adolescência e aprendizagem, sob a ótica das teorias psicanalíticas e, possivelmente, embasar uma atuação clínica profissional em consultório particular e/ou como voluntária.

Ainda “transformando” minha vida, em 2006 mudei-me de São Paulo para Florianópolis, movida pela busca de melhor qualidade de vida e, por saber que um antigo “namoro”, estabelecido nos passeios de férias, com a Universidade Federal de Santa Catarina, além de um possível mestrado e ingresso no mundo acadêmico estariam bem mais próximos. No entanto, este fato, bem demarcado para mim, como um grande desafio!

No período de adaptação e novos conhecimentos, tive a oportunidade de realizar, entre 2006 e 2007, outro curso de formação em Orientação Profissional, promovido pelo Instituto do Ser, ministrado pela Prof(a).Dra. Marilú Diez Lisboa e Prof(a)Dra. Dulce Helena Penna Soares. Também em 2006, tive meu primeiro contato e acesso com a UFSC, participando como aluna especial, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na disciplina Tópicos especiais em práticas sociais e constituição do sujeito I: trabalho, identidade e escolha profissional, ocasião esta que possibilitou “meu primeiro ponta-pé” rumo ao “gol” da vida acadêmica e, deste modo, fui aproximando-me das temáticas de interesse: trabalho e juventude.

Em 2007, iniciei uma atividade voluntária junto ao Projeto da ABRH na Escola, tendo atuado com jovens estudantes das escolas públicas da Grande Florianópolis. O objetivo era promover discussões sobre o mundo do trabalho, como também lançar algumas “dicas” para sua primeira inserção laboral. Nessas escolas, pude observar através de frequentes verbalizações e expressões sentimentais, algumas dificuldades que circundam a realidade desses jovens na busca do

primeiro emprego, devido às incessantes inovações do mercado de trabalho, a competitividade acirrada nos processos de recrutamento e seleção e as elevadas taxas de desemprego juvenil, segundo dados do próprio Ministério do Trabalho. Muitas indagações passaram a me inquietar: será que esses jovens, na busca do seu primeiro emprego, reconhecem em si e no mundo suas capacidades de interferência no processo histórico da sociedade e do mercado de trabalho? O que será o trabalho para esses jovens? Qual a importância na sua vida?. Também em 2007, tive a oportunidade de atuar como pesquisadora voluntária junto ao NETCOS – Núcleo de Estudos e Trabalho e Constituição do Sujeito, na pesquisa intitulada “Os sentidos do trabalho para servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina”. Tal experiência efetivamente me aproximou da pesquisa científica, bem como do exercício ético-profissional do psicólogo na construção do saber científico.

Diante desses caminhos e unindo experiências busquei concretizar o desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado somando todas as minhas vivências e seus sentidos, mesmo sem ter certezas prontas para o futuro, ousei-me nesta “aventura”. Deste modo, segue a apresentação da minha dissertação, um antigo projeto, agora objetivado, não somente em seu sentido material de tarefa e/ou prazo cumprido, mas, como uma oportunidade subjetiva de ter “saboreado” um novo capítulo na minha trajetória.

1 INTRODUÇÃO

A questão da juventude tem emergido como temática expressiva nas últimas décadas, seja para o propósito de discutir políticas públicas em diversas esferas sociais, seja para problematizar as temáticas trabalho/emprego para esse grupo, numa amplitude latino-americana. No entanto, ainda somam-se muitos questionamentos, pois nem mesmo são encontrados consensos no entendimento do que seja a juventude. Ao indagarmos o que é juventude, surgem muitas respostas numa abrangência que estende desde concepções do ponto de vista biológico (mais naturalizantes e como fase problemática, em definições etárias, como etapa de transição a vida adulta), até as de caráter mais social, compreendendo estes sujeitos em suas heterogeneidades. Nesta dinamicidade esse é um conceito em permanente transformação, heterogêneo a ser referido em sua pluralidade (León, 2005).

Diante do fato de os jovens formarem quase 20% da população mundial, é possível afirmar, como faz Pochmann (2007), que os jovens “tomam a cena atual”, de modo quantitativo no século XXI. O autor destaca o grande número de crianças e adolescentes trabalhando, e considera necessário desacelerar este processo. Para cada dez jovens no Brasil, sete já iniciaram uma atividade profissional. Nos países desenvolvidos, a presença de jovens no mercado de trabalho é muito menor, chegando a apenas um ativo para cada nove inativos.

O significativo aumento da chamada “onda jovem”, em idade ativa, qualificada como bônus demográfico, possui um efeito positivo sobre a dinâmica do desenvolvimento socioeconômico. Tal aspecto se depara em contraste com outras concepções clássicas, dentre elas, as que tematizam a juventude ora como etapa problemática ou como fase preparatória da vida. (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2008, grifo dos organizadores). Segundo o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), apresentando o Censo GIFE – Juventude 2007/2008 é premente a necessidade de atenção a este público que representa 53,9 milhões de jovens e 28% da população, na realidade brasileira.

No entanto, a positividade associada ao “peso numérico” deste segmento tem sido afetada pelo fenômeno mundial do desemprego. Dados estatísticos apontados pelo IPEA, e corroborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), notificam que na realidade brasileira a taxa de desemprego entre jovem de 15 a 24 anos é 3,5 vezes a dos adultos. Em 2005, 46,6% do total de desempregados eram jovens,

dados superiores comparados com 40,4% do México e 39,6% da Argentina. No Brasil, somente depois da segunda metade dos anos 1990 as questões juvenis “entram em cena” e, em 2005, criaram-se a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), que oportunamente serão novamente abordados.

Diante deste contexto e considerando minhas inquietações, já apresentadas anteriormente, busquei então conhecer um pouco das produções científicas vinculadas às temáticas de meu interesse: juventude e trabalho. Assim, realizei uma investigação através da revisão bibliográfica no banco de dados virtual da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)¹. Utilizei-me da conjugação das palavras-chave: sentidos do trabalho e juventude, e juventude e primeiro emprego, além de uma delimitação temporal entre os anos de 2000 a 2007, em ambos os casos. No primeiro acesso, encontrei um total de 166 teses/dissertações. Efetivamente, somente seis autores abordavam temáticas com relativa proximidade, frente ao presente projeto de pesquisa, tais como o jovem, o trabalho, a educação, sua inserção profissional, o desemprego e os sentidos do trabalho em uma única dissertação.

Na segunda conjugação, foram localizadas dezenove teses/dissertações, oito pesquisas abordavam discussões em relação aos modos de inserção no mercado de trabalho, o desemprego, as avaliações dos sistemas educacionais e políticas públicas vinculadas aos Programas de Primeiro Emprego². Complementando, Barbiani (2007) realizou um mapeamento latino-americano dos estudos e publicações sobre a temática juventude, também encontrando uma diversidade e intercâmbio que retratam as transições dos séculos XX e XXI sobre esse grupo e confirmando sua centralidade numérica no continente latino americano através da chamada “onda jovem”. Segundo o IPEA (2008), esse bônus demográfico da população juvenil remete a um aumento na população ativa e efeitos socioeconômicos no mercado de trabalho.

Deste modo, pude notar quão recorrentes e oportunos são os estudos voltados para as questões envolvendo a juventude, através de recortes que retratam o desemprego, especificamente, nesse grupo, suas

¹ Revisões realizadas no primeiro e segundo semestre de 2008, durante a elaboração do projeto desta dissertação no banco de teses da CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (<http://serviços.capes.gov.br/capesdw/>).

² No APÊNDICE A apresento um quadro síntese sobre as teses/dissertações com maior proximidade temática desta dissertação, com títulos e nomes dos autores, utilizados como referências e/ou bibliografias consultadas.

formas de inserção profissional e discussões envolvendo as políticas públicas nesse segmento. Julguei, portanto, que diante do meu forte interesse também poderia trilhar esse percurso e contribuir com novos conhecimentos, investigando a construção e atribuição dos sentidos que o trabalho suscita no jovem trabalhador, diante da sua primeira experiência profissional, dentro de uma sociedade de mercado globalizado. Navarro e Padilha (2007), ao comentarem sob o atual mundo do trabalho e suas mutações, entendem a necessidade de buscar novas compreensões e rever os significados e transformações do trabalho, operadas sob a égide do sistema capitalista, e seus efeitos para a subjetividade.

Entretanto, não somente os contextos produtivos sofreram alterações expressivas nas últimas décadas. Segundo Antunes (2000), a classe que vive do trabalho está sempre na situação angustiante de lutar pela inclusão profissional e social ou enfrentar a exclusão e a marginalização, sendo os jovens também integrantes deste panorama, gerando novos modos de subjetivação. Desse modo esta pesquisa propõe a seguinte questão geral:

Como se dá o processo de construção dos sentidos do trabalho para jovens em suas primeiras experiências profissionais?

Tendo como objetivo geral responder à questão proposta, são definidos os seguintes objetivos específicos:

- Investigar as relações entre trabalho e as demais dimensões da vida cotidiana dos jovens trabalhadores;
- Investigar como se deu a inserção no mercado de trabalho;
- Identificar quais os motivos principais que levam esses jovens a buscar sua primeira experiência profissional;
- Investigar o lugar do trabalho nas trajetórias de vida dos jovens.

Assim, será usado, como pressuposto teórico o referencial do materialismo histórico e dialético, no qual o trabalho é concebido como atividade central da vida humana. Em consonância teórica e partindo do pressuposto de que homem e sociedade estabelecem entre si uma relação de mediação, numa dialética entre o social e o histórico, sendo o homem constituído na e pela sua atividade, esclarece-se que a busca desses sentidos e a concepção de juventude terão como orientação teórico-metodológica a abordagem da psicologia sócio-histórica.

Os capítulos posteriores desta pesquisa se compõem da seguinte forma: no segundo capítulo, a apresentação do referencial teórico dentro

do materialismo histórico-dialético e da concepção da categoria trabalho adotada, a Lei da Aprendizagem que regulamenta o trabalho dos jovens a partir dos 14 anos de idade na condição de aprendiz e a compreensão dos sentidos e significados através das concepções teóricas metodológicas utilizadas pela perspectiva sócio-histórica.

No terceiro capítulo, segue-se com a exposição sobre o sentido histórico-social das juventudes, percorrendo sobre algumas dentre as múltiplas concepções. Na sequência exponho uma breve visão a respeito do lugar do jovem no mercado de trabalho contemporâneo. No capítulo quarto, apresenta-se o caminho metodológico desta investigação: o tipo de pesquisa, o estudo exploratório e a caracterização dos sujeitos dessa etapa, a seleção dos participantes, os procedimentos para busca de informações e análise dos dados.

No capítulo cinco, apresento alguns indicadores da população juvenil na cidade de Florianópolis, o lócus da pesquisa e o perfil dos participantes, caracterizando o estudo. No capítulo seis, Trajetórias, iniciam-se as discussões dos seguintes núcleos de significação: Experiência, Registro Formal e Consumo, Cotidiano e Projetos. Chegando ao capítulo sete, Primeiro Emprego, findam-se as discussões apresentando este quarto núcleo. E, posteriormente, as considerações finais.

2 TRABALHO: MUITO ALÉM DE UM CONCEITO

2.1 UMA BREVE CONCEITUAÇÃO DE TRABALHO

Sem Trabalho eu não sou nada, não tenho atividade, não sinto meu valor, não tenho identidade, mas o que eu tenho é só um emprego, um salário miserável, eu tenho meu ofício que me cansa de verdade. Tem gente que não tem nada e outros têm mais do que precisam.

Esse trecho inicial de uma música da banda Legião Urbana³ traz o tema do trabalho compreendido como elemento-chave para a vida humana, numa condição de assalariamento, sofrimento e desigualdades. O trabalho, embasamento dessa pesquisa, caminha dentro da historicidade fazendo parte da condição humana, e nas suas muitas “versões”, essa categoria permeia as relações sociais. De acordo com Castel (1998),

[...] a descoberta da necessidade do trabalho certamente não data do século XVIII. Tem suas raízes na maldição bíblica, e a condenação da ociosidade é uma constante de toda a pregação religiosa e moral, pelo menos para os que dependem desse tipo de trabalho que, literalmente, “faz suar”. (p. 226)

Deste modo, por meio de uma leitura teórica do materialismo-histórico dialético, pretendo conceber tal categoria dentro de uma concepção de centralidade e através dos sentidos revelados pelos jovens nas suas primeiras experiências profissionais, destacar o lugar ocupado pelo trabalho em suas vidas. O trabalho, na teoria marxista, para além de um elemento teórico da Economia Política, foi considerado um meio pelo qual a consciência deixa de ser mero produto de adaptações biológicas e passa a ser uma atividade autogovernada. O homem produz a sua própria humanização e, assim, distancia-se de sua animalidade, desenvolvendo novas faculdades e capacidades. Na opinião de Marx & Engels (2007/1932):

³ Essa música intitulada Música de Trabalho faz parte do álbum A Tempestade lançado pelo grupo musical Legião Urbana no ano de 1996.

[...] pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo o que se queira. No entanto, eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a *produzir* seus meios de existência, e esse salto é condicionado por sua constituição corporal. Ao produzir seus meios de existência, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (p. 44)

Em seu sentido genérico, o trabalho foi concebido por Marx (1985b/1818-1883) como um processo entre o homem e a natureza, ação essa exclusivamente humana, imaginada ou planejada com prévia intencionalidade. Tal processo transformador do homem e da natureza proporciona mudanças em ambos, num determinado tempo histórico. Mais além de uma categoria teórica, letra de música, palavra cotidiana no senso comum ou apontado como um conceito polissêmico, trabalho é a atividade pela qual se define o indivíduo como ser humano social. Dentro da ótica marxista, o trabalho possibilitou ao homem ir além da natureza. “A natureza dita o comportamento aos animais; o homem, no entanto, conquistou certa autonomia diante dela” (Konder, 1983, p. 24).

Segundo Blanch Ribas (2003), trabalho ao longo da história humana sofre inúmeras concepções e significados de acordo com o momento econômico, político e cultural ao qual está submetido. Dentro dos diferentes modos de produção⁴ (a escravidão, o feudalismo e o capitalismo) nota-se a existência do trabalho perpassando sempre uma relação de dominação/exploração, cada vez mais acentuada neste último. Para Marx (1985a/1818-1883, p. 141), “não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz, é o que distingue as épocas econômicas“. No século XVIII, período em que o capitalismo começa a se impor como modo hegemônico de produção, seu sentido passa a ser revestido numa dupla face de direitos e deveres. “De uma atividade que fazia parte da vida, o trabalho tornou-se o meio de ganhar a vida. O homem não mais possuía sua integralidade, não produzia o que consumia e não consumia o que produzia” (Organista, 2006, p. 29).

O capitalismo, caracterizado pela venda da força de trabalho de um trabalhador livre para um proprietário dos meios de produção, fez da força de trabalho humana uma mercadoria, através do trabalho

⁴ De acordo com Netto e Braz (2008) os modos de produção são uma articulação entre as forças produtivas e as relações de produção, sendo modificados ao longo da evolução humana e do desenvolvimento histórico-social, com peculiaridades distintas em cada época.

assalariado. Assim, o produto final não mais pertencia ao seu produtor direto, mas sim, ao capitalista. De tal modo, o trabalho concreto produtor de valor de uso para o atendimento das satisfações e necessidades do próprio produtor, dotado de condições naturais na relação homem-natureza, cede lugar ao trabalho abstrato, produtor de valor de troca (Marx, 1985b/1818-1883).

O capitalista investe na produção de valores de uso considerando que estes terão um valor de troca e serão destinados, como mercadorias, à comercialização. Pretende o capitalista, “extrair”, nesta operação, sua soma de valores antecipadamente empregados nos meios de produção e força de trabalho. “Quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria, não só um valor de uso, mas valor e não só valor, mais também mais-valia” (Marx, 1985b/1818-1883, p. 155).

Competição, concorrência, exploração, alienação, preço, dinheiro e uma busca insaciável pelo lucro - a partir da mais valia - serão as realidades que irão compor as relações homem-trabalho, implicando na destruição de todas as outras formas de produção e na desqualificação das culturas e sistemas de subjetivação e significação ligados aos antigos modos de produção (Tumolo, 2005). Nas palavras de Antunes (2005, p. 69), “aquilo que era uma finalidade básica do ser social – a busca de sua realização produtiva e reprodutiva no e pelo trabalho – transfigura-se e se transforma”.

No entender de G. Alves (2005), as mudanças ocorridas nos séculos XIX e XX, com a mundialização do capital e o intrincado desenvolvimento de reestruturação produtiva, geraram um novo e precário mercado de trabalho, além de um inovador contexto sócio-histórico para a classe trabalhadora. Segundo o autor, essas transformações, principalmente no trabalho industrial, promoveram metamorfoses nos processos laborais, tanto no sentido objetivo, quanto no subjetivo. Tais relações não são dicotômicas, mas sim, dialéticas, ou seja, as alterações objetivo-concretas irão significar novos modos de subjetivação.

As alterações em curso do capitalismo contemporâneo, em diferentes contextos econômicos, sociais, psicológicos e culturais, enfatizaram novos perfis de trabalhadores com características diferenciadas daquelas delineadas nos clássicos textos marxianos, “pois aquela época os trabalhadores assalariados eram predominantemente proletários indústrias” (Diogo & Coutinho, 2006, p. 124). Prosseguem, ainda, mutações com tecnologias poupadoras de mão-de-obra e taxas de desemprego, diminuição do emprego, subcontratação e precarização, alterando o sentido do trabalho e aludindo ao debate da sua centralidade

(Lapis, 2006).

Para pensadores como Gorz (2007), Rifkin (1995) e Offe (1989), entre outros, há o descentramento dessa categoria e o fim de uma emancipação humana fundada no trabalho. Segundo Offe (1989)

O trabalho foi não só objetivamente deslocado de seu status de fato da vida, central e auto-evidente; como consequência desta evolução objetiva, mas inteiramente contrária aos valores oficiais e aos padrões de legitimação desta sociedade, o trabalho está sendo privado também do seu papel subjetivo como a força motivadora central na atividade dos trabalhadores. (s/p, grifo do autor)

Em contrapartida a essas opiniões, há autores, tais como Antunes (2000), Frigotto (2002), Organista (2006) e Coutinho, Krawulski e Soares (2007), condizentes com as diversas transformações do “mundo do trabalho”, mas que irão argumentar e defender a centralidade dessa categoria. Assim, segundo Organista (2006)

[...] para alguns autores, o trabalho deixa de ser uma categoria analítica importante para compreender as relações sociais em virtude de suas transformações quantitativas e qualitativas. Ou seja, num primeiro momento, identificam trabalho e emprego, parecendo esquecer que o segundo é uma construção histórica enquanto que o primeiro é uma condição ineliminável da existência humana. (p. 10)

O trabalho ainda é a senha de identificação do homem contemporâneo, segundo Navarro e Padilha (2007), que defendem o caráter pluralista e central do trabalho nas vidas das pessoas, sendo a atividade laboral fonte de experiência psicossocial. A centralidade do trabalho não é simplesmente uma fonte de subsistência dentro da esfera econômica, mas também uma forma de reconhecimento do sujeito na esfera psíquica como agente social.

Para Antunes (2005), o trabalho mostra-se, então, como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência, e por isso, ponto de partida para sua humanização. Apesar de todos os avanços tecnológicos e das contradições na relação capital/trabalho, a força de trabalho é o componente central imprescindível desse processo, para a produção de mais valia e, portanto, o elemento fundamental dentro do processo de valorização do capital. Por mais restrita e precária

que seja a condição do sujeito dentro desse contexto contemporâneo, com fragmentações de tarefas e/ou introdução de novas tecnologias, o trabalho humano ainda permanece, pois a força de trabalho e o saber-fazer são recursos inalienáveis dos trabalhadores. “Por mais que se tente cercar a criação dos trabalhadores, eles não deixam de imprimir o seu traço pessoal” (Bianchetti, 1999, p. 136).

Considerando ser o homem capaz de mudar o contexto, de “reagir” e alterar sua condição de mercadoria e assim retomar e reafirmar seu efetivo papel de sujeito histórico, cabe questionar: serão os jovens trabalhadores capazes dessas mudanças? Problematicando a questão da juventude nesse cenário, surgem outras questões: será que os jovens reconhecem em si mesmos sua capacidade de interferência no processo histórico da sociedade e do mercado de trabalho ao iniciarem sua trajetória profissional? Quais sentidos o trabalho lhes suscita? Quais são as significações atribuídas ao trabalho?⁵

Os sentidos do trabalho nesta pesquisa foram narrados através da experiência do primeiro emprego dos sujeitos participantes. A expressão emprego surge a partir da Revolução Industrial, sendo entendida por Blanch Ribas (2003) como uma forma de trabalho definida por uma relação contratual, entre as partes, na qual a força de trabalho é comprada pelo contratante, assim trocada por um salário e/ou remuneração. Ainda segundo o autor, o trabalho assalariado, no avançar do sistema capitalista, tem construído outros significados para o emprego, ressaltando seu caráter contratual “compromisso que envolve a pessoa que trabalha com o contrato, com outros componentes normativos (legal, social, moral e subjetiva)” (p.38) (tradução da pesquisadora).⁶ Esse trabalho, sob a forma de assalariamento, num contínuo processo de metamorfoses, passa por uma sucessão de condições salariais, não necessariamente lineares e indistintas, e de acordo com Castel (1998), a chamada “civilização salarial” trouxe para os trabalhadores, além dos deveres, também direitos. “Assim, o trabalho que era tão desvalorizado nas sociedades antigas, torna-se um elemento fundamentalmente integrador da sociedade, isto é, permite efetivamente a uma sociedade engendrar ou reforçar os laços sociais. A figura do trabalhador vai se tornar totalmente central” (Enriquez, 1999, s/p).

Com vistas a compreender o lugar do trabalho no imaginário

⁵ Os conceitos de sentidos e significados serão abordados no item 2.3.

⁶ Texto original: “conllea el compromiso de la persona trabajadora con los términos del contrato, con sus correspondientes componentes normativos (jurídicos, sociales, morales y subjetivos)” (p.38).

juvenil, Guimarães (2005), ao analisar uma das etapas da pesquisa intitulada *Perfil da Juventude Brasileira*⁷, foi buscar o sentido atribuído pelo jovem ao trabalho. A autora verificou que, longe de apresentar um sentido uniforme, o trabalho traz uma gama de múltiplos sentidos/significados.

Independentemente de sua efetiva finalidade singular para cada um dos pesquisados, bem como das condições sociais e culturais apreendidas no momento histórico atual, o trabalho, seja um valor, uma necessidade ou um direito, assume um caráter central na vida desses jovens. Em decorrência dessa centralidade, esses jovens profissionais, também, manifestaram suas angústias e inseguranças quanto à falta de vagas, somando em conjunto com os adultos as filas do desemprego e dos trabalhos precários (Guimarães, 2005).

Corrochano, Ferreira, Freitas e Souza (2008) apresentam dados do desemprego juvenil e mostram que o mesmo atinge de forma desproporcional as diferentes faixas etárias, os sexos, a cor/raça, contexto familiar e a escolaridade, por exemplo: o desemprego apresenta índices mais elevados quanto menor for a idade do jovem e não fica restrito àqueles com menor escolaridade. Numa divisão de gênero, por exemplo, as mulheres, mesmo tendo maior formação escolar, estão mais suscetíveis, destacando que as maiores desigualdades são em relação aos jovens negros, estudantes ou não, que compõem os mais altos índices de desemprego. Conforme aponta Pochmann (2007), a inserção da juventude no mercado de trabalho se mostra repleta de dificuldades e as ocupações, normalmente, são de formas precárias, diante da realidade econômica brasileira em gerar postos de trabalho qualificados e em maior quantidade.

Acrescentam-se às mudanças ocorridas no século XX, em relação ao “mundo do trabalho”, outros fenômenos sociais salientes quanto às relativas alterações estruturais na distribuição etária da população, em nível mundial, já comentadas na introdução desta investigação, resultando, então, num expressivo crescimento do grupo juvenil. Nesta nova perspectiva, a juventude transita do conceito de problemática para um destaque como “ator estratégico”, promovendo uma “onda juvenil” nos quadros que avaliam a população em idade ativa (IPEA, 2008).

Assim, numa busca de possíveis soluções, diante das dificuldades

⁷ A pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira* de 2004, desenvolvida pelo *Projeto Juventude/Instituto Cidadania*, com a parceria do *Instituto de Hospitalidade* e do *Sebrae*, foi um estudo realizado em áreas urbanas e rurais de todo o Brasil, com jovens de 15 a 24 anos, de todos os segmentos sociais. Os dados foram colhidos em novembro e dezembro de 2003.

de inserção laboral e seu efetivo aumento populacional, a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2007), através do seu Diretor-Geral, lança o conceito de trabalho decente para a juventude, sendo este entendido como

[...] um trabalho produtivo com remuneração justa, segurança no trabalho e proteção social para o trabalhador e sua família, melhores perspectivas para o desenvolvimento pessoal e social, liberdade para que manifestem suas preocupações, organizem-se e participem na tomada de decisões que afetam suas vidas, assim como a igualdade de oportunidades e de tratamento para homens e mulheres. (p. 18)

Até aqui foi apresentado o conceito de trabalho e emprego, bem como sua face atual no capitalismo, o emblemático debate sobre a questão da centralidade, finalizando com a condição juvenil no mercado de trabalho. Na próxima seção, dou sequência com comentários sobre as políticas públicas voltadas a geração de empregos juvenis e da Lei da Aprendizagem.

2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS DE INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO

Tornou-se consensual que as discussões/ações envolvendo as temáticas juventude e políticas públicas despontaram, na realidade brasileira, nos últimos dez anos, tendo ainda como pressupostos iniciativas focalizadas e motivos emergenciais (Sposito & Carrano, 2003; Branco, 2005; Carvalho, 2006; IPEA, 2008). Contextualizando os programas e projetos públicos federais, Sposito e Carrano (2003), identificaram que além de recentes, os mesmos ainda apresentam “incipiente institucionalização e fragmentação”(p. 30).

As informações do Guia de Políticas Públicas da Juventude (2006) reiteram que a realidade brasileira está apenas “caminhando” nesse assunto, pois a constituição da SNJ e do CONJUVE são datados do ano de 2005. A SNJ tem como finalidade realizar uma articulação entre os programas e projetos, em âmbito federal, para jovens compreendidos entre os 15 e 29 anos. Já o CONJUVE foi criado para estabelecer um canal de diálogo entre a sociedade civil, o governo e a juventude brasileira.

Comentam Sposito e Carrano (2003) que o desafio do governo federal é “avançar para além das doutrinas da segurança pública e da assistência social no trato com as políticas públicas federais orientadas para os jovens”, inscrevendo e ampliando as políticas da juventude para um carácter universal. Esses autores, criticam alguns dos programas de inserção laboral, entendendo que eles “assumiram sobremaneira o fetiche da capacitação do jovem para um mercado de trabalho de poucas oportunidades” (p.31).

Dentre os programas voltados à inserção de jovens no mercado de trabalho encontra-se o Jovem Aprendiz, que faz parte da Lei da Aprendizagem. De acordo com Branco (2005), esta é uma das políticas públicas voltadas a minimizar o cenário desfavorável e reduzir os impactos sobre a procura de trabalho na juventude, emergindo assim um programa voltado para o primeiro emprego que associa a possibilidade de geração de renda para o jovem trabalhador, ora para complementar a renda familiar, ora para subsidiar sua própria autonomia material, além de fazer uma vinculação entre trabalho e educação.

Promulgada em 19 de dezembro de 2000 e regulamentada pelo Decreto nº. 5.598/2005, a Lei da aprendizagem estabeleceu que todas as empresas de médio e grande porte estão obrigadas a contratar adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos, na condição jovem aprendiz. Dispõe em sua formulação de um contrato de trabalho especial, por tempo determinado de no máximo dois anos. Os jovens beneficiados por essa Lei são contratados como aprendizes de ofício, denominação prevista na Classificação Brasileira de Ocupações – CBO do Ministério do Trabalho e Emprego, ao mesmo tempo que são matriculados em cursos de aprendizagem, em instituições qualificadoras reconhecidas, responsáveis pela certificação. Desse modo, a carga horária definida contratualmente soma a atuação prática na instituição e também os conteúdos teóricos.

Na legislação vigente estabelece as seguintes cotas como diretriz para os contratantes: fica fixada em 5% no mínimo, e de 15%, no máximo, por empresa, sendo tais valores calculados sobre o total de empregados que demandam formação profissional, sendo excluídos das funções gerenciais, de nível superior e técnico. Aprendizagem era é um dos seis componentes do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), criado no ano de 2003, com objetivos de promover qualificação profissional, inclusão social e inserção de jovens no mercado de trabalho. No entanto, em 2007, com a criação do Programa

Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem,⁸ os programas existentes voltados para a juventude foram unificados, dentre eles o PNPE.

A presente pesquisa investigou jovens inseridos no mercado de trabalho por meio da Lei da Aprendizagem. No contexto desta inserção os participantes foram convidados a expressarem seus sentidos sobre o trabalho. A partir do próximo subitem, apresento uma delimitação dos conceitos de sentidos e significados, através das concepções teóricas metodológicas utilizadas pela perspectiva sócio-histórica.

2.3 SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO

Esta seção está centrada na discussão sobre os conceitos de sentido e significado, considerando que a problematização desta pesquisa visa apreender, discutir e analisar os sentidos do trabalho para jovens na sua primeira experiência profissional. Mesmo sabendo existir uma pluralidade de sentidos do trabalho, esta pesquisa, corroborando com Raitz (2003, p. 56), não intenciona “reconstruir este constructo ou arcabouço existente sobre os diversos sentidos do trabalho e seus períodos históricos, muitos autores já o fizeram”.

Pretende sim, contribuir com as diversas áreas de estudos, como a Psicologia, a Sociologia do Trabalho e a Administração que têm se empenhado em conhecer quais são os sentidos e significados do trabalho tendo em vista as já referidas alterações que o contexto histórico e social promoveu no conceito do trabalho. Ressalte-se que novos estudos ganham evidências a partir da década de 70, através de distintas correntes epistemológicas, tais como a sócio-histórica, o construcionismo, o cognitivismo e a humanista (Tolfo, Coutinho, Almeida, Baasch & Cugnier, 2005). Segundo as autoras nas diversas abordagens sobre sentidos e significados, estes são tratados, frequentemente, de forma única não sendo explicitada uma distinção analítica conceitual. No entanto, esta pesquisa fará uma diferenciação entre sentidos e significados, fazendo uso desses conceitos através das “lentes” da psicologia sócio-histórica.

Nessa perspectiva, as categorias sentidos e significados são compreendidas como contornos privilegiados na busca da apreensão singular do ser humano. Os sujeitos aqui pesquisados foram vistos como seres constituídos em uma relação dialética com o social e o histórico,

⁸ Informações retiradas em 27 de abril de 2010, disponível em: http://www.mte.gov.br/legislacao/portarias/2008/p_20082711_991_anexoI.pdf

na e pela sua atividade e expressões humanas diversas, proclamando “a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos” (Aguiar, 2006, p. 12). Segundo Aguiar na diferenciação entre sentidos e significados, deve ainda ser esclarecido que, apesar da distinção, as duas categorias não devem ser analisadas separadamente, pois ambas são constitutivas uma da outra e em conjunto oportunizam aproximações da dimensão subjetiva do sujeito. Na presente pesquisa, a compreensão da categoria sentido foi pautada através da obra de Lev Semenovich Vygotski, um dos autores expoentes dessa conceituação. Segundo Namura (2007), esse autor,

[...] em seu pensamento crítico e de aguda sensibilidade para tratar dos processos psicológicos, formulou a categoria “sentido”, para ressaltar a natureza especificamente humana do homem, a sua capacidade de criação e autoprodução nos seus modos de existência, e para superar as cisões e reduções que a psicologia, aprisionada aos modelos naturalistas e idealistas de homem, promoveu no “sujeito psicológico”. (p.91)

Portanto, o sentido apresenta-se na expressão mais subjetiva do sujeito, num conjunto de fatores biológicos, intelectuais e afetivos que “imprimem” sua singularidade, apresentando-se como uma categoria complexa. Para Vygotski (1992), toda palavra é dotada de múltiplos sentidos, une pensamento e linguagem, fala interior e exterior numa formação dinâmica que acompanha o desenvolvimento do sujeito e seu contexto histórico social.

Segundo Namura (2004), a palavra não contempla o sentido do todo na expressão do sujeito. Diante de tal complexidade, Aguiar (2006) aponta como possibilidade na apreensão uma aproximação de zonas de sentidos. Portanto, além da análise do significado da palavra, devemos relacionar suas necessidades, interesses, aspectos afetivos e simbólicos, de acordo com suas relações sociais, vivenciadas de modo dinâmico e superar a cisão objetivo/subjetivo. “O sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz frente uma realidade” (Aguiar e Ozella, 2006 p.224).

Ao estudar a relação entre o pensamento, a palavra e a fala humana do ponto de vista psicológico, Vygotski (1992) considera o significado de cada palavra como uma generalização, ou um conceito, que apesar de, muitas vezes, ser “dicionarizado” ou mais inflexível, está

em constante evolução e sofre alterações quantitativas e externas, de acordo com o momento histórico. Desse modo, os significados são estabelecidos na esfera social, são históricos e culturais. “São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências” (Aguiar e Ozella, 2006 p.224).

O significado é um fenômeno do pensamento e um componente indispensável para a palavra. Há, no entanto, há uma predominância do sentido sobre o significado, pois as palavras e os sentidos são relativamente independentes, ou seja, as palavras podem mudar de sentido em função da entonação ou de um componente emocional, por exemplo. Concebendo o sujeito como um ser interativo, Gonçalves (2007) entende que dentro da Psicologia Sócio-Histórica

[...] o significado, que é social e objetivo, é apropriado pelo sujeito a partir de sua atividade, o que implica uma subjetividade própria de cada sujeito, o que se expressa na atribuição de sentidos pessoais. Os sentidos representariam a síntese entre a objetividade e a subjetividade, já que unificam a atividade do sujeito sobre o objeto, o significado social produzido intersubjetivamente e que representa a atividade sobre o objeto e a subjetividade na sua dimensão emocional (subjetiva) e ativa (objetiva). (p.72)

Seguindo essa orientação, indaguei aos jovens participantes desta investigação quais os sentidos o trabalho lhes suscita? Compreendendo esses sentidos como expressões sociais, porém construídas a partir da vivência pessoal, singular, dotada de emoções, sentimentos, contradições, ambivalências, entre outras, representativas na construção história desse sujeito juvenil. No próximo capítulo, sigo por esclarecer os conceitos de juventude/adolescência.

3 JUVENTUDES/ADOLESCÊNCIAS: RE (CONHECENDO) UM CONTEXTO

Adolescência é quando o jovem desabrocha para o mundo. É uma experiência tão forte que não comporta dúvidas. Por isso ela se impõe de forma absoluta. O adolescente não duvida do que vê e sente. (Rubens Alves, 2009, p.104)

Neste capítulo apresento a visão a partir da qual os jovens aqui pesquisados foram entendidos, ancorada na concepção de sujeito enquanto um ser histórico e social, produto e produtor do contexto em que está inserido, conforme os princípios do materialismo histórico-dialético e segundo um conhecimento psicológico fundado em uma perspectiva sócio-histórica, na qual cada sujeito é um “ser social e singular” o qual “constitui sua singularidade através das mediações sociais” (Aguiar e Ozella, 2006, p. 223).

3.1 O SENTIDO HISTÓRICO-SOCIAL DA JUVENTUDE

A historicidade humana, vista numa lógica dialética, indica leituras contraditórias dessa realidade, que não devem ser compreendidas isoladamente, mas, sim, num contínuo processo de relações sociais. Por isso, primeiramente, faço um breve percurso sobre algumas transformações históricas sobre dos conceitos de adolescência e juventude.

Há um panorama multifacetado de explicações e diferentes concepções sob a gênese da adolescência e juventude, umas mais cronológicas, biológicas, outras mais sociais. O marcante é reconhecer o quanto estudos e pesquisas envolvendo os jovens, seus modos de vida, relações com o mercado de trabalho e com a educação, entre outros, vêm aumentando com maior ênfase nas últimas décadas em toda a América Latina (Abramo, 2005; León, 2005 e Raitz, 2003 e Raitz & Petters, 2008).

De acordo com Ariès (1981), a preocupação com uma segregação etária ocupou importante papel na Idade Média. Até o século XVIII não havia distinção entre infância e adolescência; no século XX, através de uma expressão musical, surge o primeiro adolescente típico: o Siegfried de Wagner, proclamado numa mescla de pureza, força física, naturismo

e alegria, compondo assim um adolescente heróico. Por meio da literatura, preocupação dos moralistas e políticos, a “juventude surgia como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (p.47).

Na realidade brasileira, até os anos de 1960, a visibilidade juvenil era limitada às classes médias, aos jovens escolarizados participantes dos movimentos estudantis. Sequencialmente, já ao final do século passado, o foco de atenção é centralizado nas crianças e adolescentes em situação de risco. Tal conjuntura vista com extrema seriedade, inspirou ações sociais emergentes e o estabelecimento, em 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁹. O ECA, em seu Art. 2º, considera criança, “a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”. Apesar de seu importante papel, disseminando tais segmentos como sujeitos de direitos, foi somente por volta de 1995, que a “percepção da juventude para além da adolescência em risco, numa direção, e para além dos setores da classe média, em outra direção” tomaram força (Abramo, 2005, p. 39).

Lyra, Medrado, Nascimento, Galindo, Moraes e Pedrosa (2002), consideram cronologicamente como adolescência, um período interfacial com a infância e imediatamente anterior à juventude. Todavia, compreendem os autores que a devida ênfase deve ser dada mais “no tipo de experiência que a caracteriza do que propriamente no significado biológico/cronológico” (p.11). Para o CONJUVE (2006), a juventude é:

[...] uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária, que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos. Sendo tema de interesse público, a condição juvenil deve ser tratada sem estereótipos e a consagração dos direitos dos/das jovens precisa partir da própria diversidade que caracteriza a(s) juventude(s). (p.05)

Na opinião de León (2005), as classificações etárias não são suficientes para considerar os adolescentes e os jovens; permitindo, no entanto, demarcações sociodemográficas, por vezes, importantes nas investigações quantitativas. Comenta tal autor que, frequentemente, têm-se utilizado as seguintes segmentações: dos 12 aos 18 anos para designar a adolescência; dos 15 aos 29 anos para a juventude, sendo esta dividida

⁹ O Estatuto da Criança e do Adolescente foi criado em 13 de julho de 1990 sob a Lei 8.069.

em: dos 15 aos 19 anos, dos 20 aos 24 anos e dos 25 aos 29 anos, aproximadamente, já que, habitualmente tem havido alterações etárias, para baixo e para cima, prolongando essas faixas num intervalo entre os 12 e 35 anos.

León (2005) esclarece ainda que, quanto à utilização dos conceitos, disciplinarmente falando, a Psicologia tem se utilizado do termo adolescência, enquanto outras disciplinas sociais, como a Sociologia, Antropologia, História e Educação recorrem à terminologia da juventude. Ressalta que há casos de utilização desses conceitos de modo sinônimo e homologados entre si, em algumas ramificações da Psicologia Social, opção esta também adotada nesta pesquisa. Enfim, o imprescindível é entender a necessidade de se pluralizarem os conceitos.

Novaes (2002) considera o jovem como aquele indivíduo mais predisposto à vida, ou seja, biologicamente falando, se encontra mais longe da morte. A autora também corrobora a opinião de que se deve falar em várias juventudes, coexistentes em um mesmo tempo e espaço social, tomando o cuidado de não demarcar em “etapas de vidas” sequenciais. Na mesma direção, Reis (2006) se contrapõe à idéia de homogeneizar, tipificar e categorizar as experiências juvenis, considerando que as adolescências/juventudes devem ser compreendidas e analisadas em cada contexto sociocultural.

Notam-se, enfim, diferentes visões: de um lado aquelas que assinalam etapas da vida marcadas por faixas etárias homogêneas, enquanto outras, como a teoria sócio-histórica, compreendem a adolescência como uma construção humana, assumindo diferentes características de acordo com o contexto social. Segundo Bock (2004), não temos uma definição precisa entre as palavras adolescência e juventude, mas, sim, critérios construídos culturalmente, derivados da estrutura socioeconômica; portanto, falamos de adolescências. A adolescência não foi nem será sempre a mesma coisa, pois se acredita, numa visão sócio-histórica, que poderá existir de modo diferente em uma nova formação social, ou deixar de existir, considerando haver adolescências com significados sociais em muitas expressões, ao invés de uma adolescência única e padronizada. Desse modo, a concepção da adolescência como etapa natural e inerente ao desenvolvimento humano é contestada na abordagem sócio-histórica “o jovem não é algo por natureza” (Aguiar, Bock & Ozella, 2007, p.168).

As idéias de Abramo (2005) também corroboram neste entendimento, problematizando a necessidade de saber a qual juventude/adolescência se esta aludindo, pois para a autora:

[...] a significação social destes atributos das fases da vida são culturais e históricos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada. Tal como foi consolidado no pensamento sociológico, a juventude “nasce” na sociedade moderna ocidental (tomando maior desenvolvimento no século XX), como um tempo a mais de preparação (uma segunda socialização) para a complexidade das tarefas de produção e a sofisticação das relações sociais que a sociedade industrial trouxe (p.41).

Nesse pensar pode-se, então, encontrar dentro da modernidade a “constituição” de novas adolescências e juventudes. Torna-se então, necessário reafirmar que a constituição do sujeito, dentro desta pesquisa, terá como base as teorias sociocríticas que adotam a concepção ontológica na qual o homem é um ser histórico e cultural, um ser de relações e criações, em um movimento dialético de “construção” inacabada. Assim, pretendo, tal como Ozella (2003), fazer crítica as concepções clássicas, pois:

[...] a concepção vigente e hegemônica na Psicologia (assim como na mídia e no imaginário popular) é a de uma adolescência como etapa natural, inerente e própria do desenvolvimento do homem. Etapa marcada por conflitos e crises “naturais” da idade, por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade, enfim, uma etapa marcada por características negativas, sofridas, patologizadas, que ocorreria necessariamente em qualquer condição histórica e cultural, isto é, universalizada. A abordagem sócio-histórica não nega a existência da adolescência enquanto um conceito importante para a Psicologia. Entretanto não a considera como uma fase do desenvolvimento mas sim como uma criação histórica da humanidade (p. 9).

Os estudos realizados por Gonçalves (2003) sobre as produções veiculadas pela mídia televisiva em programas destinados ao público juvenil são um exemplo no qual se pode constatar que determinados significados dos meios sociais, novos hábitos, relativos à adolescência e juventude, são “instalados” e os “sujeitos juvenis” passam a se apropriar

desses modos de subjetivação. Define socialmente um lugar, adotando tais concepções como parte das determinações da sua conduta enquanto adolescente/jovem. Ficam então implicados em um movimento de repetição ou de transformação dessa realidade, consolidando respectivamente, realidades naturalizantes ou uma vivência e significação críticas, dependendo do seu meio social. “A sociedade, construída por nós mesmos, nos dá os limites e as possibilidades de ‘sermos’” (Bock, 1998, p.58).

V. Silva (2006) considera as atuais características da juventude atravessadas por uma série de lugares, fazeres, valores, papéis e responsabilidades e, portanto, concepções “fechadas”, não seriam mais oportunas. Entendo, pois, a importância de novos estudos que busquem contribuir, com as várias juventudes, sem a intenção de “enquadrá-los” em uma categoria absoluta. Assim, através de um “olhar” sócio-histórico, pretende-se conhecer os sentidos e, conseqüentemente, os significados, uma vez que o homem como ser significante tem a possibilidade de se “inventar” constantemente.

Avaliando que falamos de juventudes/adolescências, quando, já profissionalmente atuante, cada sujeito/jovem trabalhador, terá um discurso único e ao mesmo tempo múltiplo, pois, dialeticamente falará de um lugar social, de um contexto sócio-histórico próprio, em que o “indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si, mas uma relação em que um constitui o outro” (Aguiar e Ozella, 2003, p.256). Portanto, considerando as juventudes/adolescências construídas e significadas historicamente e ponderando que não há nada de patológico nem de natural, problematizo nesta pesquisa quais os sentidos do trabalho para as distintas juventudes/adolescências na sua primeira experiência profissional, como uma oportunidade de produção científica crítica a naturalizações. Partindo desse olhar e concordando com a opinião de León (2005), pretendi perfilhar as diversas juventudes e seus vários cotidianos, a partir do momento em que passaram a ser atravessados pelo trabalho.

3.2 O LUGAR DO JOVEM NO TRABALHO CONTEMPORÂNEO

Os jovens aqui pesquisados nasceram na década de 1990 e, possivelmente, devem conhecer, através da historicidade, as muitas mutações que o chamado “mundo do trabalho” vem passando. No entanto, são protagonistas da realidade que compõe uma parcela de sessenta e seis por cento (66%) da população jovem, entre 14 e 29 anos,

que já estão trabalhando ou em busca. De acordo com Corrochano et al. (2008) esses dados sugerem conceber importância na relação trabalho-juventude, na qual ainda 24,5% aliam os estudos ao trabalho.

Entre alterações observadas no mercado de trabalho brasileiro, ao longo do século XX, temos período de industrialização, entre 1930 e 1980, com uma expansão do emprego assalariado. Nessa época, o mercado mostrou-se também favorável para a inserção dos jovens no mercado de trabalho. No entanto, nos demais períodos, demarcados a partir dos anos de 1980, houve um declínio dos contratos com carteiras assinadas, havendo continuidade dessa tendência nos anos de 1990, com desemprego e postos de trabalho precarizados, atingindo os grupos mais vulneráveis como jovens, mulheres, idosos e negros. Numericamente, em 1990, apenas 24% do total de jovens entre os 15 e 17 anos dispunham de um vínculo formal. Na faixa etária entre 20 e 24 anos, tal índice alcançaria o valor de 39% (Pochmann, 2007).

Nesse cenário, os ingressantes, certamente não irão dispor de pontos de referência e “portos de ancoragem”, mas de uma dura realidade permeada de desafios e acirrada competitividade (Marques, 2004). Além disso, conta-se com uma redução de postos de trabalho e “tornou-se uma espécie de lugar comum falar em crise do trabalho ou fim do trabalho” (Frigotto, 2002, p.11). Os jovens são vistos por diferentes autores como Corrochano et al. (2008), Pochmann (2007), Antunes (2000) e Coutinho e Silva (no prelo), como um dos grupos mais vulneráveis a sofrerem com o desemprego, tarefas e contratos precarizados, como também predispostos a faixas salariais inferiores aos trabalhadores adultos. Mas diante destas condições poderíamos problematizar: por que estes jovens buscam sua inserção profissional tão precocemente?

Esse questionamento poderá ser compreendido através da avaliação de um conjunto de fatores, destacando-se as necessidades financeiras de famílias com baixa renda, fatores culturais nos quais o trabalho prevalece como fator disciplinar e o próprio desejo juvenil de consumo das suas satisfações pessoais e/ou familiares (Corrochano et al. 2008). M. Silva (2004) considera as questões sociais e a faixa etária como fatores importantes na definição das estratégias de inserção profissional para os jovens, imprimindo possibilidades distintas de acordo com a renda familiar. Cabe ressaltar que essas possibilidades não deverão ser entendidas como aspectos naturalizantes, nos quais somente os jovens decorrentes de famílias de menor poder financeiro necessitem trabalhar e que os provenientes de famílias com maior poder aquisitivo estejam fora do mercado de trabalho (Pochmann, 2007).

O autor acima citado se utiliza do padrão de inserção ocupacional (PIO) como um conceito-chave para compreender a situação atual da juventude no interior do mercado de trabalho. O PIO relaciona a passagem de jovens de uma situação inativa para uma ativa no mercado de trabalho, seja empregado ou desempregado, tendo como principais parâmetros o término dos estudos pelo jovem, ingresso no mercado de trabalho e mudança de residência para constituição de uma nova família ou não, sendo estes entendidos como componentes de passagem da condição inativa para ativa, na qual o jovem busca obter sua autonomia financeira.

A inserção do jovem no mercado de trabalho é vista como um dos complexos processos que compõe a chamada transição para a vida adulta. De acordo com Camarano (2006), o primeiro componente nessa direção era considerado a saída da escola. No entanto, pesquisas realizadas pela mesma autora entre os períodos de 1980 e 2000, apontam alterações em relação aos principais eventos do ciclo de vida. Ela esclarece que os ciclos esperados eram: o nascimento, a frequência escolar, o trabalho, o casamento, a constituição de domicílio próprio, o nascimento de filhos, a aposentadoria, o envelhecimento e a morte. Contudo, fatores como o prolongamento da duração da vida, a redução da fecundidade e da mortalidade infantil, nesses vinte anos, entre outros fatores sociais, têm espaçado cada um destes ciclos.

As transições para a vida adulta, ou seja, um reconhecimento social por pares e adultos, têm sido cada vez menos lineares e podem ser pautadas em, pelo menos, duas fortes contradições dentro da categoria trabalho: a primeira seria a precocidade de inserção laboral na realidade brasileira garantida legalmente a partir dos 14 anos. A segunda seria o alargamento ou prolongamento da juventude, na qual o jovem tem também sua permanência estendida dentro do sistema educativo, numa lógica global fundamentada nas chamadas sociedades informacionais ou do conhecimento, sendo protelada sua inserção no mercado de trabalho (León, 2005). M. Silva (2009) entende que neste alongamento os jovens podem permanecer nos estudos por falta de oportunidades ocupacionais, ou estarem interessados na busca de qualificações como uma estratégia de, futuramente, acessarem o competitivo mercado de trabalho.

Dentro da realidade brasileira, assinala Guimarães (2006), o elo juventude/trabalho, evidentemente expresso em diferentes contextos históricos culturais, ocorre de modo geral, registrando uma antecipação no ingresso laboral na vida dos jovens, por vezes, em prejuízo de uma adequada continuidade da vida escolar. Nas transições em curso, destaca Camarano (2006) o trabalho perpassa a entrada na vida adulta de muitos

jovens e “segue-o” até a sua saída, na aposentadoria, formando uma “longa” trajetória laboral, fato este que reitera a necessidade de novos estudos que possam expressar o que pensam e sentem os jovens sobre o trabalho, tal qual se fez nesta pesquisa. Para inserir-se e ocupar um lugar no mercado de trabalho contemporâneo, o jovem, na opinião de M. Silva (2009, p. 86), se depara com uma realidade de que não há um “lugar para todos”. Concluindo tais considerações, passo para a apresentação do caminho metodológico.

4 MÉTODO: A ESCOLHA DE UM CAMINHO

Escolher faz parte da vida de qualquer pessoa. Desde que nascemos estamos sempre escolhendo: o que queremos comer ou não, qual roupa iremos vestir. (Soares, 2002 p.19)

4.1 TIPO DE PESQUISA

A vida humana é permeada por momentos de escolhas. Escolher um caminho metodológico, no entanto, não é uma tarefa simples, pois “uma metodologia não se define por uma coleção de técnicas e instrumentos, e sim pela sua lógica orientando o processo de investigação” (J. Alves, 1991 p.56). Assim, a escolha do método deve ser coerente com outras opções nesse processo, de modo a estabelecer nexos desde a problematização, o referencial teórico, os instrumentos de busca até a análise de dados, pois esta “é indissociável de uma abordagem ontológica e epistemológica” (Gonçalves, 2007 p.113). Por isso mesmo, esta pesquisa, caracterizada por uma abordagem qualitativa, trabalhou com os processos de significação produzidos por seres humanos em suas realidades sociais (Minayo, 2007).

Utilizo como referencial teórico a Psicologia Sócio-Histórica e tive como questionamento analisar os sentidos atribuídos ao trabalho por jovens na sua primeira experiência profissional. Gonçalves (2007) entende que o método deve transcender uma simples questão instrumental e idealizar uma concepção de mundo, de homem e de conhecimento. Assim sendo, a compreensão dos sentidos partiu do entendimento de um homem constituído numa relação dialética com o social e sua história, conforme apresentado no capítulo três.

Através das palavras/signos, ou seja, através da linguagem, é possível compreender a constituição da subjetividade, pois na fala dos sujeitos muito além de meras respostas, estão expressas significações cognitivas, afetivas e volitivas estabelecidas num processo social e histórico e, portanto, reveladores dos sentidos (Aguilar, 2007). Tendo em vista essa concepção, optei pelo uso de entrevistas semiestruturadas como principal instrumento para busca de informações, com um roteiro organizado em eixos temáticos relativos a dados pessoais e familiares, atividades atuais e histórico profissional. Como instrumento complementar utilizei a fotografia de cenas de trabalho, também

significadas através de entrevista.

Esse projeto, pautado pelos parâmetros éticos vigentes no país, foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (CEPSH). O encaminhamento de toda a documentação exigida foi entregue para apreciação do Comitê de Ética em dezembro de 2008, sendo aprovada integralmente, conforme (ANEXO A). No contato com os participantes, utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, conforme modelo apresentado no APÊNDICE B, solicitando a autorização aos pais e/ou responsáveis e dos jovens entrevistados.

Segundo Krawulski (2004), outras ações do pesquisador compõem uma atuação ética, como, a proteção identitária dos sujeitos, através de nomes fictícios, esclarecimentos de todas as condições do estudo e fidedignidade no registro dos dados e resultados, condições essas também contempladas nesta pesquisa. Oportunamente, na apresentação dos instrumentos de busca, serão comentados os preceitos éticos utilizados nos recursos imagéticos. Para Minayo (2007), o processo de uma pesquisa qualitativa pode ser dividido em três partes: 1) fase exploratória; 2) trabalho de campo; 3) análise e tratamento do material empírico e documental. Assim sendo, seguem a explanação do estudo exploratório, os procedimentos para seleção dos participantes, os instrumento de busca e análise das informações.

4.2 ESTUDO EXPLORATÓRIO

4.2.1 Procedimentos Utilizados

Motivada pelo objetivo de melhor definir e esclarecer questões relacionadas ao problema, campo, escolha dos participantes e avaliação dos instrumentos de busca, realizei um estudo exploratório, entre os meses de agosto e setembro de 2008, com dois jovens trabalhadores.

A entrada no campo, o contato inicial, foi realizada em uma instituição de ensino pública, situada em Florianópolis-SC, diretamente com a responsável pela direção. A referida escola oferece cursos de ensino fundamental e médio, sendo escolhida por uma opção pessoal, decorrente de uma prévia experiência, no ano de 2007, como voluntária do Projeto ABRH na Escola 10, nessa instituição, além da facilidade de

10 Tal projeto tinha por objetivo levar informações sobre o mercado de trabalho para jovens de escolas públicas, através de equipe multidisciplinar de voluntários.

acesso.

Na ocasião, foi esclarecida a intenção do estudo e, apesar de algumas restrições, como não ter autorização para conversar com os alunos nas salas de aula, fui liberada a dialogar diretamente com os jovens antes do horário de aula e/ou de intervalo. Ressalte-se que a responsável pela instituição escolar autorizou meu acesso aos jovens ali matriculados. Deixou, porém, claro seu não envolvimento, em função de ser frequentemente solicitada por outros pesquisadores, além de alegar possíveis problemas com a Secretaria da Educação.

Iniciei então os contatos, seguindo as recomendações acima, conversando com vários jovens, normalmente, no pátio interno, abordando-os antes do horário de aula. O critério para a escolha dos sujeitos seguiu a definição etária regulamentadora do critério de juventude brasileira oficialmente autorizada para inserir-se no mercado de trabalho, ou seja, a partir dos 14 anos, na condição de jovem aprendiz e estar vivenciando sua primeira experiência profissional com o tempo mínimo de experiência de três meses.

Chegando ao campo estabeleci múltiplos contatos com os jovens ali matriculados, esclarecendo minha intenção da pesquisa. Foram necessárias diversas idas à escola para concretizar as duas entrevistas, em função da dificuldade de aceite, por parte dos jovens, além de outros questionamentos surgidos e que ainda compunham dúvidas, tais como: entrevistar jovens somente com vínculo formal ou não? E quando o jovem já tinha mais de uma experiência profissional, o que fazer? Bem antes dos contatos no campo elaborei roteiros de entrevista exploratória, semiestruturados, para a entrevista principal e dos recursos imagéticos, como também, providenciei a compra de uma máquina fotográfica digital, modelo Spider-man, posta à disposição dos sujeitos para a produção das fotografias das cenas de trabalho.

Num processo de constante avaliação/reavaliação e tendo confirmado os aceites de dois jovens, tive um primeiro e breve contato com os sujeitos esclarecendo, novamente, minhas intenções e entreguei o TCLE, para as devidas assinaturas, dos responsáveis legais e do próprio sujeito, ficando à disposição para outras informações através de contato pessoal e/ou telefônico. Ao agendar as datas das entrevistas, finalizei esse primeiro momento.

Com a confirmação e autorização dos responsáveis, via TCLE, foi realizada a primeira entrevista, na sede da própria escola, onde no período noturno dispõem de salas livres. A segunda entrevista aconteceu no campus da UFSC, nas proximidades do Hospital Universitário, por solicitação do próprio sujeito, já que o mesmo residia nas adjacências.

Ambas tiveram, em média, uma duração de trinta minutos e gravadas em aparelho mp3 para posterior transcrição e análise.

No término de cada um desses momentos, foi entregue uma câmera fotográfica, convidando à produção de imagens, tendo eu esclarecido sobre os registros fotográficos e indicado à seguinte premissa: pensando no que é trabalho para você, registre algumas cenas. Foi solicitada uma média de seis fotos. João¹¹, o primeiro sujeito, requereu a utilização da sua própria câmera fotográfica, como também o envio das mesmas, via internet e, nesta comunicação virtual, foi agendada nova data para conversarmos sobre as imagens produzidas. A máquina foi então entregue a Mário, o segundo sujeito, estabelecendo-se a mesma premissa citada e combinando um novo encontro, na própria escola, para devolução do equipamento fotográfico e posterior revelação. O prazo para a produção dos recursos imagéticos proposta aos sujeitos foi de uma semana.

João produziu quatro fotos do seu próprio local de trabalho. Na entrevista solicitei um comentário sucinto de todas e a escolha de uma foto que representasse a principal cena de trabalho para o mesmo, explorando o motivo da escolha. Mário, na primeira oportunidade, fez segundo ele, três fotos, porém teve algumas dificuldades no manuseio da câmera e quando desligou o equipamento acabou por apagá-las. Incentivado a realizar nova tentativa, solicitou minha presença no momento de realização dos registros, alegando não ter habilidades/conhecimentos no manuseio de câmeras fotográficas. Nessa ocasião registrou três cenas de trabalho, efetuando-as nas ruas próximas à UFSC, adjacências da sua residência. A análise dos recursos imagéticos desse sujeito não foi realizada, em virtude do mesmo não ter comparecido, nos horários agendados, por reiteradas vezes.

Seguindo os preceitos éticos as entrevistas foram gravadas conforme autorização do TCLE, transcritas na íntegra e devolvidas aos jovens para leitura e conhecimento/alterações nos momentos subsequentes, ou seja, na entrega do equipamento fotográfico para revelação e/ou na análise das fotos. A transcrição, do roteiro imagético foi entregue ao primeiro sujeito, via e-mail, a seu pedido. As imagens produzidas nessa etapa não foram divulgadas, ficando esse material somente aos cuidados do pesquisador.

Considerarei a realização desse estudo exploratório relevante, atendendo as premissas de melhor definição da problematização, avaliação dos instrumentos e ainda, uma possibilidade além de "lançar"

¹¹ Os nomes utilizados são fictícios.

pequenas cenas práticas de uma pesquisa de campo e suas vicissitudes. Ainda, apesar das dificuldades com o segundo sujeito, no procedimento complementar, julguei o uso da fotografia como um recurso de busca válido. Por isso, mantive a decisão pela sua continuidade com base na experiência com o primeiro sujeito, na qual o instrumento se apresentou como elemento facilitador na sua narrativa sobre os sentidos atribuídos ao trabalho, através das imagens. Para Zago (2003), dificuldades no campo de pesquisa, irão inevitavelmente ocorrer em menor ou maior grau.

Esse estudo exploratório, parte integrante do projeto de pesquisa, foi apresentado à banca de qualificação, recebendo contribuições que resultaram em alterações, em ambos os roteiros de entrevista, como também na consigna para a realização dos recursos imagéticos, sugestões de leituras, entre outros. Concluo esta descrição trazendo a caracterização dos sujeitos participantes desta fase.

4.2.2 Caracterização dos Sujeitos do Estudo Exploratório

Segue abaixo uma breve caracterização dos dois sujeitos entrevistados:

1. João era um jovem de 17 anos, sempre estudou nesta escola e estava no segundo ano do ensino médio. Trabalhava desde os 14 anos numa empresa prestadora de serviços de terceirização que pertencia ao seu tio. Começou como jovem aprendiz, porém, na época da entrevista, já tinha galgado outras funções e exercia a função de coordenador de faturamento. Morava com sua mãe e uma irmã, tendo mais quatro irmãos já casados. Seus pais eram separados desde a sua infância. Em sua família, todos os integrantes, inclusive os pais, tinham formação universitária completa, comentando ele ainda não ter feito nenhuma opção de carreira, mas que com certeza também faria um curso superior por exigência dos seus pais. Quando questionado sobre o trabalho, falou sobre a iniciativa de buscar uma atividade profissional, tendo esse desejo sido despertado a partir da experiência profissional de seu pai e das visitas realizadas em seu escritório de advocacia. Disse ser o trabalho parte essencial de sua rotina local, onde passava a maior parte do tempo e não pensava mais a sua vida sem o mesmo. Ressaltou esse

fato reiterando que, não somente em termos financeiros, pois não precisava contribuir no orçamento familiar, mas, sim, em termos de costumes e adaptações, do compromisso e responsabilidades adquiridas após a experiência laboral.

2. Mário era um jovem de 17 anos, estudava nessa escola há dois anos e estava no segundo ano do ensino médio. Trabalhava há três meses como estagiário em uma delegacia, tendo como tarefas a reprodução de cópias e a digitação de boletins de ocorrência. Morava com sua avó, tios e dois primos em Florianópolis há dois anos. Nasceu em Chapecó e sempre residiu com seus avós. Seus pais eram separados e tinha outros irmãos em decorrência de novos relacionamentos dos seus pais. Relatou ter tido pouco convívio com sua mãe e praticamente nenhum com seu pai, como também com os meios-irmãos. Admitiu que, em sua família, talvez somente sua mãe e uma tia houvessem concluído o segundo grau, não sabendo sobre a escolaridade dos demais. Quando questionado sobre o trabalho, comentou estar buscando uma atividade e conseguiu esse estágio através de um “intercâmbio” da sua escola, não sabendo esclarecer a que tipo de contrato de trabalho estava vinculado, somente que não tinha registro em carteira de trabalho, tendo este uma duração de um ano. Relatou não ter necessidade de ajudar no sustento da casa, sendo essa responsabilidade dos tios e da sua avó, mas precisava trabalhar para seu sustento pessoal. Além disso, pretendia futuramente ter uma vida independente e poder custear uma faculdade, apesar de ainda não saber qual curso superior escolheria. Colocou o trabalho como fonte de aprendizado, conhecimento e sobrevivência.

4.3 A SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Tomando por base as dificuldades da minha inserção no campo, já explicitado no item 4.2 sobre o estudo exploratório, optei por eleger outra possibilidade para contatar novos sujeitos na continuidade da pesquisa. Essa nova alternativa também elencada por uma prévia experiência profissional como voluntária deu-se por intermédio da uma organização não-governamental, mantenedora de projetos sociais, dentre eles o Programa Jovem Trabalhador – PJT-, conveniada com empresas

da Grande Florianópolis para encaminhamento de jovens, na condição de jovens aprendizes, por meio da Lei da Aprendizagem. Tal instituição filantrópica é uma organização de caráter não governamental (ONG) e será apresentada no capítulo 5, item 5.2.

Estabeleci o primeiro contato em novembro de 2008, obtendo autorização para a realização da pesquisa. Após as tratativas junto ao CEPESH já comentadas, iniciei o trabalho de campo em fevereiro de 2009, contatando a diretoria voluntária. Devido a algumas mudanças efetuadas na ONG, neste período, fui novamente convidada a participar de uma reunião. Realizei novos esclarecimentos sobre a minha intenção de pesquisa e fui posteriormente encaminhada à coordenação do Núcleo de Formação e Trabalho (NUFT), setor responsável por todas as etapas da operacionalização da Lei da Aprendizagem, no início do março de 2009, onde efetivamente iria atuar no dia-a-dia na seleção dos participantes e demais fases da busca de dados.

Nesta oportunidade e por indicação da coordenadora do NUFT, fui apresentada à pedagoga responsável pela supervisão dos módulos educacionais 12e dos professores, assim disponibilizando as primeiras informações práticas, do cotidiano da instituição. Desse modo, soube que os jovens trabalhavam quatro dias da semana em suas respectivas organizações e, num quinto dia, na sede da ONG, participavam de módulos educacionais, conforme prescrição da Lei da Aprendizagem, em turmas mistas, ou seja, provenientes de diversos segmentos organizacionais, públicos e privados, e/ou em turmas exclusivas de uma única organização, nos horários matutino ou vespertino. As turmas eram compostas, em média, por vinte jovens, tendo eu sido autorizada a entrevistar os jovens nos dias em que estavam na ONG, participando dos módulos educacionais, além de disponibilizada uma sala, dentro das próprias instalações, para a realização das entrevistas.

J. Alves, (1991) enuncia que, comumente, nas pesquisas qualitativas, não é possível estabelecer, a priori, um número de sujeitos. Por isso mesmo, não houve nenhuma preocupação ou definição antecipada deste número, mesmo porque, ainda seguindo essa autora, utilizaria para o encerramento da busca o critério da saturação dos dados. Direcionada pela coordenação do NUFT e pela pedagoga, integrante do mesmo setor, pude conhecer o cronograma das turmas, que ocorriam no seguinte formato: uma turma mista na segunda-feira pela manhã e três, também mistas, de terça-feira a quinta-feira, no período da

¹² Os módulos educacionais serão oportunamente apresentados com maiores informações.

tarde e, na sexta-feira à tarde uma turma exclusiva, contemplando jovens de uma única organização pública. Seguindo a compreensão de Zago, 2003, que os critérios de uma pesquisa qualitativa devem ser heterogêneos, busquei na escolha das turmas para divulgação, abranger as possíveis, diversidades, optando assim por turmas mistas, e nos diferentes horários de trabalho/estudo. Assim, foi eleita a única turma do período da manhã, além de uma turma do período da tarde, nas terças-feiras, esta última escolhida, por conveniência de datas e horários.

Realizei então o primeiro contato no dia 10 de março de 2009, com a turma da terça-feira à tarde, tendo me apresentado e esclarecido aos jovens, meus objetivos de pesquisa. Desse contato, houve interesse e adesão de seis jovens espontaneamente, formando um grupo de cinco meninas e um menino. Do grupo, dois jovens não tinham ainda três meses de experiência, mas, como haviam demonstrado interesse em participar, optei por desconsiderar esse pré-requisito na seleção dos participantes. Avaliei que, mesmo com um pequeno intervalo de vida profissional, os jovens já teriam “elaborado” sentidos para essa vivência. Assim, receberam o TCLE, sendo esclarecidos da necessidade de autorização dos pais e/ou responsáveis para efetivarem sua participação. Agendei novo encontro na semana seguinte, para recolhimento dos TCLE’s e início das entrevistas, além de me dispor a contatar, via telefone, os pais e/ou responsáveis para outras informações complementares. Do grupo, somente um dos sujeitos achou necessária a ocorrência de um contato telefônico com sua mãe, combinando-se um melhor dia e horário designado pelo próprio sujeito para que eu efetuasse a ligação. Com os demais interessados somente anotei nome completo e telefone.

Na semana seguinte, cinco dos TCLE’s foram entregues devidamente assinados e autorizados e as entrevistas gradativamente agendadas. O sexto sujeito relatou que seu TCLE fora assinado por mãe, porém havia esquecido de trazê-lo, ficando assim pendente sua entrega para a semana seguinte, como também o agendamento da entrevista. Sequencialmente, na entrega do sexto TCLE, as seis entrevistas deste período foram realizadas. Na última semana do mês de março de 2009, foi realizado o primeiro contato com a turma matinal, da mesma forma já descrita, resultando em cinco novos jovens interessados, sendo três meninas e dois meninos.

Ficou assim delimitado quem seriam os participantes desta pesquisa, inicialmente um grupo de onze sujeitos. No entanto, no decorrer do processo um dos sujeitos participantes, mesmo já tendo realizado a entrevista, se desligou da ONG e optou por não mais

contribuir nesta pesquisa. Houve ainda outro desistente que aguardava a realização da primeira entrevista. Restou então um grupo de nove sujeitos, oito meninas e um menino, e as entrevistas foram se efetivando, sempre seguidas das entregas dos TCLE's, como veremos a seguir através dos instrumentos utilizados na busca das informações.

4.4 PROCEDIMENTOS PARA BUSCA DAS INFORMAÇÕES

Franco (2005 p. 33) afirma que a estruturação de uma pesquisa é um “plano para coletar e analisar dados a fim de responder à pergunta do pesquisador”. No entanto, são inúmeras as variedades e as possibilidades na escolha dos instrumentos. Para Zago (2003 p. 287), “os instrumentos adotados na coleta de dados somente ganham sentido quando articulados à problemática de estudo”. Além disso, em pesquisas de abordagem qualitativa os instrumentos não devem ser compreendidos como produtores “de resultados finais, e sim um meio para a produção de indicadores” (Aguiar, 2007, p. 135).

Os instrumentos de busca foram escolhidos e se constituíram em ferramentas através das quais pude ter a possibilidade de me aproximar “do não-observável”, da subjetividade do sujeito. Tal subjetividade salienta Gonzáles Rey (2004), não deve ser entendida como uma mera oposição à objetividade e necessita transpor as dicotomias consciente-inconsciente, individual-social, afetivo-cognitivo, sendo a produção de sentidos consequência da interação simultânea dessas dimensões. Ainda, conforme esse autor, os sentidos são constituídos de modo dinâmico, fluido e complexo, articulados dialeticamente com o social.

Assim, decidi por utilizar na busca das informações a entrevista e a fotografia. Para Aguiar e Ozella (2006, p. 226) a entrevista é “um dos instrumentos mais ricos e que permite acesso aos padrões psíquicos que nos interessam, particularmente, os sentidos e os significados”. Esses autores também opinam de modo favorável, à utilização de um

instrumento complementar, combinando no momento analítico um maior aprimoramento dos dados obtidos.

A entrevista, como principal instrumento, foi realizada a partir de um roteiro norteador (APÊNDICE C), organizado em informações pessoais e familiares, sobre o primeiro emprego e a vida cotidiana, e seu futuro. Ressalto que, mesmo com uma semi-estruturação, sempre foi sempre consentida aos sujeitos a possibilidade de falarem livremente, estabelecendo dialogicidade e interação (Minayo, 2007). Vale esclarecer que, segundo as necessidades, o roteiro norteador sofreu modificações na condução das conversações, entendendo a singularidade de cada sujeito (Zago, 2003).

No início de cada entrevista, eram retomadas as informações sobre a pesquisa, e os sujeitos eram sempre questionados sobre a ocorrência ou não de dúvidas a serem dirimidas. Em caso negativo e com a entrega do TCLE devidamente assinado, iniciava-se a conversação, sempre gravada em aparelho mp3 para posterior transcrição na íntegra. De modo geral, as entrevistas duravam em média de 29 minutos, variando num intervalo da menor de dezoito minutos e da maior de quarenta e quatro minutos. As transcrições foram disponibilizadas para leitura para todos os sujeitos, em encontros subseqüentes, ou via e-mail, conforme a preferência e solicitação de alguns. No entanto, somente efetivaram a leitura Mariana, Patrícia e Adriele¹³.

A fotografia, utilizada como instrumento complementar, “surgiu” então, ao término de cada entrevista. Maurente e Tittoni (2007) opinam que as imagens fotográficas, como recursos metodológicos têm sido utilizadas por distintas áreas de estudo, tais como Antropologia, Comunicação Social, Psicologia, Sociologia e Educação. Complementam tal opinião Maheirie, Boeing e Pinto (2005, p. 215), quando consideram que “a fotografia é um recurso de conhecimento em marcante crescimento, expansão e importância”.

Neiva-Silva e Koller (2002) enunciam que na análise literária sobre o uso da fotografia nas pesquisas psicológicas, são encontradas

¹³ Os nomes utilizados são fictícios, tendo sido escolhidos pelos próprios sujeitos.

quatro funções para esse recurso: registro, modelo, função autofotográfica e instrumento de *feed-back*. De modo sucinto esclareço, dentre as quatro funções, primeiramente as três não utilizadas e, posteriormente, a função que contempla esta investigação. A fotografia na função de registro tem uma ação documental de determinada ocorrência e sua importância dentro da pesquisa é apenas do conteúdo registrado. Como função modelo, as fotos são apresentadas pelo pesquisador aos sujeitos, sendo então analisadas suas percepções, fala e reações destes. Na função *feed-back*, as fotografias já previamente registradas por um terceiro, são apresentadas ao sujeito ou grupo de sujeitos tendo um intuito avaliativo de determinada temática em recorrentes encontros entre pesquisador e sujeito.

Na presente pesquisa, os recursos imagéticos foram concebidos pela função autofotográfica, ou seja, cada sujeito produziu suas próprias fotografias, recebendo uma máquina fotográfica, modelo Kodak – câmera EC70,¹⁴ sendo cada sujeito instruído de como manuseá-la corretamente e convidado a produzir, no mínimo seis e no máximo doze fotos, segundo a seguinte premissa: fotografe cenas do seu cotidiano de trabalho ou cenas cotidianas de trabalho para você. Tal possibilidade foi sugerida considerando a probabilidade de que algumas das empresas contratantes dos jovens aprendizes não autorizassem a realização de imagens fotográficas em seus ambientes de trabalho. Pode-se pontuar que entre as demais funções e a autofotográfica existe como principal diferença, o fato desta última, possibilitar ao seu próprio produtor discorrer suas significações sobre cada cena criada e posteriormente ser materializada na sua revelação.

Assim sendo, era combinado um novo encontro, sempre nos dias que os jovens estavam na ONG, para devolução da máquina fotográfica, tomando as providências para revelação dos filmes. O intervalo combinado para a produção dos recursos imagéticos foi de uma semana. Entre os nove sujeitos participantes do estudo, Camile, Mariana e Adrielle solicitaram mais uma semana para a entrega das fotografias, alegando que durante o período dos primeiros sete dias só conseguiram registrar um número menor de seis fotos. Foram então orientadas e incentivadas à produção de, no mínimo, seis recursos imagéticos.

Revelando-se as imagens, uma nova entrevista foi realizada, seguindo nessas conversações também um roteiro norteador conforme

¹⁴ As câmeras fotográficas, de modelo semidescartável, foram disponibilizadas pelo pesquisador, numeradas e identificadas, medidas essas somente de precaução em caso de possível extravio.

APÊNDICE D. Da mesma forma como na entrevista principal, os sujeitos foram incentivados a verbalizarem livremente. Segundo Ramalho e Oliveira (2006, p. 216), “em cada texto visual está registrado um discurso, evidenciando uma visão específica, a do seu criador”. O “movimento” desse roteiro norteador visou buscar os sentidos do trabalho para os sujeitos produtores e leitores das suas próprias imagens, entendendo, segundo essa autora, que “tudo isso é necessário para que se chegue aos incontáveis sentidos de um texto, ao que quer dizer a imagem, ao plano de conteúdo, sem esgotá-lo, no entanto” (p. 217).

Além disso, “*na sociedade da imagem*, as cenas imagéticas não só *falam* do mundo como constituem, elas próprias, o mundo” (Da Ros, 2006, p.222, grifo da autora). Titon (2008), em estudo com jovens da periferia da cidade de Florianópolis, ao utilizar-se da fotografia, considerou neste recurso metodológico, a possibilidade deste se constituir como uma forma de linguagem e ser concebido como representações do real, denotando um contexto histórico-cultural.

Esclareço que, conforme antecipado no subitem 4.1 deste capítulo, quando às imagens fotográficas utilizadas neste estudo, apresentaram identificações dos próprios sujeitos e/ou outros participantes, como também marcas e/ou logotipos organizacionais, registrados nas cenas de trabalho, as mesmas foram “borradas”, visando deste modo cumprir e manter a integridade ética, já comentada e contemplada nesta pesquisa. Além disso, as entrevistas dos recursos imagéticos também foram gravadas em aparelho mp3 para posterior transição e análise.

Conhecendo sua utilização em outras investigações, esse recurso complementar, foi sendo aprimorado com a finalidade da pesquisa em questão, tanto no projeto exploratório, como também, através de bases teóricas, originando, em minha opinião, uma nova forma de linguagem, “novos olhares”, ampliando a análise sobre os sentidos. Como meu objetivo foi compreender quais sentidos são atribuídos ao trabalho pelos jovens na sua primeira vivência profissional, em nenhum momento busquei realizar análises de modo interpretativo nas fotos das cenas de trabalho. Elas foram sempre expressas pelos próprios autores, receberam uma ordenação numérica e título, seguindo com os comentários sobre cada foto e do seu conjunto. Também elegiam, diante do conjunto produzido, a cena mais significativa de trabalho por eles produzida, concluindo por comentarem sobre as possibilidades não fotografadas. Assim, passo para o procedimento na análise das informações.

4.5 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

Tendo como pressuposto teórico a abordagem sócio-histórica, a análise dos dados foi realizada através dos Núcleos de Significação, conforme preconizados e utilizados por Aguiar e Ozella (2006), numa estrutura epistemológica baseada na teoria de Vygotski. Deste modo, buscou-se conhecer a constituição do sujeito em sua processualidade histórico-dialética, na qual os sentidos e os significados são produzidos por complexas relações na sua trajetória.

A atuação do pesquisador deve, de acordo com Aguiar (2007), ir além da descrição da realidade, devendo explicá-la, produzindo/elaborando conhecimentos a partir das narrativas do sujeito. Nesse processo, a análise se efetiva dentro de um marco teórico. No entanto, “não deve ser vista como um conjunto rígido” (p. 132), e o pesquisador deve estar preparado para todas as divergências que este momento empírico possa apresentar. Assim sendo, Aguiar e Ozella (2006) frisam:

[...] que nossa reflexão metodológica, sobre a apreensão dos sentidos, estará pautada numa visão que tem no empírico seu ponto de partida, mas a clareza de que é necessário irmos além das aparências, não nos contentarmos coma a descrição dos fatos, mas buscarmos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo no seu processo histórico (p.222).

Os mesmos autores, ao descreverem seus procedimentos de análise, indicam inicialmente a realização de várias leituras “flutuantes”, para tornar familiar este material, e, posteriormente, organizar os pré-indicadores, caracterizados pela suas frequências, importância e carga emocional. Numa nova leitura, os pré-indicadores irão passar por um processo de aglutinação por suas similaridades, complementaridade ou contraposição, formando assim os indicadores ou conteúdos temáticos. Retornando ao material das entrevistas, o pesquisador deve iniciar seleções de trechos ilustrativos desses indicadores. No passo seguinte, os indicadores serão articulados e resultarão nos núcleos de significação, que poderão ser nomeados com as próprias falas dos sujeitos e analisados num processo intranúcleo e internúcleos.

Deste modo, a partir das leituras “flutuantes” e muitas re-leituras dei o “primeiro passo” de um processo de articulação que teve como desfecho quatro núcleos de significação, conforme abaixo apresentados.

As recorrentes leituras, feitas de forma meticulosa, possibilitaram a organização dos chamados pré-indicadores. Estes foram caracterizados por palavras, frases que chamaram minha atenção pela sua repetição, reiteração, ambivalências, carga emocional ou pelas contradições. Identificados normalmente em um quadro amplo, nesta pesquisa foram dezessete, optei pela realização de “esquemas gráficos”, com esses pré-indicadores, organizando-os com algumas falas dos sujeitos, considerando que estabelecería maior visibilidade das informações. Assim, através de novas leituras, fui formando uma “segunda fase”, reduzindo os pré-indicadores, aglutinando-os pela similaridade, complementaridade ou pela contraposição, caminhando para a formação de sete indicadores: Contexto Cotidiano, Vida pessoal, Planejando o futuro, Adquirir Experiência, Prestação de Serviços, O começo e Condições de Trabalho. Apresentam-se, a título de exemplo, no APÊNDICE E os esquemas gráficos referentes aos indicadores.

Conforme lembram os autores, “alguns indicadores podem ser complementares pela semelhança do mesmo modo que pela contraposição” (Aguiar & Ozella, 2006 p.226) e se deve retornar às entrevistas e dar início às primeiras seleções de trechos, os quais identifiquem e/ou esclareçam os indicadores, uma vez que deles serão formados os núcleos de significação. Num movimento dinâmico de idas e vindas nas entrevistas e seguindo Aguiar (2007), fui “garimpando” todos os possíveis aspectos que poderiam ser futuramente nuclearizados, e constantemente retomando meus objetivos específicos.

Os quatro núcleos, expressões das falas dos sujeitos, quando identificados formaram o primeiro momento analítico desta pesquisa. Na sequência, houve a análise propriamente dita, primeiramente, intranúcleo e, posteriormente, numa articulação internúcleos, sendo sua finalização e compreensão dos sentidos decorrentes da articulação dos núcleos dentro de um contexto social e histórico. Em síntese, nesse caminho analítico foram dezessete pré-indicadores, sete indicadores e os quatro núcleos de significação assim denominados: Experiência, Registro Formal e Consumo: queria ter o meu emprego e o meu salário, Cotidiano: tudo ficou mais corrido, Projetos: eu quero ter outra história de vida e Emprego: têm diversos tipos, um diferente do outro. Vale ser ressaltado que a nomeação dos núcleos foi composta com as próprias falas dos sujeitos. Na representação gráfica abaixo (FIGURA 1), tentei expressar de forma didática, a concepção dos núcleos, num esforço de expressar os movimentos dos jovens, suas histórias e sentidos da sua primeira experiência profissional. Posteriormente à FIGURA 1, é apresentado e caracterizado o lócus da pesquisa, bem como o perfil dos

participantes.

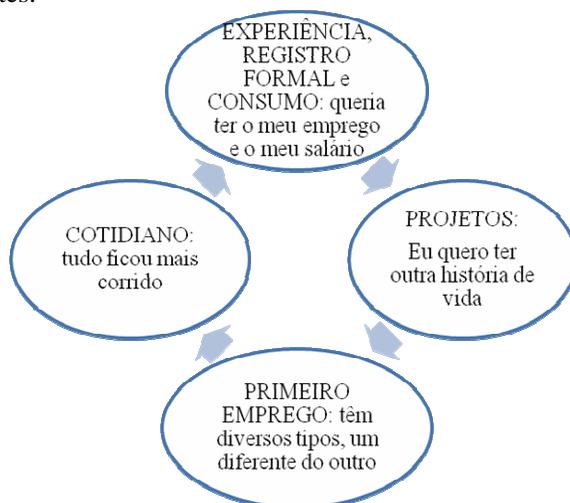


Figura 1 – Representação Gráfica dos Núcleos de Significação

5 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

5.1 ALGUNS INDICADORES DA POPULAÇÃO JUVENIL NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

Florianópolis foi fundada por bandeirantes paulistas no final do século XVII, sendo, nesta época, nomeada de Nossa Senhora do Desterro. Somente no século XX foi rebatizada para seu atual nome. Capital e centro administrativo do estado de Santa Catarina, teve sua expansão com a implantação da UFSC, entre os anos de 1950 e 1960, e com a inauguração da BR-101 em 1970. De acordo com Durand e Beltrame (2005), não há informação oficial sobre sua principal atividade econômica; nota-se concentração na administração pública, no turismo e comércio. Situada em uma bela ilha oceânica com 523 quilômetros quadrados, firmou-se como grande pólo turístico estadual¹⁵. De acordo com dados do IBGE 2000, Florianópolis tinha uma população total de 342.315 habitantes, sendo que cerca de 20%, 69.989, estavam dentro da faixa etária entre 15 a 24 anos. Ao seu entorno encontram-se os municípios de Biguaçu com uma população de 48.077, sendo que 38,28% situam-se nas faixas de 10 a 29 anos de idade, São José com 173.559 mil habitantes, sendo 34.963 entre 15 e 24 anos e Palhoça com 102.724 mil habitantes, sendo 19,5% deste número dentro da faixa de 15 a 24 anos. Quatro jovens entre os pesquisados residiam em Florianópolis: Giovana, Adriana, Junior e Viviana, Camile, Patrícia, Mariana e Carla residiam em São José e Adriele em Palhoça.

Em uma análise regional, sobre as políticas públicas locais das regiões da Grande Florianópolis, Durand e Beltrame (2005) puderam constatar que elas revelam um quadro pautado com equivalências da situação nacional, ou seja, ações recentes e focalizadas. Entre os municípios estudados, Biguaçu, Florianópolis, Palhoça e São José, somente este último tem uma Secretaria da Juventude, vinculada, prioritariamente, a atividades esportivas. Em Florianópolis, os programas e projetos locais, são desenvolvidos na Secretaria da Habitação, Trabalho e Desenvolvimento. Apontam os autores para a ausência de um órgão que ocupe especificamente as juventudes entre esses municípios e que essas políticas da juventude, de modo geral, têm

¹⁵ Informações recuperadas em 14 de janeiro de 2010, disponíveis em: <http://www.sc.gov.br/conteudo/santacatarina/geografia/paginas/regioes.htm> e <http://www.sc.gov.br/portalturismo/Default.asp?CodMunicipio=2&Pag=1>

caráter assistencialista. “Pode se destacar que o discurso da região está sob a égide da reinserção social” (p.20). Em suas especificidades, o município de São José concede maior ênfase aos projetos/programas com o caráter esportivo de competição; nos municípios de Florianópolis e Palhoça, esta se volta para à preparação para o mercado de trabalho, e no município de Biguaçu encontram-se vinculadas às atividades do calendário escolar.

Conforme apresentado no capítulo três, as discussões sobre a temática juventude tornam-se mais acentuadas, em escala mundial, nas décadas finais do século XX, decorrentes das alterações estruturais na distribuição etária dessa população. Pochmann e Amorim (2003), ao organizarem o Atlas da Exclusão Social no Brasil, fazem um mapeamento de indicadores de exclusão social em todas as cidades brasileiras, considerando os seguintes indicadores: pobreza, emprego formal e desigualdade, que compõem o índice padrão digno de vida; anos de estudo (escolaridade) e alfabetização compõem o índice de conhecimento; concentração de jovens e violência relativos ao índice de risco juvenil. Esses índices podem variar de zero a um e, quanto mais próximos de zero, pior será a estimativa das condições de vida de uma determinada localidade. Dentro do estado de Santa Catarina predominam indicadores positivos e, especificamente, a cidade de Florianópolis ocupa no “ranking” o terceiro lugar, dentre as melhores situações sociais do estado. O menor índice da cidade é o relativo ao emprego formal com 0,578, que ainda pode ser entendido como uma “boa média” na relação de emprego formal/trabalhadores. Assim, numa cidade com bons índices de alfabetização, adequação na concentração de jovens e, na época, nível de violência restrito, compõem um quadro com baixos índices de risco juvenil, distanciando a cidade dos índices de exclusão encontrados nas regiões Norte e Nordeste.

Deste modo com informações ampliadas sobre a região Sul, que compreende os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, vou então me aproximando do lócus desta pesquisa, tendo como foco a modalidade Jovem Aprendiz. Em informações obtidas no SisAprendizagem¹⁶, essa região no ano de 2008 contratou um contingente de 28.030 jovens aprendizes, através de 232 entidades cadastradas. Especificamente na cidade de Florianópolis, foram 888 jovens contratados por meio de dez entidades, sendo a ONG pesquisada

¹⁶ Sisaprendizagem foi desenvolvida pelo MTE para auxiliar na verificação do cumprimento da legislação para o aprendiz. Recuperado em 29/10/09, disponível em: <http://www.mte.gov.br/sistemas/atlas/sisaprendizagem.html>

parte integrante desse quadro, a seguir apresentada.

5.2 O LÓCUS DA PESQUISA

O lócus desta pesquisa foi uma instituição mantenedora de projetos sociais, dentre eles o Programa Jovem Trabalhador (PJT), conveniada com empresas da Grande Florianópolis, para encaminhamento de jovens, na condição de jovem aprendiz, por meio da Lei da Aprendizagem, também registrada como instituição qualificada no Ministério do Trabalho e Emprego.

Essa ONG é composta por uma diretoria voluntária, sendo seus recursos financeiros provenientes de doações de associados, da comunidade, convênios com poder público municipal e estadual, entre outros. A ONG em questão desenvolve um “leque” de outros programas sociais, tais como: atendimento a crianças de zero a seis anos de idade que tiveram seus direitos violados, ou foram vítimas de maus tratos, abuso sexual ou abandonadas. Ainda, em regime de creches, atende crianças nas faixas etárias de dois a seis anos, no período diurno, fornecendo alimentação e formação educacional. Além disso, dispõe de um espaço para programas alternativos, dentro das faixas etárias de seis a quatorze anos e um espaço multifuncional de aprendizado e qualificação profissional para jovens, entre quatorze e dezoito anos, oferecendo curso de capacitação para o primeiro emprego.

Foi fundada em 1910, tendo como proposta atuar em programas voltados para a promoção global dos seres humanos. Nas últimas décadas promovia cursos profissionalizantes com a finalidade de capacitar os jovens para que os mesmos pudessem ingressar no mercado de trabalho. Na época subsidiava cursos de capacitação, e os jovens contratados retornavam para reciclagem quadrimestralmente. Com o advento da Lei da Aprendizagem, o PJT passou a atender às especificações legais, estando em constante aprimoramento das exigências e especificidades dessa Lei. Atualmente, em relação à quantidade de horas dos processos de aprendizagem, atende aos trâmites dispostos na Portaria 1003 de 04/12/0817.

Na estrutura organizacional da ONG, o PJT se insere no Núcleo

¹⁷ A carga horária teórica deverá representar no mínimo de vinte e cinco por cento, e no máximo de cinquenta por cento do total de horas do programa. Recuperado em 03 de outubro de 2009, disponível em:

WWW.mte.gov.br/legislação/portarias2008_20011204_1003pdf.

de Formação e Trabalho (NUFT), composto por uma coordenadora, como formação superior em serviço social, uma pedagoga, uma educadora social, uma assistente social e três estagiárias desse mesmo curso. Essa equipe era responsável pelo atendimento, contratação, encaminhamento e todo o gerenciamento contratual de aproximadamente trezentos e trinta jovens, além de uma média de trezentas instituições conveniadas de caráter público e privado, sendo atendidos jovens provenientes das cidades de Florianópolis, São José, Biguaçu e Santo Amaro da Imperatriz, sendo as duas últimas as distâncias limítrofes.

O recrutamento dos jovens para cadastramento em banco de dados era realizado, semestralmente. No entanto, devido ao grande número de demanda reprimida, ou seja, a ocorrência de um volume muito maior de jovens inscritos do que encaminhados, esse processo passou a ser realizado anualmente, durante todo o mês de agosto. Ressalte-se que, mesmo com o recrutamento anual, a ONG ainda dispõe de um número de jovens inscritos maior que as ofertas de vagas. São pré-requisitos aos jovens que pleiteiam uma vaga ter entre quatorze e dezesseis anos, bem como a entrega de documentos pessoais, tais como carteira de trabalho, registro de identidade (RG), cartão de identificação de contribuinte (CIC), contracheques ou outro documento de comprovação de renda dos pais e/ou responsáveis. Também deverá ser apresentada declaração pessoal informando os valores recebidos, em caso dos pais e/ou responsáveis não possuírem vínculo empregatício formal, além de duas fotografias 3x4 e um exame médico de tipagem sanguínea. Fato peculiar em seu processo de recrutamento é que a ONG não possui nenhuma fonte de divulgação oficial, via mídia, para a publicação desse período, contando somente com a indicação pessoal numa forma de rede.

De acordo com a ONG, uma vez inscritos, os jovens são cadastrados, via sistema de informática, e ficam aguardando a realização de um treinamento, com duração de dois dias úteis, obtendo na oportunidade conhecimentos gerais sobre o mercado de trabalho, informações sobre a Lei da Aprendizagem, além de dinâmicas de grupo. Todas as ocorrências ficam registradas, on-line, facilitando o acompanhamento de cada jovem inscrito, como também um breve parecer descritivo sobre seu comportamento. Segundo comentários da equipe do NUFT, não era possível prever números indicadores de encaminhamento, uma vez que estes ficavam vinculados à adesão de novas empresas conveniadas, como também da definição destas para a abertura de contratações dos aprendizes.

As ofertas de vagas seguem um perfil solicitado pelas empresas, informando normalmente horário de trabalho, sexo e atividades a serem executadas, ficando a ONG encarregada de pré-selecionar jovens do seu banco de dados para posterior encaminhamento à entrevista e/ou outros procedimentos seletivos da contratante. Além do perfil do solicitante, fatores socioeconômicos que avaliam a renda familiar também são considerados, visando privilegiar os jovens mais necessitados e mais próximos da idade limite de dezesseis anos e cinco meses. Esse corte etário segue premissas internas da própria ONG, que atende jovens até os dezoito anos. Em média, para cada vaga aberta três ou quatro jovens são indicados para participar da seleção. Os não aprovados retornam ao banco de dados aguardando nova chance, ficando limitados a três encaminhamentos. Há, entretanto, casos contratuais, nos quais a própria ONG é responsável pela realização de todo o processo seletivo.

O jovem aprovado inicia seu contrato de trabalho, dentro da legislação da Lei da Aprendizagem, cuja contratação, com registro na carteira de trabalho, pode ocorrer tanto pela ONG, sendo denominada de indireta, ou pela própria empresa conveniada e, assim, chamada direta. Nesse último caso a contratante assume a responsabilidade legal e trabalhista do jovem aprendiz.

Os cursos de aprendizagem compõem em um dia de atividade a semana de trabalho dos jovens aprendizes. Divididos em módulos, são realizados na e pela ONG, conforme diretrizes estabelecidas na referida Lei da Aprendizagem. São ministrados por educadores com formação superior completa e/ou pós-graduação, subcontratados de outra ONG parceira. No término de cada módulo, o jovem aprendiz realiza uma avaliação deste orientador, como também é conceituado, recebendo um certificado de aproveitamento. Segundo informações do site do Ministério do Trabalho e Emprego esta Lei tem por objetivo promover uma aprendizagem profissional e continuada, definida legalmente no nível de formação inicial e continuada, a fim de possibilitar a inserção produtiva destes jovens trabalhadores. Com a finalidade de promover amplos esclarecimentos aos empresários contratantes, este Ministério criou o Manual da Aprendizagem¹⁸, como também, através da Portaria nº 615/2007, foi instituído o Cadastro Nacional de Aprendizagem, possibilitando acompanhar a qualidade técnico-profissional dos programas de aprendizagem. São quantificados 169.330 mil aprendizes

¹⁸Recuperado em 02 de outubro, disponível em:

http://www.mte.gov.br/politicas_juventude/aprendizagem_pub_manual_aprendiz_2009.pdf

contratados e a meta para 2010 é chegar a 800 mil¹⁹. Segue-se a apresentação do perfil dos participantes.

5.3 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Apresento os nove participantes desta pesquisa. Primeiramente, num quadro síntese com informações gerais e, na seqüência, de modo descritivo, apresento cada jovem individualmente, trazendo informações sobre o contexto familiar, escolar, profissional e projetos, finalizando com informações sobre a produção dos recursos imagéticos (TABELA 1). Estas caracterizações contêm algumas falas ilustrativas retiradas das entrevistas. O encadeamento dos sujeitos abaixo segue a ordem das entrevistas realizadas, e os nomes fictícios foram escolhidos pelos próprios jovens ao final do nosso primeiro encontro.

NOME	IDADE	TEMPO DE TRABALHO	ESCOLARIDADE
Giovana	17	1 ano e 5 meses	3 ano – E.M. ²⁰
Camile	16	1 mês	2 ano – E.M.
Júnior	16	2 meses	7 ano – E.F.
Patrícia	16	10 meses	6 ano – E.F.
Viviana	15	5 meses	7 ano – E.F.
Cristina	17	7 meses	2 ano - E.M.
Mariana	17	1 ano	3 ano – E.M.
Adriele	17	1 ano	3 ano – E.M.
Carla	16	6 meses	2 ano – E.M.

Quadro 1 - Síntese dos Participantes

Giovana

Giovana tinha dezessete anos, morava com seus pais e um irmão de treze anos em Florianópolis. Relatou que seus pais pouco estudaram,

¹⁹ Estas informações foram recuperadas em 02 de outubro de 2009, disponível em: http://www.mte.gov.br/politicas_juventude/aprendizagem_default.asp.

²⁰ As siglas EM e EF designam, respectivamente, a abreviação de Ensino Médio e Ensino Fundamental.

o pai concluiu o ensino fundamental e sua mãe cursou somente até a quarta série primária, apesar de seu avô ter sido um professor da Lagoa da Conceição, região da qual sua família era nativa: *“eu tenho orgulho de ter um avô que era professor da região”*.

Seu pai trabalha como vigilante em uma empresa privada de prestação de serviços e sua mãe trabalha em uma creche. Falava com orgulho do esforço dos seus pais em tentarem oferecer o máximo de conforto para ela e seu irmão, por exemplo, através das aulas particulares de violão para seu irmão, a aquisição de um computador com internet, para ambos, e os pagamentos de todas as demais despesas da casa, *“ele trabalha doze horas por dia pra poder dar bastante, bastante conforto, o máximo de conforto pra mim e pro meu irmão”*.

Quanto a sua vida escolar, disse ter sempre gostado de estudar sendo, por vezes, chamada de NERD²¹ pelos colegas, *“então eu sempre fui aquela bem chata, sentava na frente do professor e incomodei o professor mesmo, todo mundo, todos os professores lembram de mim... sempre questionando, sempre querendo aprender”*.

No ensino fundamental tinha um grupo de amigos muito coeso. Já no ensino médio, com a mudança de escola, diz ter perdido um pouco desse “encanto” pelos estudos devido à separação dos colegas. Quando entrevistada, estava se organizando para iniciar um cursinho pré-vestibular gratuito. Pretendia fazer uma faculdade de Educação Física, com a qual se identificava bastante, apesar de julgar que tal profissão não é valorizada socialmente.

Trabalhava há um ano e três meses numa instituição financeira pública, como jovem aprendiz, realizando atividades internas em uma agência. Contou sobre sua idéia e própria iniciativa de ir buscar essa oportunidade, apesar da contra-indicação de seus pais, os quais preferiam que ela somente estudasse, *“eu quero eu mesma levar minha vida”*, obtendo independência financeira, como também adquirindo experiência para o mercado de trabalho.

Considerou muito importante sua primeira experiência profissional, entendendo-a como uma possibilidade de crescimento pessoal. Como já estava quase concluindo o período de 18 meses e teria sua rescisão contratual como jovem aprendiz, encontrava-se preocupada com suas futuras chances no mercado de trabalho, *“agora que tá no*

²¹ Nerd é um termo com conotação depreciativa se referindo a uma pessoa que exerce atividades intelectuais, que são consideradas inadequadas para a sua idade, em detrimento de outras atividades mais populares. Retirado em 8 de março de 2010 em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nerd>.

final do contrato eu tô meio assim, meio querendo saber o que vai ser agora daqui pra frente, será que eu vou conseguir um emprego?”.

Além disso, planejava para seu futuro a possibilidade de viajar, conhecer o mundo, outras línguas e culturas e ter uma vida diferente da vivida pelos seus pais.

Nos recursos imagéticos, Giovana, fotografou sete cenas denominadas de *“trabalhos do dia-a-dia”*. Intitulou-as de: Cozinha, Almoço para a família, Rotina, Limpeza, Habilidade, Pescador e Dia-a-dia.

Camile

Camile tinha dezesseis anos, morava com seus pais e três irmãs, na região da Grande Florianópolis, sendo a segunda filha da família. Seu pai, o responsável pelos pagamentos das despesas familiares, tinha uma oficina mecânica e sua mãe trabalhava nas funções administrativas da oficina.

Estava no segundo ano do ensino médio, estudando nos últimos três anos em uma escola particular, alegando ser a falta de qualidade nas escolas públicas o motivo da mudança. *“A escola que eu tava era bem... bem ruim assim”*.

Relatou ter sido sua própria ação/iniciativa de buscar um trabalho e, conhecendo a ONG através de colegas, consultou e obteve a autorização dos seus pais e *“daí eu fui corri atrás”*. Seu primeiro emprego era em uma concessionária de veículos, no setor administrativo, junto ao Centro de Processamento de Dados (CPD), explicando que era *“é a central de processamentos de dados, onde fica toda área de informática, telefonia daí eu ajudo e trabalho lá”*.

Atuando há um mês, comentou que o trabalho havia proporcionado mudanças nas rotinas da vida cotidiana, tais como neste relato: *“a tarde também eu saía ia na casa de uma amiga, ia tomar sorvete com o pessoal da escola e agora eu não posso ir mais”*. Como também uma maior liberdade de consumo *“eu achei que não ia dá pra fazer muita coisa, mas pelo menos eu comprei roupa, sapato, coisa que se eu fosse esperar pelo meu pai e pela minha mãe ia demorar um pouco mais”* e que considerava sua experiência *“bem legal”*, se sentindo mais independente, responsável, conhecendo e trabalhando com *“pessoas mais maduras”*.

Realizava uma atividade voluntária lúdica com crianças da sua igreja e, a partir dessa vivência, pensava na possibilidade de cursar uma

faculdade de Pedagogia e depois uma de Fonoaudiologia.

Camile fotografou seis cenas de trabalho e, considerou-as diferentes, *“cada uma são um jeito de trabalho, né”*, completando que cada profissional deve ter conhecimentos e habilidades específicos para realizar suas funções. Denominou-as de: Estudo, Esforço, Talento, Disposição, Conhecimento e Simpatia.

Júnior

Júnior tinha dezesseis anos, residia com seus pais e mais dois irmãos, na cidade de Florianópolis. Era o segundo filho, tendo uma irmã mais velha e um irmão mais novo. Na sua casa trabalhavam todos, com exceção do irmão menor. O pai como vigilante, a mãe como costureira, a irmã como assistente em uma Lan-House e o irmão menor ficava numa creche.

Relatou logo no início da entrevista que havia “rodado” 3 anos nos estudos justificando este fato porque *“não fazia muitos os deveres e tal, tirava notas baixas”*. Na ocasião da pesquisa, cursava a sétima série do ensino fundamental e dizia estar mais dedicado a sua vida escolar.

Trabalhava em seu primeiro emprego há dois meses em um supermercado como empacotador. Além do empacotamento, também executava tarefas de reposição nas prateleiras. Fazia contribuições no orçamento familiar, como também uma doação mensal de dez por cento do valor para sua igreja.

Disse que a iniciativa de buscar seu primeiro emprego foi de sua mãe e o fez sem ter muita certeza de que também queria. No entanto, quando foi aprovado/contratado e, agora, atuando sentia-se muito bem *“eu gosto muito!”*.

Além disso, falou que o trabalho havia contribuído para conhecer e ter novos amigos, para se tornar mais desinibido, *“tá mudando meu jeito de ser”*. Em seus projetos futuros pretendia continuar a trabalhar, estudar e se tornar um bombeiro, expectativa presente desde a sua infância.

Fotografou seis de cenas de trabalho, descrevendo essa ação como *“foi tipo uma escala, porque a primeira foto é perto da minha casa da rua, a segunda vem da geral”*. Ou seja, fotografou cenas de trabalho em trajeto de casa para o trabalho e na sua região residencial. Nomeou-as de: Se esforçar para ser um bom exemplo, Vendedor, Os trabalhadores, Trabalhando em serviço, Dando o melhor de si e Respeito.

Patrícia

Patrícia tinha dezessete anos e morava há dois anos, em São José, região da Grande Florianópolis, com seu pai, um irmão, sua madrasta e a filha dela, chamando-a também de sua irmã. Relatou que na sua infância morava com sua avó e bisavós, tendo sido abandonada por sua mãe, desde os dois anos de idade. Seu pai trabalha como zelador, sua madrasta era “do lar”, e ela e sua meia-irmã também trabalham. As despesas familiares ficam sob a responsabilidade de seu pai.

Sobre sua vida escolar disse: “*eu tô bem atrasada, tô na sexta série ainda*”, justificando tal atraso em decorrência dos episódios de quando morava com sua avó e não arranjava tempo nem condições de estudar adequadamente, em virtude de sentir-se muito cansada pelas atividades domésticas que era obrigada a realizar, como também dos cuidados que tinha dispor aos seus bisavós, “*daí eu não tinha tempo pra ir pra escola, nem de estudar*”. Além disto, comentou sobre os maus tratos sofridos em casa pela sua avó, das constantes discussões vivenciadas entre seu pai e sua avó pela posse da sua guarda, como também o fato de sentir muito a ausência da sua mãe: “*eu era uma menina muito triste por causa da mãe.*”

Patrícia relatou que aos quinze anos teve a iniciativa de “enfrentar” sua avó e decidiu morar com seu pai, tendo depois disso retomado seus estudos com dedicação, como também decidido pela busca de um emprego, pois gostaria de sentir-se mais ocupada e considerava que “*ganhar uma experiência, é bom!*”.

Chegou à ONG, para buscar uma oportunidade como jovem-aprendiz, por indicação da sua madrasta. Estava trabalhando a dez meses em uma empresa privada, tendo como tarefa o auxílio a uma secretária. Não tinha a necessidade de contribuir no orçamento familiar, utilizava seu salário para uso pessoal, “*eu compro alguma coisa pra mim*”.

Sobre seu trabalho, disse que havia mudado bastante sua vida e, que antes dessa experiência, imaginava-o como algo difícil. Agora, entretanto, considerava bom o fato de estar atuando profissionalmente, como também ter “*um monte de coisas todos os dias*” para fazer.

Projetava para seu futuro dar continuidade a sua vida laboral, além de fazer uma faculdade, porém, não tinha ainda se decidido por nenhum curso. Produziu seis recursos imagéticos, com os seguintes títulos: Ao caminho da casa, Em busca de um sonho, Pipoqueira, Recepcionista, Secretária e Padeiro.

Viviana

Viviana tinha quinze anos, morava com seus pais, uma irmã e três sobrinhos em Florianópolis. Os sobrinhos com idades de sete, três anos e um de dez meses eram filhos da sua irmã mais velha, mas ficavam aos cuidados da avó.

O pai trabalhava como pedreiro, em uma empresa de construção civil, atuando na época na cidade do Rio Grande do Sul, vindo quinzenalmente, nos finais de semana, para visitar a família. Sua mãe trabalhava como diarista, de segunda a sábado, e também havia assumido os cuidados dos netos, que permaneciam durante o dia na creche do bairro onde residiam. A irmã mais nova não trabalhava e as despesas familiares eram responsabilidades dos pais.

Pouco comentou sobre sua vida escolar, restringindo-se às informações perguntadas, relatando cursar a sétima série do ensino fundamental e que estudava no período da manhã em uma escola pública próxima a sua casa.

Decidiu espontaneamente buscar um trabalho “*eu sempre queria trabalhar*” e foi sua mãe quem indicou a ONG, logo quando completou quatorze anos, buscando se inserir como jovem-aprendiz. Conseguiu uma oportunidade com quinze anos para trabalhar em uma empresa prestadora de serviços alimentícios. Comentou que, logo após a entrevista, foi contratada e iniciou seu trabalho, sempre em rodízio de tarefas, entre o atendimento ao público e atividades internas.

Apesar de considerar sua primeira experiência como “*um começo*”, Viviana opinava “*que nenhum trabalho é fácil né*”, e que “*depois que a gente vai aprendendo, eles vão explorando mais da gente*”. Em virtude desse juízo e também por considerar seu salário insuficiente, mesmo sendo somente gasto com suas despesas pessoais, tinha a intenção de solicitar seu desligamento e realizar um curso profissionalizante “*de manicure/pedicure lá no Senac, por que eu gosto de manicure né*”.

Projetando seu futuro profissional, relatou sua pretensão em fazer um curso superior de Veterinária, pois desde pequena brincava dessa atividade, e também, quando era criança, acompanhava sua mãe a uma clínica veterinária, onde a mesma trabalhava fazendo faxinas. Fotografou nove cenas de trabalho, mas no momento de nomeá-las, resolveu agrupar quatro fotos em dois grupos, considerando as fotos muito parecidas, seguindo então os sete títulos: Construções de portões, Repositor de mercadorias, Atendentes de açougue, Empacotador de mercadorias, Construção de apartamento, Prédios da Beira Mar Sul e

Secretária da creche.

Cristina

Cristina tinha dezessete anos, morava com seu pai e uma irmã, na época da entrevista em Florianópolis. Relatou que, ora morava com sua mãe, ora morava com seu pai, definindo essas constantes mudanças: *“é sempre este balaio assim”*. Tinha outros dois irmãos, um de dezoito anos que mora com sua avó e uma irmã de seis anos que morava com sua mãe. Seu pai tinha dois negócios próprios: um de lavagem de carros e um drive-in de lanches. Sua mãe casou-se novamente e não trabalhava fora.

Comentou sobre sua vida escolar e o fato de já ter estudado em vários colégios. Agora se sentia bem por estudar próximo a sua casa, no período noturno, estando no segundo ano do ensino médio *“trocarem tudo e tá excelente o ensino”*. Também apreciava poder conciliar outros cursos do seu interesse pelo horário da manhã.

Bastante falante Cristina disse já ter realizado cursos de especializações nas áreas de atendimento ao cliente e na área de estética, considerando-os como diferenciais importantes para seu futuro profissional.

Atuava há sete meses como jovem-aprendiz em uma instituição financeira pública, realizando atividades externas e internas. Descreveu que seu dia de trabalho era *“bem puxado, é impossível tu não ter nada pra fazer!”*. Anteriormente a essa experiência, relatou já ter trabalhado, sem registro em carteira, em outras atividades como auxiliar de cozinha e atendente no drive-in do seu pai. *“Eu sempre fui trabalhadeira”*, foi à expressão utilizada depois desses relatos e também para justificar sua busca pelo primeiro emprego. Além disso, comentou *“qual é a pessoa que não pensa em um dinheirinho seu”*, como um dos motivos para ingressar no mercado. Também disse já pensar no seu futuro e *“depois eu pensei na minha aposentadoria”*.

As alterações na vida pessoal, em decorrência do trabalho, eram comentadas com positividade, como o próprio trabalho como uma fonte de aprendizado, nas suas palavras: *“o primeiro passo eu já dei”*. Para o futuro tinha planos de fazer uma faculdade de Engenharia civil e poder construir sua própria casa.

Suas oito fotografias foram nomeadas de: Promenor, Chapeiro, Atendimento, Ensino, Jovem aprendiz, Funcionário, Imperatriz e Seguranças, destacando que *“cada uma dessas pessoas tem um modo*

de trabalhar, cada um tem o seu jeito, cada um tem a sua profissão, uns fazem uma coisa, outros fazem outra”.

Mariana

Quando entrevistada, Mariana estava prestes a completar dezessete anos. Morava com seus pais e um irmão gêmeo, em São José na região da Grande Florianópolis. Sua mãe era dona de casa, seu pai trabalhador da construção civil, no momento desempregado, e seu irmão, ex-estagiário de um tribunal, aguardava seu retorno àquela instituição. Nessa oportunidade, a família de Mariana vivia do seu salário, como jovem aprendiz e das economias recebidas pelo seu pai na rescisão contratual.

Apesar dessa condição financeira alegava que seu salário também era destinado as suas despesas pessoais e procurava/precisava “aprender” a controlar seus gastos, *“daí eu tenho que aprender a fazer isso agora”.*

Estava no terceiro ano do segundo grau, preparando-se para as provas do Enem, havendo decidido cursar uma faculdade de Psicologia, pois pretendia conseguir uma bolsa em faculdade particular.

Mariana trabalhava há um ano como jovem aprendiz em uma prestadora de serviços médicos como “office-girl”, em atividades internas e externas. Apesar de algumas alterações na vida pessoal, depois do trabalho, disse ainda ter tempo para acessar a internet e participar do grupo de jovens da sua igreja.

Contou que quando decidiu buscar seu primeiro emprego obteve certa resistência do seu pai, porém devido às dificuldades financeiras familiares, foi autorizada, junto com seu irmão, a concretizar tal fato.

Relatou com emoção seu percurso de procurar a ONG, sua primeira entrevista de seleção e, principalmente, o momento em que foi comunicada da sua aprovação no processo seletivo: *“você foi escolhida, eu quase chorei, o primeiro emprego é assim”.*

Para Mariana, o trabalho foi enunciado como uma oportunidade de aprendizado, além de uma forma de adquirir maiores responsabilidades e como um local onde se podem conhecer novas amizades.

Seus seis recursos imagéticos receberam os seguintes títulos: DJ da Pastoral da Juventude, Cobradora, Na aula de violão, *Easy Comp*, Motorista e Cobrador, significando fotografias de pessoas que faziam o que gostam.

Adrielle

Adrielle estava com dezessete anos. Morava com sua mãe, um irmão e uma irmã mais nova, em Palhoça, região da Grande Florianópolis. Seus pais eram separados. O pai havia se casado novamente e tinha outros três filhos; no entanto a entrevistada disse não manter contato nem com seu pai, nem com os meio-irmãos, desde seus sete anos. Sua mãe trabalhava como empregada doméstica, sendo destacado por Adrielle que *“ela tá trabalhando com carteira assinada”* e sendo a responsável pelo custeio da casa.

O irmão, o filho mais velho, fazia duas faculdades, uma de Engenharia civil, em uma universidade particular e outra, não especificada, na UFSC. A irmã mais nova cursava o ensino fundamental.

Sobre sua vida escolar, comentou que estava na terceira série do ensino médio, estudando em um colégio público, não próximo a sua casa, pois esses *“não tem muita qualificação”*. Trabalhava há um ano em uma empresa fabricante de equipamentos para call centers, resumindo suas tarefas profissionais como atividades de pesquisa informacional, via web, sobre possíveis novos clientes para a organização.

Trouxe como principal motivo de ingressar no mercado de trabalho a possibilidade de contribuir no orçamento familiar, uma vez que a mãe, anteriormente, ao emprego atual, trabalhava sem registro em carteira e também havia ficado desempregada, *“tava puxado pra minha mãe”*.

Relatou que participou de um longo processo seletivo, *“chegando lá, eles fizeram uma dinâmica, aí fizeram entrevista”* e que por isso tinha poucas esperanças em ser aprovada, mas desde o início do processo pensava *“se eu trabalhar aqui vai ser um sonho!”*.

Falava com entusiasmo do seu primeiro emprego, alegando ter sido bem recebida e ser tratada com muito respeito pela chefia e colegas, como também sempre bem orientada e treinada para suas atividades. Além disso, transparecia orgulho e satisfação em contribuir no orçamento familiar, complementando a renda da sua mãe: *“tu chega dentro de casa se sente mais valorizada, pensa ah! este arroz fui eu que ajudei a pagar”*.

Seus planejamentos futuros envolviam a expectativa de fazer uma faculdade de Direito para, posteriormente, chegar a ser Promotora, como também cursar outras faculdades como Psicologia e Engenharia civil *“eu sei que basicamente eu vou estudar minha vida toda”*.

Produziu dez fotografias de cenas de trabalho, reagrupando-as com os seguintes títulos: Construção (foto 1 e 2), O carregador (foto 3 e 4), A professora (foto 5 e 6), O fogão, Um dia normal, A companheira, O chefão, enfatizando *“que a base de tudo é a escola e se eu não tivesse o aprendizado que eu tive eu acho que eu não teria conseguido um emprego”*.

Carla

Carla tinha dezesseis anos, morava com sua mãe e três irmãos em Forquilha. Seus pais eram separados e não tinha contato com seu pai, que morava, desde a separação, em outro estado.

Em sua casa, trabalhavam sua mãe, como auxiliar de enfermagem numa pequena empresa, sua irmã mais velha, como caixa em um restaurante, e a entrevistada, há seis meses, em uma empresa privada. A mãe era a principal responsável pelo orçamento familiar, contando com a ajuda da irmã mais velha e, eventualmente, também a ajuda de Carla no pagamento das contas de água, luz ou telefone. Justificou pouco contribuir no orçamento familiar, alegando ter um salário insuficiente e também o fato de que *“eu gosto de comprar muito, minha mãe diz que eu sou muito consumista”*. Relatou sobre a necessidade familiar de reformar/construir sua casa, mas devido às constantes dificuldades financeiras estavam comprando aos poucos os materiais de construção.

Contou que seu trabalho era realizado em dois departamentos da empresa, num sistema de rodízio de tarefas, ressaltando sua preferência na atuação no setor de protocolo *“lá é muito serviço, por isso que é legal”*. Durante toda a entrevista, falou com entusiasmo da sua primeira experiência profissional, bem como sua iniciativa e insistência em conseguir a autorização da sua mãe para poder trabalhar.

Cursava a segunda série do ensino médio no período noturno, comentando que apesar de gostar da escola atual, preferiria somente poder trabalhar *“eu gosto mais de trabalhar do que estudar”*, justificando tal preferência pelo fato de que, na sua opinião, na escola aprende-se muito mais por obrigação do que por interesse: *a gente é obrigado*.

Relatou que havia muitos sonhos em seus planos futuros: *“eu sempre mudei assim meus sonhos de um mês pro outro”*. Naquele momento, comentou que pretendia cursar uma faculdade, uma pós-graduação e um doutorado, com o objetivo de se tornar uma executiva, talvez na área de comércio exterior.

Produziu dez fotografias do seu próprio ambiente de trabalho, com as seguintes nomenclaturas: Dor de cabeça, Diretor de garagem, Cantinho da cultura, Cantinho do serviço, Timidez, Satisfeito, Curiosidade, Campo de concentração, Autoestima e Papai. Segundo ela, tais imagens “traduziam” seu ambiente de trabalho e seu dia-a-dia *“olhando pra todas elas aqui a gente pode ver o dia-a-dia, por que no dia-a-dia tem o trabalho, a cultura, a curiosidade, a diversão, a comida (risos), o barulho, tudo isso”*.

6 TRAJETÓRIAS

Este capítulo nomeado de trajetórias traz considerações analíticas sobre os três núcleos a seguir- Experiência, Registro Formal e Consumo: queria ter o meu emprego e o meu salário, Cotidiano: tudo ficou mais corrido e Projetos: eu quero ter outra história de vida. Conforme já explanado no capítulo 4, ressalto que esses três núcleos foram articulados num movimento dinâmico, não somente intradiscursivo, mas também numa extensão social e histórica, contemplando ainda uma “dimensão temporal (passado, presente e futuro) da vida laboral dos sujeitos entrevistados” (Coutinho, 2009, p. 10). Apesar de uma aparente linearidade as dimensões temporais são imbricadas e estabelecem referenciais coletivos e sociais próprios em cada momento histórico (Aquino, 2007).

Tal temporalidade, resultante dos eixos temáticos componentes do roteiro da entrevista semiestruturada, foi baseada nos estudos das Trajetórias Identitárias desenvolvidos por Coutinho (2009)²². Segundo a autora, essas possibilitam, numa concepção dialética, a apreensão das complexas relações entre os sujeitos e o trabalho na contemporaneidade, compreendida, ora por frequentes mudanças, ora por continuidades; acarretando implicações objetivas e subjetivas aos trabalhadores, reiterando novas investigações que possam desvelar os sentidos das experiências laborais. Assim, serão apresentados em três subitens.

6.1 EXPERIÊNCIA, REGISTRO FORMAL E CONSUMO

O primeiro núcleo - Experiência, Registro Formal e Consumo - revela significações dos processos de busca do primeiro emprego, suas formas de inserção e as etapas realizadas nos processos seletivos, além das formas de utilização salarial dos sujeitos aqui pesquisados, estando eles dentro da faixa etária de 15 a 17 anos de idade e sendo participantes do Programa Jovem Aprendiz, conforme comentando no capítulo 2.

O “ponta-pé” para esta análise se pauta nas transformações do contexto produtivo contemporâneo e do chamado “mundo do trabalho”,

²² Tal proposta vem sendo desenvolvida por Coutinho e demais colegas da linha de pesquisa “trajetórias no trabalho e processos identitários”, da área de “práticas sociais e constituição do sujeito” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da UFSC, da qual faço parte como mestranda.

aqui já apresentadas. Dessas alterações decorrem as dificuldades encontradas pelos jovens para ingressarem no mercado de trabalho. Pochmann (2007) denomina tal etapa como desemprego de inserção; trata-se de uma fase na qual o jovem sai à procura do seu primeiro emprego e por não dispor de experiência e devido, às vezes, à baixa escolaridade, encontra dificuldades de acesso ao mercado.

Os dados estatísticos informados por Branco (2005) reiteram a desproporção nas faixas etárias entre 16 a 24 anos, de maiores índices de inatividade profissional, de preenchimentos em ocupações e vínculos precarizados de trabalho, fatores frequentemente prejudiciais na escolarização e/ou até possíveis de levar a uma exclusão educacional. Contudo, continua o autor, “todos os indicadores disponíveis têm evidenciado uma forte ‘pressão’ dos jovens na procura por ocupação” (p.131) promovendo o aumento, substancial, das taxas de desemprego. Dessa forma, corroborando com Branco (2005), a “pressão” pela busca do primeiro emprego, com a iniciativa do próprio jovem, ficou aqui reiterada, sendo destacada nas falas de Carla e de Camile:

[...] aí meu Deus eu quero trabalhar, eu quero trabalhar, eu sempre falava pra minha mãe, eu quero trabalhar! (Carla).

[...] eu mesma tive a iniciativa, a minha amiga tinha me falado que ela veio na ONG, aí eu me informei com ela, daí eu fui e corri atrás (Camile).

Elas deixam bem claras suas próprias ações e desejos de ingresso no mercado de trabalho e, no lócus desta pesquisa, o fizeram por meio da Lei da Aprendizagem. Deste modo, poderíamos inferir que a inserção no mercado de trabalho ocorreu de modo “mais tranquilo” para os pesquisados, funcionando essa política pública, via ONG, como uma “porta de entrada”, denominada por Carvalho (2006, p. 208) de “políticas focalizadas, já que as categorias destinatárias se definem a partir de um nível de necessidades, pobreza ou risco”. Esses jovens, uma vez inscritos na instituição, ficam aguardando a ocorrência de vagas e oportunidades para participarem de processos seletivos e, ainda, nesse período, recebem “dicas” para a ocasião. As narrativas de Giovana, abaixo, expressam de duas maneiras o ingresso no mercado de trabalho, uma considera as dificuldades do grupo juvenil e na outra sua rápida inserção laboral, facilitada pela sua inserção na ONG:

[...] é difícil conseguir emprego com essa idade (Giovana).

[...] eu achei bem fácil entrar... um dia me ligaram e na outra semana eu já estava no banco trabalhando (Giovana).

No entanto, alguns sujeitos, em suas singularidades, vivenciaram o processo seletivo contrariamente ao acima exposto, narrando-o como um momento tenso e ansioso, aspecto também comentado por Câmara, Sarriera e Pizzinato (2004) como uma etapa angustiante já que se espera do candidato durante a entrevista um comportamento sempre assertivo, o estabelecimento de uma relação entre selecionador e candidato, além da escassez de emprego. A propósito, seguem as expressões de Mariana e Adriele:

Daí foi à primeira entrevista que eu fiz... eram quatro concorrendo a uma vaga de manhã e uma vaga à tarde... eu tava bem nervosa... a primeira entrevista você não sabe como é que vai ser (Mariana).

Chegando lá eles fizeram uma dinâmica, fizeram umas quatro dinâmicas... aí fizeram entrevista...daí eu pensei que não ia passar...eu achei que não tinha ido muito bem...tinha um palográfico (Adriele).

Desta maneira, a difícil busca pelo primeiro emprego, quando então concretizada, nos sujeitos pesquisados, foi motivada pela necessidade de obter uma experiência profissional, considerada como um “passaporte” facilitador para a futura carreira mesmo que, aparentemente, as atividades exercidas no dia-a-dia ficassem desvinculadas dos seus projetos. Esse “passo inicial” teve significado positivo, conforme podemos observar nas seguintes falas:

[...] quero ganhar uma experiência, é bom! (Patrícia)

[...] quando tu vai trabalhar eles perguntam: qual é a sua experiência? Logo de cara assim né, tu tens alguma experiência no ramo? Aí tu diz: não eu nunca trabalhei, já é uma porta a menos que se abre na sua vida e, aí eu achei assim, quando eu comecei a trabalhar, aí digamos eu termino meu estudo, ah! digamos eu saio da empresa hoje eu já tenho uma experiência, já tenho algo que eu possa dizer, eu já trabalhei nesta área, já sei fazer isso, já sei fazer aquilo, não vou chegar lá e dizer que eu

não sei fazer nada, que eu nunca trabalhei.
(Adriele)

Outro motivo da busca para se tornar um trabalhador ficou relacionado ao contrato de trabalho ou “registro formal”. Seguindo as idéias de Frigotto (2002), encontramos outra ideologia capitalista predominante, reafirmando nesse sistema a sua desigualdade ou exploração na relação patrão-empregado, aparentemente disposto como uma relação livre e igualitária. No entanto, esse trabalho assalariado ou trabalho sob a forma de emprego é alvo de expectativas da população juvenil, diante da realidade e dos índices que os rodeiam como o desemprego, o subemprego ou outras formas emprego de baixa qualidade (Coutinho e Silva, no prelo), conforme observado nas narrativas de Adriana:

[...] trabalhei, antes de trabalhar aqui... não era um trabalho de carteira assinada. Aí eu insisti, vim aqui falei que eu queria que eu tava lá só esperando eles me chamarem (Adriana).

[...] depois eu pensei na minha aposentadoria, eu tô pensando grande... mas já penso no futuro (Adriana).

[...] só que eu queria ter o meu emprego o meu salário, entendeu, eu não queria trabalhar com meus pais (Adriana).

Ainda dentre os motivos da busca, uma questão recorrente foi a associação entre ter um trabalho/emprego e uma remuneração, uma autonomia financeira. Pochmann (2007) indica que os jovens, geralmente, ingressam no mercado de trabalho por dificuldades financeiras familiares. Apesar dos relatos aqui comentados pelos jovens a esse respeito, somente dois sujeitos dispunham de sua remuneração, efetivamente, para complementar a renda familiar. Os demais, na “contramão” da afirmação do autor acima, faziam uso do seu salário com gastos de natureza pessoal, fazendo alusão ao consumo.

Consumir significa destruir, gastar, utilizar, para satisfação das próprias necessidades (Michaelis, 1998, p. 304). Os consumidores ficam expostos num “mundo de mercadorias”, produzidas, normalmente, em grandes quantidades provocando o cerceamento do valor de uso, de utilidade imediata e a predominância do valor de troca. Instala-se, culturalmente, o consumo de signos, esses produzidos e reproduzidos nas relações sociais (Cataplan & Thomé, 1999).

Dessa materialidade, desse consumir, surgem significados sociais

da sociedade capitalista e, nas palavras de Marx (1985a/1818-1883, p. 125), “a circulação de mercadoria é o ponto de partida do capital”. Então, os jovens, na posse do seu próprio dinheiro (este considerado por Marx dotado de certa magia e mais um dos fetiches do capitalismo), são estimulados por meios de comunicação e se tornam “presas fáceis” ante as demandas de consumirem cada vez mais uma gama de produtos rapidamente obsoletos. Para Bock e Liebesny (2003), há um “mercado consumidor juvenil”, através de roupas, hábitos, grifes e etc., culturalmente disseminados. Vejamos as citações abaixo narradas:

[...] meu salário.... eu gasto com roupas pra mim (Mariana).

[...] eu recebo sempre na sexta-feira, daí no sábado eu vou no centro compro umas roupas pra mim, compro calçados, jóias pra mim (Viviana).

[...] **eu compro tanta coisa** (fala com muita ênfase), eu acho que faço milagre com aquele salário... É que é assim eu gosto de comprar **muito** (nova ênfase). Minha mãe diz que eu sou muito consumista (Carla).

Encontra-se nesse núcleo um sentido do trabalho relacionado à questão do *ter*, um salário, um dinheirinho, em prejuízo do *ser* trabalhador, ou seja, o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso. Antunes (2000, p. 178, grifos do autor) entende que o sistema capitalista impele o indivíduo a um extenuado consumo “*coisificado e fetichizado*, inteiramente desprovido de sentido”, principalmente, no chamado “tempo livre”, temática a ser discutida no segundo núcleo.

6.2 COTIDIANO

O trabalho/emprego na vida cotidiana desses jovens será agora considerado através do núcleo denominado Cotidiano: tudo ficou mais corrido; a análise da relação trabalho e vida cotidiana, “transforma-os” em jovens-trabalhadores e, deste modo, segundo Guimarães (2005), esse é um dos “componentes” clássicos de transição para a vida adulta. A mesma opinião é complementada pelo IPEA (2008), indicando o trabalho, entre outras fases socioculturais que tipificam a “passagem” do jovem para o mundo adulto, tais como tornar-se pai, ou mãe. Na fala de Giovana, encontra-se sinais:

[...] *por estar trabalhando e poder ter tido essa oportunidade e também pela convivência dentro*

de casa que mudou, meus pais me tratavam como uma pessoa mais adulta assim, me dando mais liberdade pra fazer as coisas que eu queria.

Ressalte-se a concepção teórica adotada nesta pesquisa, na qual se fala sobre juventudes como construções sócio-históricas e, portanto, a idéia de transição acima citada não tem o conceito de etapas desenvolvimentistas. Por isso, corroborando com o enunciado de Reis (2006, p. 68), “o termo ‘transição’ traz consigo a idéia de passagem e, como toda passagem, se situa entre situações limítrofes” e “juventude e adulez são multiplicidades em suas formas de ser, e estão cada vez menos segmentadas”, como ainda são influenciadas pelo contexto sócio-histórico.

Destarte, a vida anteriormente dedicada aos estudos é agora atravessada pelo trabalho e o chamado tempo livre que, por vezes, caracteriza a adolescência/juventude passa por alterações. Sarriera, Tatim, Coelho e Busker (2007) comentam que o modo de utilização do tempo livre é também subordinado a condições sociais, culturais, econômicas, ideológicas e físicas de cada sujeito, como também para este tempo ficam destinadas atividades prazerosas e flexíveis escolhidas por cada indivíduo.

Nos achados desta pesquisa, os tempos livres desses jovens foram alterados conforme podemos verificar nas seguintes declarações:

[...] é tenho crisma e não tô fazendo a crisma por causa do trabalho... não posso sair porque não dá tempo (Viviana).

[...] e à tarde também eu saia ia na casa de uma amiga, ia tomar sorvete com o pessoal da escola e agora eu não posso ir mais, até passeios de escola assim também, que na minha escola tem bastante, eu não posso ir porque eu trabalho (Camile).

[...] eu sinto bastante falta daquele tempo que eu tinha à tarde, agora então, praticamente, eu não tô mais assistindo televisão, não tô mais na internet, essas coisas assim (Camile).

Contudo, para alguns sujeitos, as atividades de lazer aos finais de semana e as religiosas, mesmo com a combinação vida pessoal e trabalho, ficaram “acomodadas”, e não são sentidas como algo que os atrapalhem:

Meu namorado a gente se vê só no final de semana, porque ele também trabalha o dia todo, estuda à noite (Cristina).

Aí eu comecei a sair na sexta-feira, no sábado, no domingo não, porque eu tenho que arrumar as minhas coisas, dormir mais cedo (Carla).

Eu tenho um grupo de jovem que daí à gente fazia na sexta-feira à noite, e aí como tinha gente que trabalhava ou então ia na faculdade a gente mudou o horário, pra domingo, daí foi melhor pra todo mundo, daí eu posso ir (Mariana).

De acordo com Novaes (2005), em seus comentários sobre a pesquisa “Perfil da juventude brasileira” de 2004, a temática religião se apresentou numa posição surpreendente dentre os assuntos que os jovens desejavam discutir nas relações familiares, com seus amigos e na sociedade. Nesta pesquisa, as religiões com diversos credos também foram recorrentes dentro da vida pessoal e cotidiana, reiterando os dados de Novaes sobre a importância desse assunto na esfera juvenil, embora não fosse foco do presente estudo.

Ainda que também não fosse objeto deste estudo realizar uma análise com recorte de gênero²³, a referência frequente ao trabalho doméstico pelas jovens entrevistadas denota a reprodução de um lugar social tradicionalmente associado ao feminino. “Mesmo com as mudanças sociais nas últimas décadas e com a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho, pesquisas demonstram que as mulheres seguem responsáveis pelas lides domésticas” (Graf e Diogo, 2009, p. 78). Deste modo, “dupla jornada de trabalho” também acontece nas vidas dessas jovens conforme suas próprias colocações:

É, eu faço, eu ajudo em casa, lava uma louça, varro uma casa, passo um paninho, lavo meu uniforme (Patrícia).

Chego em casa, mais ou menos uma hora, daí eu pego faço a comida e tal, se não me alimentar aí não vou durar muito... aí no domingo eu ajudo minha mãe a lavar roupa, a limpar a casa e é isso (Adrielle).

Sigo apresentando outras dimensões da vida cotidiana, após o início da vida laboral, ainda quando se encontram em momentos de

²³ Graf & Diogo (2009, p.74) declaram, numa perspectiva crítica, que a categoria Gênero “é entrelaçado e construído nas relações sociais, refutando entendimentos fundamentos na biologia” (grifo das autoras).

“não-trabalho”. Iniciamos pela vida escolar dos jovens pesquisados. A relação estudo/trabalho é apontada, criticamente, por Pochmann (2004/2007) dentro do grupo juvenil, considerando que sua entrada precoce destes no mercado de trabalho impede a adequada formação teórica e, somente com uma postergação nas inserções laborais, os jovens estariam “prontos” para atender aos desafios da chamada sociedade do conhecimento, com requisitos educacionais cada vez mais ampliados. Continua o autor apontando que “somente seis em cada dez jovens são estudantes no Brasil, o que permite perceber o tamanho das barreiras que necessitam ser superadas” (2007, p. 36).

No caso desta pesquisa todos os entrevistados eram estudantes, ou do ensino fundamental, ou médio, pois os contratos, dentro da Lei da Aprendizagem, devem ter vinculação entre trabalho e escola e a ocorrência de “bons” resultados nesta última. Os participantes da pesquisa são, quase majoritariamente, estudantes de escolas públicas e nos comentários tecidos foram frequentes as queixas quanto ao nível educacional recebido. Aponta criticamente Kuenzer (2007) que, com o capitalismo de base flexível, se funda por meio de uma

[...] estratégia por meio da qual o conhecimento é disponibilizado/negado, segundo as necessidades desiguais e diferenciadas dos processos de trabalho integrados, é o que temos chamado de inclusão excludente na ponta da escola. Ao invés da explícita negação das oportunidades de acesso à educação continuada e de qualidade, há uma aparente disponibilização das oportunidades educacionais, por meio de múltiplas modalidades e diferentes naturezas, que se caracterizam por seu caráter desigual e, na maioria das vezes, meramente certificatório, que não asseguram domínio de conhecimentos necessários ao desenvolvimento de competências cognitivas complexas vinculadas à autonomia intelectual, ética e estética (p. 1170-1171)

Assim, corroboro com Pochmann (2007, p. 36) quando atesta que “a reformulação nos sistemas educacionais torna-se fundamental”. Desta forma, esta afirmação provavelmente coincide com as expectativas dos jovens:

[...] porque a escola pública não tá oferecendo uma qualidade de estudo boa (Cristina).

a escola que eu tava era bem... bem ruim. Dai meu pai conheceu essa escola que era um valor que ele poderia pagar para mim e pra minhas irmãs, daí ele passou a gente pra lá (Camile).

[...] mas acho que hoje em dia a escola pública tá muito, muito fraca em comparação com a escola particula. (Giovana).

[...] aí eu estudo num colégio não perto da minha casa, por que o que tem lá perto não tem muita qualificação (Adriele).

Num movimento dialético, apesar dos relatos de algumas “perdas” ou negatividades, as mutações da vida cotidiana apontaram “ganhos” ou positivities a subjetividade de cada sujeito. Neste processo nota-se a produção de sentidos contendo informações contraditórias, proporcionando sentidos subjetivos ao trabalho também colidentes, entre perdas e ganhos, perde-se o tempo livre, mas ganha-se independência, por exemplo: *Eu acho que quando eu comecei a trabalhar eu comecei a ver que tem que ter mais responsabilidade... eu tenho que me focar em alguma coisa (Mariana).*

Assim, vida pessoal segue com alterações nos horários e nos comportamentos. No entanto, o trabalho, como experiência de vida, passa a ocupar um lugar, um valor, expressando sentidos antes inexistentes. Enunciou Marx (1985b/1818-1883) que o trabalho como processo entre o homem e a natureza põe em movimento as forças naturais dos homens, sua corporalidade e, por meio deste, ambos são transformados. Nas narrativas abaixo, vemos que a experiência laboral foi associada pelos entrevistados, ao crescimento e desenvolvimento pessoal, sugerindo mudanças subjetivas:

Diferente. Ficou muito diferente. Mudou muitas coisas...Comportamento né, por que antes quando eu não trabalhava eu ficava mais na rua...ficava...fazendo umas palhaçadas na rua, agora trabalhando fica melhor, já evita a rua (Júnior).

[...] apesar de muitas vezes pensar em desistir, por ver meus amigos fazendo alguma coisa outra mais legal, vamos assim dizer, brincando, jogando futebol, conversando, cinema, mas por outro lado eu via que eu tava crescendo, que eu tava com a mentalidade mais avançada em relação a eles, por estar trabalhando (Giovana).

[...] mudou bastante, eu ficava a tarde toda sem fazer nada, em casa. Agora eu faço um monte de coisas, depois com o trabalho, o tempo passa mais bom, passa mais rápido! (Patrícia).

Assim, finalizo as considerações do núcleo Cotidiano, reiterado nas falas dos sujeitos, o trabalho como um lugar definidor de novas relações sociais, de novas responsabilidades.

6.3 PROJETOS

Chegando ao terceiro núcleo: Projetos: eu quero ter outra história de vida, vou apresentar e discutir, como as primeiras escolhas profissionais e os projetos enunciados pelos jovens entrevistados, considerando uma temporalidade iniciada com as brincadeiras de criança, numa construção histórica já ficam vinculados ao futuro profissional. Soares (2002) aponta que a dimensão temporal da escolha é composta pelas influências da infância, fatos marcantes da vida presente e pela definição de um estilo de vida futuro. O projeto de futuro, de acordo com Bock e Liebesny (2003), é uma construção contínua, pertinente ao grupo social no qual o sujeito está inserido e, embora tenha referências a um porvir, tem seu feito pautado nas relações passadas e presentes.

Desta forma, retomei o passado infantil de cada sujeito e suas relações do brincar com possíveis profissões/ocupações. O “ser quando crescer” aparece cedo nas nossas vidas, primeiramente pelo núcleo familiar e, posteriormente, por fatores sociais, educacionais e econômicos, com o avançar etário. As identificações com algumas pessoas ou profissionais próximos ao universo infantil, possivelmente, serão presentes nas suas brincadeiras e algumas escolhas podem persistir até a adolescência e/ou idade adulta, outras não (Lisboa, 1997; Soares, 2002), conforme podemos observar nas falas abaixo:

[...] tinha dias que a gente brincava que eu trabalhava num escritório, daí ele cuidava da minha filha pra mim ir trabalhar, daí tinha a faxineira no escritório (Viviana - sua mãe trabalhava como faxineira).

Eu gosto, eu penso que eu queria ser veterinária né, por que minha mãe também trabalhava numa

clínica de faxina e eu ficava lá com o patrão dela, vendo ele fazer parto de cachorro (Viviana).

Brincava de bombeiro. Eu sempre falava pro meu pai quando eu crescer eu vou ser bombeiro. Tinha muitos amigos que eram bombeiros, mais velhos (Júnior).

A primeira profissão que eu queria ser era dentista, por causa que eu gostava muito da minha dentista... É depois eu mudei e fui pra professora... Daí depois eu fiquei em dúvida em psicologia e jornalismo, mas aí eu fiquei com a psicologia (Mariana).

Natividade (2007), ao pesquisar os sentidos do trabalho atribuídos por crianças, confirmou a influência familiar nesta constituição, ainda que, por vezes, pautada em informações restritas sobre as profissões. Assim, para a autora “os sentidos do trabalho não se constituem em um momento preciso da vida do sujeito, mas sim, são construídos dialeticamente ao longo de sua vida, a partir das relações que estabelece com a realidade” (p. 82). “A escolha profissional não é algo que acontece de instante para outro na vida das pessoas. Ela parte de todo um processo de crescimento e reflexão pessoal” (Soares, 2002 p. 92), sendo também influenciada por fatores sociais, econômicos, educacionais, além dos familiares, conforme podemos constatar nas falas abaixo:

Quando eu era pequena eu queria ser cientista... Eu sempre mudei assim meus sonhos de um mês pro outro (Carla).

Olha... eu pretendia... assim eu já pensei em todas as profissões, todas não porque eu não conheço, mas, basicamente, quase todas. Eu já pensei ser psiquiatra, psicóloga (Adrielle).

Eu queria ser enfermeira ou médica, mas médica acho que não é pra mim... ver sangue, gente machucada, não é pra mim...e também enfermeira porque eu cuidava do meu bisavô, ele dizia que eu tinha jeito de enfermeira, ele faleceu e eu fiquei com isso na cabeça, mas não é pra mim não (Patrícia).

Do mesmo modo, entendo que o processo de escolha profissional também não é uma ação linear e se dá igualmente através das relações objetivo-subjetivas num “processo de crescimento e reflexão pessoal”

(Soares, 2002, p. 92). Os jovens participantes foram elaborando, em suas falas, suas escolhas profissionais, ou suas pretensões de escolha, como também suas dúvidas e questionamentos entre uma não- escolha. Cabe destacar que os sujeitos pesquisados, seguindo a opinião de Ribeiro (2003), encontram-se excluídos das camadas socioeconômicas que, frequentemente, têm acesso aos modelos de Orientação Profissional (OP), sendo esta mais utilizada, na realidade brasileira, com as camadas médias e altas. Concordo com Lisboa (2000) e Ribeiro (2003) ao afirmarem que há uma necessidade de ampliação do foco da OP, deixando esta de ser unicamente de escolha para um curso universitário, mas, uma oportunidade de viabilizar habilidades alternativas na elaboração de projetos e outras probabilidades de carreiras, não necessariamente universitárias, atuando nas diversas realidades sociais

A articulação escolha profissional e projeto possibilita ao sujeito estabelecer sua futura trajetória produtiva com o mundo (Coutinho, 1993). A idéia de projeto aqui apresentada segue a compreensão de Soares (1996), de construir um futuro desejado e esperado, numa dada temporalidade. De acordo com Velho (2003, p. 103), “o projeto existe no mundo da intersubjetividade”, sendo também “resultado de uma deliberação consciente a partir de circunstâncias, do *campo das possibilidades* em que o sujeito está inserido” (grifo do autor), dinâmico e em constante (re) elaboração.

Nesses projetos a continuidade do trabalho/emprego em suas vidas foram recorrentes, dados consonantes com os encontrados por Graf & Diogo (2009) em jovens que vivenciavam também um momento de escolha profissional. No entanto, nesta pesquisa foram acrescentados também desejos e aspirações de uma história de vida resignificada em relação à vida pelos próprios pais.

Segundo Soares (2002), encontram-se ou desencontram-se, dialeticamente, os projetos dos pais e os projetos dos filhos. Os projetos dos pais, normalmente contraditórios entre si, vislumbram tanto uma perpetuação histórica familiar, como também que os filhos tenham sua própria vida, outra história mais individualizada. Ainda podem ser conflitantes diante de diferentes expectativas entre os projetos paternos e os maternos. Os relatos de Cristina e Giovana trazem certa “oposição”, um desejo de resignificação em relação ao passado familiar:

[...] não pai, meu futuro, eu não quero ter este futuro que você teve, eu quero ter outra história de vida, porque eu não nasci pra ser empregada, porque aí eu ia ser uma gerente no estabelecimento dele para toda a vida, daí eu não

quero ter lanchonete, lava- carro, não é pra mim. Eu queria trabalhar num escritório, essas coisas que todo mundo acredita em ser, trabalhar (Cristina).

Então, eu tenho muito interesse em conhecer o mundo, acho que eu não quero ficar presa aqui na ilha como meus pais, meus avós. Vai passando de uma geração pra outra sempre a mesma vida, levando aqui essa vidinha aqui, não que seja uma vida infeliz, mas eu acho que tem muita coisa pelo mundo que a gente tem que conhecer, falar outras línguas, aprender outras culturas, outras religiões... abrir as portas, abrir vários caminhos...uma coisa bem ampla assim (Giovana).

“O que vai existir sempre é uma escolha possível, dentro de determinadas possibilidades e contingências” (Soares, 2002, p. 95). De acordo com Maheirie & Pretto (2007) o projeto não é um acontecimento inesperado, ele ocorre no plano do vivido em significações que são históricas, dialéticas e não excludentes:

Por isso, para entender um sujeito ou uma situação, deve ser buscada a sua especificidade histórica, restituindo-lhe suas funções e suas múltiplas dimensões, evitando assim o risco de cairmos na generalidade, onde todos os sujeitos devem ser iguais e atender a mesmos ditames dentro de sistemas ou modos de ser hegemônicos. (p. 459)

Os projetos manifestados pelos jovens trouxeram a importância do estudo/educação, ou através do curso superior ou de especializações, como uma necessidade contínua. Identifiquei que as locuções faziam uma vinculação entre o nível de escolaridade, as futuras chances de inserção e suas expectativas de um possível sucesso profissional no mercado de trabalho. Ao questionar esse tipo de discurso, Sposito (2005), aponta contrariamente essa idéia, como uma relação não linear e, nem mesmo com maior nível de escolaridade, a população juvenil fica excluída da “faixa” de difíceis oportunidades para sua inserção profissional. Ainda, deve ser ressaltado que, na contemporaneidade nos deparamos com um mercado de trabalho, extremamente heterogêneo e sem garantias de continuidade para toda a vida. Entretanto, no discurso dos jovens entrevistados o estudo aparece como uma garantia de futuro:

*Eu imagino que eu queria ser uma executiva... aí eu pretendo terminar os estudos **sem parar** (fala com ênfase)... sem parar já começar a fazer já alguma coisa, curso técnico, uma faculdade, depois uma pós-graduação, doutorado estas coisas todas (Carla).*

E daí eu sei que tenho que fazer vestibular, fazer advocacia, fazer promotoria, pra ti chegar lá, tem que escolher todo um caminho, praticamente, eu sei que, basicamente, eu vou estudar minha vida toda (Adriele).

eu vou fazer um curso de manicure/pedicure lá no Senac... eu vou fazendo outros cursos, pra mim ir “crescendo (Viviana).

Nas narrativas dos projetos, um fato constante, já acima comentado, foi o de terem sempre um trabalho, ao longo de suas vidas. Nessas expressões haviam conotações emocionais, ou seja, o trabalho como lugar e/ou possibilidade de serem felizes. No entender de Maheirie (2002), as emoções têm significações próprias e se situam num “horizonte de uma racionalidade histórico e socialmente construída” (p. 38). Cada um desses sujeitos tem uma história singular mediada num contexto, além de histórico, social e político. Surgem, portanto, diferentes desejos, motivos e/os objetos afetivos que, num movimento inacabado, vão entrelaçando e concedendo importância ao trabalho a partir da primeira experiência profissional. Guimarães (2005), a partir de dados da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, considera que a temática trabalho é um assunto de interesse para jovens que já atuam no mercado profissional e para os que pretendem ingressar. Continua a autora a compreender que há uma centralidade, um valor laboral, uma pluralidade de significados, longe das discussões do descentramento da categoria trabalho, conforme já discutido no capítulo três desta dissertação. Notemos os comentários:

É terminar meus estudos, fazer faculdade e ficar trabalhando (Patrícia).

Eu quero fazer uma faculdade de Pedagogia e trabalhar com criança e mais pra frente fazer queria fazer uma faculdade de Fonoaudiologia. Porque eu gosto de criança, eu acho elas a coisa mais verdadeira do mundo (Camile).

eu vou fazer uma coisa mais minha, de repente, uma faculdade que hoje em dia não é considerada

*uma grande faculdade né, mas que eu vou ser feliz, que eu vou ter o meu trabalho (Giovana).
É eu adoro fazer unha, até, às vezes, eu faço a minha. Daí eu vou fazer o curso, eu vou fazer uma coisa que eu gosto né (Viviana).*

Em síntese, foram discutidas as trajetórias dos jovens aqui pesquisados através dos núcleos Experiência, Registro Formal e Consumo: queria ter o meu emprego e o meu salário, o núcleo Cotidiano: tudo ficou mais corrido e Projetos: eu quero ter uma história de vida, perpassando uma temporalidade que compõe a busca/ inserção, as mudanças na vida pessoal e as projeções futuras, o devir. A seguir será apresentado o quarto núcleo - Primeiro Emprego: têm diversos tipos, um diferente do outro - e sua discussão.

7 EMPREGO JUVENIL: UM GRANDE DESAFIO

Neste capítulo, teço as discussões referentes ao quarto núcleo denominado Primeiro Emprego: têm diversos tipos, um diferente do outro. Temporalmente, as falas dos sujeitos aqui apresentadas, caracterizam o início da sua vida profissional e, conforme já apontado no capítulo anterior, levam esse grupo de jovens-trabalhadores a vivenciar a chamada transição para a vida adulta. Desse modo, o momento da inserção no mercado de trabalho é compreendido, dentre outros, como um constituinte privilegiado desse ciclo (Guimarães, 2006).

As discussões deste núcleo, volto a ressaltar, foram divididas didaticamente, nos seguintes subitens: O jovem aprendiz e seu primeiro emprego e Imagens do trabalho. Deste modo, passo aos comentários do primeiro.

7.1 O JOVEM APRENDIZ E SEU PRIMEIRO EMPREGO

O trabalho, sob a forma de emprego, tão “desejado” pelos sujeitos desta pesquisa, foi expresso como uma oportunidade de adquirir novas experiências e responsabilidades, como constata nas seguintes falas:

O trabalho... acho que é o principio pra eu poder digamos...ter uma experiência, adquirir experiência pra trabalhos futuros. Pra poder ter mais responsabilidades, a controlar mais os gastos, acho que é isso (Mariana).

Pra mim eu acho que é um começo né, eu sou nova, eu acho que é um começo (Viviana).

Assim no meu trabalho eu aprendi a ter bastante segurança... aí a responsabilidade é a principal (Cristina).

Ah! Eu to gostando eu to achando legal... Trabalho...acho que é uma forma da gente ser mais independente...eu vou ser mais independente dos meus pais, vou criar mais responsabilidade (Camile).

Blanch Ribas (2003) entende que os significados atribuídos ao trabalho perpassam a história humana com diferentes concepções e valores, ou seja, é um processo sócio-histórico. Para o autor, os significados se apresentam, de forma antagônica, através de dois pólos: o negativo e o positivo; no entanto, didaticamente também é expresso um valor central. De acordo com as narrativas acima, além das abaixo relacionadas, entendo que o sentido conferido à atividade laboral nesta pesquisa teve atribuições predominantemente positivas, sendo expresso como um campo de inserção social positivado, que amplia vínculos sociais e altera subjetivamente a vida dos sujeitos:

[...] é bom trabalhar né? Eu gosto, eu sempre quis né... Eu me sinto é... legal. Eu gosto muito. Eu também consegui fazer novas amizades (Júnior).

Eu me sinto útil... eu adoro que as pessoas admirem o meu trabalho... eu sempre fui trabalhadeira (Cristina.)

Além de aprender várias coisas diferentes... eu também acho que eu aprendi um pouco a me relacionar com as pessoas, é bem legal assim. Isso eu acho importante (Camile).

Eu acho o trabalho muito importante, este trabalho que eu tive pra mim, eu aproveitei bastante. Eu aprendi dentro dele, aprendi com as pessoas mais velhas, aprendi coisa que eu vou levar para vida inteira, coisas da vida mesmo, não de dentro do trabalho, que eu aprendi a fazer alguma coisa, mas na minha vida mesmo (Adriele).

Me sinto bem lá, sou respeitada lá né. Eu tenho amizades lá também, é bem legal (Mariana).

Eu acho que cresci muito dentro do trabalho, eu aprendi ali dentro que tem pessoas boas, que tem pessoas ruim (Carla).

Eu aprendi a tirar a timidez (Patrícia).

Discursos tão positivos também poderiam ser questionados dialeticamente. Dauster (1992), ao estudar o trabalho de crianças e jovens, entende que na polissemia dessa palavra o ato laboral pode ter

diversas significações, por exemplo: colaboração ou dever; que numa valorização cultural, pode até se sobrepor às condições econômicas. Para essa autora, o ambiente familiar pode ser “reprodutor” da ideologia de que o ato de trabalhar desde cedo é um processo “formador” que evita riscos de marginalidade, de “viver na rua” e, desse modo, os jovens estariam afastados do “mundo dos perigos”. Ainda segunda ela, existe um rol de significações que levam crianças e jovens a buscarem precocemente um trabalho, além de sentidos de afirmação, de decisão e de consumo.

A vivência laboral que “invade” a vida cotidiana desses jovens, conforme já apresentado no capítulo anterior, promove alterações objetivas e materiais, pois agora eles podem comprar e consumir bens que julgam necessários, como também alteram sua subjetividade. Tais transformações não são expressas numa regularidade, são dialéticas, pois de acordo com Bock (2007)

[...] as leis que regem a sociedade e os homens não são naturais, mas históricas; não são alheias aos homens, por que são resultados de sua ação sobre a realidade (trabalho e relações sociais); mas são leis objetivas, por que estão na realidade material do trabalho e das relações sociais; entretanto, esta objetividade inclui a subjetividade porque é produzida por sujeitos concretos que são ao mesmo tempo, constituídos social e historicamente. (p. 34)

Diante de condições sócio-históricas e culturais múltiplas e do juízo que falamos de juventudes, apesar do trabalho ter sido proclamado, prioritariamente num pólo positivo, ele também foi expresso, paradoxalmente no negativo, conforme já acima citado. Numa ambivalência que “confunde” e faz o trabalhador se sentir explorado, ele frequentemente não consegue perceber, em sua experiência cotidiana, a diferenciação dentro da sua jornada de trabalho, entre o trabalho necessário e o trabalho excedente²⁴, sob o regime do chamado “trabalho livre” assalariado. Vejamos a narrativa abaixo:

[...] e eles exigem ainda muito... daí lá é muita exploração e ganha muito pouco... depois que a gente vai aprendendo tudo, daí eles vão explorando mais da gente. No meu trabalho é

²⁴ De acordo com Netto & Braz (2008), o tempo de trabalho necessário corresponde àquele equivalente a sua reprodução salarial e o tempo de trabalho excedente é correspondente a sua reprodução que gera valores excedentes (mais-valia) extraídos pelo capitalista.

legal, eu gosto, mas só que eles fazem a gente de escrava, às vezes, mas lá é bem legal (Viviana).

A fala de Viviana compara o trabalho a um castigo, um esforço penoso, pois, segundo Pereira (2003, p.301), “o espaço de trabalho pode se tornar um lugar de decepção e desencantamento”, no qual “a situação do patrão, comprador da força de trabalho, e a do trabalhador, vendedor de sua força de trabalho, configura uma relação de classe profundamente desigual” (Frigotto, 2002, p. 18), já que “o trabalhador trabalha sob o controle do capitalismo” (Marx, 1985b/1818-1883, p. 154). E é dentro do sistema capitalista que o trabalho se distancia da sua dimensão ontológica e se assume sob a forma de emprego ou trabalho assalariado (Frigotto, 2002), conforme apresentado no capítulo três. Para os jovens-trabalhadores desta pesquisa, reitera-se a não distinção entre o conceito trabalho/emprego, sendo vistos numa forma sinônima, por vezes como uma troca, vinculado a uma remuneração. No entanto, não expresso como desigual, mas, sim, positivado. Seguem-se as narrativas:

Emprego! Não seria a mesma coisa que trabalho! (Camile).

Emprego!...emprego é muito bom né, não tem nem o que falar (fica emocionado) (Júnior).

Emprego depende do emprego... O meu é ótimo, é ótimo, adoro aquilo (Carla).

Emprego... é um... acho que talvez uma troca de serviços assim, trabalhar num local... tu tens que trabalhar pra alguém e aí tu é remunerado (Mariana).

É...emprego é o lugar onde a gente trabalha (Patrícia).

A experiência vivida pelo grupo pesquisado, entretanto, oscila entre altos e baixos da realidade brasileira, que, na década de 1990, viveu um arrefecimento do emprego assalariado de modo geral no país. Pochmann (2007), quando se refere ao período de baixa empregatícia, registra que 60% dos empregos assalariados perdidos, nessa época, eram com carteira assinada, sendo tais perdas concentradas, principalmente, nas regiões Sul, lócus desta pesquisa, seguidas pelas regiões Nordeste e Sudeste. Porém, contrariamente a esse cenário, a partir de 2001, experimenta-se uma reação de crescimento no mercado nacional de trabalho formal (Corseuil, Moura e Ramos, 2008). Contudo, mesmo com índices mais positivos, o grupo juvenil continua a encontrar dificuldades de inserção laboral. Ressalte-se que “a noção de pleno

emprego – entendido como emprego formal como pagamentos regulares e potencialmente disponíveis para tributação – nunca foi uma característica dominante de nossa sociedade” (Spink, 2009, s/pág).

É provável que a maioria dos jovens desconheça o cenário histórico do pleno emprego, a distinção ontológica entre trabalho e emprego. No entanto, para o público juvenil participante desta pesquisa, houve uma intensa necessidade de “perseguir” um trabalho assalariado, por vezes, reiterado via imaginário social, colocado face-a-face com as complexidades do mundo do trabalho e, dentre elas, o trabalho informal (Spink, 2009). Dados da pesquisa Juventude e Integração Sul-Americana²⁵ reiteram que o emprego estável é um dos principais pleitos entre a faixa etária de 15 a 29 anos. Vejamos o comentário de Cristina:

[...] aí eu trabalhei uns cinco... não era um trabalho de carteira assinada... Aí eu insisti, vim aqui falei que eu queria que eu tava lá só, esperando eles me chamarem (Cristina).

Para além do trabalho, encontramos também outra evidência presente na realidade social dos trabalhadores: o desemprego, que segundo Blanch Ribas (2003), surge historicamente na segunda metade do século XIX. Diversos autores, tais como Antunes (2000), Pochmann (2007), Guimarães (2006), Corrochano et al. (2008), IPEA (2008) opinam que o desemprego também se faz presente entre a juventude, sempre situado em índices mais elevados quando comparados aos demais trabalhadores. Para Pochmann (2007), um dos motivos atribuídos ao desemprego juvenil seria relacionado ao crescente número de jovens sem ocupação que passam a procurar um trabalho. Complementa Guimarães (2006) que, entre 1990 e 1999, o crescimento das taxas de desemprego e a insuficiência na qualidade dos postos de trabalho triplicaram as chances das faixas etárias compreendidas entre 15 a 19 anos de ficarem desempregadas.

Então, mesmo para esses jovens que puderam efetivar sua inserção profissional por vias mais “tranquilas”, via ONG e Lei da Aprendizagem, conforme comentado no capítulo anterior, a proximidade do término contratual vem acompanhada de sentimentos de insegurança, como se observa na narrativa de Giovana que se

²⁵ A pesquisa foi realizada ao longo de 2007 com 960 jovens por especialistas em juventude em seis países da América do Sul: Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile e Bolívia. Recuperado em 14 de novembro de 2009, disponível em http://oitbrasil.org.br/info/publ_result.php.

encontrava nesta situação

Então, eu acho o trabalho muito importante, até agora que tá no final do meu contrato eu tô meio assim, meio querendo saber o que vai ser agora daqui pra frente, será que eu vou conseguir um emprego? Ou eu vou ser mais uma desempregada, que vai ficar ai entregando currículo e tentando emprego. E tenho muito medo de não conseguir entrar no mercado, que hoje em dia tem muita concorrência (Giovana).

Os receios e questionamentos suscitados por Giovana podem ser relacionados ao “desemprego de exclusão”, assim nomeado por Pochmann (2007, p. 49), sendo essa uma “condição de sem-emprego por um longo período”, por vezes, decorrente da situação econômica nacional de não proporcionar um maior número de ocupações profissionais. Apoiando a opinião do autor acima, Branco (2005) sustenta que a nossa realidade dispõe de poucas oportunidades na criação de vagas de emprego, principalmente para a população economicamente ativa (PEA) iniciante no mercado de trabalho, e “sob essa condição se encontra fundamento para a emergência de programas voltados para o primeiro emprego e outros que procurem associar a geração de trabalho e renda para a população jovem, condicionando-a a sua escolarização” (p. 135). Entretanto, as políticas públicas de inserção profissional são ainda muito focalizadas, por vezes bem elaboradas no “papel”, mas sem abrangências macrosociais e estruturais, sendo necessário um “olhar” de criticidade (Carvalho, 2006). Sabe-se que esse é um grande desafio considerando o universo juvenil de modo heterogêneo. Além disso, será necessário que os “projetos jovens” não sejam somente pensados, mas concretizados, a fim de que se possa chegar à construção e aplicação de políticas efetivas, mais amplas e permanentes, pois normalmente começam bem, mas depois se diluem (OIT, 2007).

Em sua análise Enriquez (1999), considera a realidade brasileira como um grande laboratório, com o encontro simultâneo de características desenvolvidas e subdesenvolvidas, alternando do chamado industrial clássico até o regime precário e mal remunerado, formando um país de contradições. Nesse cenário, são encontradas as políticas públicas focalizadas para a população juvenil. Estas foram recentemente elaboradas em formato de projetos sociais, como é o caso do grupo aqui pesquisado, inserido no mercado de trabalho, através do

Programa Jovem Aprendiz. Para Enriquez (1999), no mundo cada vez mais se fala em emprego e cada vez menos em trabalho, compreendendo que o primeiro é um processo no qual há uma ocupação a ser realizada com um salário estável, mas nem sempre conveniente. Mas, mesmo assim os sentidos do trabalho para os sujeitos que vivenciaram seu primeiro emprego, nessa investigação, explicitaram uma linguagem emocionada, um sentido subjetivo manifestado e externalizado a partir das suas experiências sociais:

[...] daí não ligaram no mesmo dia, daí eu peguei e chorei muito, (fala com ênfase) fiquei bem triste. Daí no dia seguinte a dona A. me ligou e perguntou se eu sabia e, eu disse que não né, e aí ela falou parabéns... Você foi escolhida. Eu quase chorei, o primeiro emprego (fala com ênfase) é assim (Mariana).

Todo mundo me trata bem, tipo sabem que eu não tenho qualificação, até pela minha idade, por que é o meu primeiro emprego. Eles tentam me ajudar o máximo... no começo eles me guiavam... Como foi o meu primeiro emprego, todos foram muito importante pra mim...o que eles me ensinaram não tem como esquecer sabe, eu até posso esquecer o rosto deles,bem dizer da fisionomia, mas do que eu aprendi não (Adrielle).

O meu trabalho é feito em dois departamentos: no protocolo e no DPS. Eu adoro o protocolo! (fala com ênfase) (Carla).

[...] quando é a primeira vez a gente vai trabalhar assim, pela primeira vez, o cara já fica assim (silêncio)... fica assim sem palavras, fica bem emocionado. Eu gosto muito (fala com ênfase) (Júnior).

Há, novamente, uma significação positiva em relação à atividade laboral, na qual os sujeitos se sentem valorizados e iniciam uma trajetória profissional positivada. No entanto, esse quadro normalmente é diferenciado. Para a OIT (2007), oportunizar trajetórias de trabalho satisfatórias para o grupo juvenil é um grande desafio, já que a grande maioria tem sua inserção em condições precárias de atuação, além de comporem compõem altos índices de deserção escolar, impossibilitando, de modo cíclico, uma continuidade em melhores postos de trabalho, o denominado “trabalho decente”, conforme visto no capítulo três.

Assim sendo, há ainda um vasto leque de necessidades a serem

alcançadas. Os programas de primeiro emprego, com certeza, constituem-se num caminho, porém muito outros itens deverão ser (re) pensados, uma vez que as políticas de primeiro emprego facilitam o acesso, mas tem pouco ação na extensão e reinserção ao término destes primeiros contratos (OIT, 2007). Na realidade cotidiana dos sujeitos pesquisados, constata-se uma maior prevalência, de condições de trabalho adequadas, nas quais, apesar, de executarem tarefas “simples”, de acordo com seus comentários, foram-lhes permitidas frequentes oportunidades de ampliação dos conhecimentos através de rodízios de tarefas, conforme veremos abaixo:

O meu trabalho é feito em dois departamentos, por que a gente começou, faz três meses, fazer rodízio... eles chegaram a um acordo que seria bom pra gente a gente aprender mais fazendo o rodízio (Carla).

Empacotam as compras, arrumo... sou repositor também, pego as mercadorias, pego no depósito e coloco na prateleira (Júnior).

ajuda os funcionários mesmo no serviço deles, procura algum documento pra eles, arquiva conta, antigamente a gente fazia um serviço mais externo, mas mesmo assim sempre foi muito tranquilo trabalhar lá (Giovana).

Apesar da satisfação expressa pelos jovens entrevistados, quanto às oportunidades de inserção no mercado de trabalho e as aprendizagens decorrentes, é possível questionar a eficácia dessas políticas públicas. Pochmann (2007) analisa criticamente as várias políticas públicas surgidas com a finalidade de promover a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Para esse autor, os resultados são pontuais e, “estão longe de obter sucesso em escala nacional” (p. 90), além de trazerem implicações, tais como a perda de qualidade na vida escolar, tendência que segue contrária aos países desenvolvidos, nos quais os jovens têm postergado sua inserção laboral, privilegiando ampliar sua escolarização.

Quando partem em busca do primeiro emprego são as empresas o “alvo” mais importante para a juventude, considerando a necessidade de obter experiência, novos conhecimentos e uma continuidade nos estudos objetivando melhor qualificação (OIT, 2007). Câmara, Sarriera e Pizzinato (2004) marcam, ainda, nessa busca de inserção, outra diferenciação entre os setores industriais, comerciais e de serviços no perfil de contratação do segmento juvenil. Atestam em dados

comparativos, que entre a indústria e o setor de serviços, este último dispõe de maiores oportunidades para a contratação de jovens, por apresentar maior flexibilidade de horários, permitindo espaço para a continuidade dos estudos, em relação à área industrial, mais inflexível no quadro de horários de trabalho. Entre o setor comercial e de serviços, as diferenças apresentam-se mais sutis, colocando o comércio como o segmento no qual a inserção laboral do primeiro emprego tende a ser mais fácil por conferirem maior importância às experiências educacionais e uma preferência pela ausência de experiência anterior.

Dentro da realidade regional da cidade de Florianópolis, já apontada no capítulo cinco, item 5.1, os integrantes desta pesquisa iniciaram suas atividades nos setores de serviços e comercial, um dos pilares econômicos do Município. Apesar de incipientes em sua trajetória profissional, os sujeitos pesquisados demonstraram um enlace com as ideologias e valores organizacionais, em relação às políticas de qualidade no atendimento ao cliente, por vezes reprodutores do sistema capitalista. Assim, os jovens expressam valores e doutrinas oriundos do ideário empresarial, “sendo que os valores da organização são apontados para os trabalhadores como o que é correto, a verdade”. (Rocha, Sarriera e Pizzinato, 2004, p.129). De acordo com Coutinho (2007), as organizações vêm ressaltando um novo perfil de trabalhador, ou seja, mais autônomo e polivalente, contudo, “esses trabalhadores são pressionados pela organização a se identificar com ela, com seus valores e objetivos” (p. 58), promovendo sobre eles uma “dominação” subjetiva. Vejamos as narrativas:

[...] arruma tudo lá nas prateleiras dele pra ficar bonito pro cliente pegar (Viviana).

[...] o atendente tem que moer, tem que fazer tudo de acordo com o cliente (Viviana).

[...] ela atende bem, isso é uma coisa que todo mundo que trabalha aqui tem que ter né (Camile).

[...] ele é um atendente, só que ele não tá conformemente arrumado... todo mundo deveria usar uniforme assim, adequado (Cristina).

[...] porque... dependendo do comportamento dela eu veria se ela é uma boa atendente (Cristina).

[...] ela tá atendendo as pessoas, se alguém perguntar alguma coisa pra ela, ela responde (Patrícia).

Para além das características regionais de Florianópolis, a expansão dos serviços é apontada por Antunes e Alves (2004), como

uma das mutações no mundo do trabalho capitalizado nas últimas décadas do século XX. Esse setor inicialmente absorve os trabalhadores saídos do mundo produtivo industrial, porém, no avançar tecnológico e de gestão, os serviços também são “abalados” e pouco a pouco se tornam cada vez mais submetidos à racionalidade do capital e à lógica dos mercados.

Existem muitos fetiches no sistema social capitalista, que acabam por transformar a classe trabalhadora “em um `sujeito-objeto`, que funciona para a auto-afirmação e a reprodução de uma força estranhada” (p. 349). No entanto, reiteramos aqui, nas palavras de Coutinho (2007, p. 75), “a concepção de trabalhador como um sujeito ativo, que não só se submete às pressões organizacionais, mas é, também, capaz de resistir e, quem sabe, transformar”, numa expectativa de que esses e outros jovens-trabalhadores possam reverter tal realidade.

Ressalto que trabalho/emprego nesta pesquisa são tomados como centrais não somente na esfera econômica, fonte de subsistência, mas também na esfera psíquica, como uma fonte de humanização, uma atividade que cria valores de uso, e por isso, defende-se que os trabalhadores necessitam lutar para manter uma dimensão concreta do trabalho (Navarro & Padilha, 2007). Frigotto (2002) corrobora com a necessidade de (re) afirmar o trabalho como valor de uso. “Nesse sentido, as leis que regem a sociedade e os homens não são naturais, mas históricas; não são alheias aos homens, porque são resultado de sua ação sobre a realidade” (Bock, 2007, p. 34).

Os jovens-trabalhadores, diante de tantas diversidades, já apresentadas no capítulo três, sobre o mundo do trabalho e as dificuldades de inserção nas atividades laborais, “constroem muitas imagens” sobre o trabalho e, apesar de lutarem por consegui-lo no modelo formal, também o reconhecem em suas múltiplas formas. Conforme Antunes (1998 – grifos do autor), o trabalho apresenta nova morfologia. É multifacetado, polissêmico e tem gerado uma *fragmentação* da classe trabalhadora, incluindo o grupo juvenil, que, por vezes, encontrará somente chances de trabalho precarizado, através dos chamados contratos terceirizados, subcontratados, *part-time*, entre outros, sendo esta opinião também corroborada por Pochmann (2007), Guimarães (2006), Corrochano et al. (2008), IPEA (2008), OIT (2007), entre outros. Sigo apresentando as narrativas dos sujeitos sobre os recursos imagéticos das cenas de trabalho autoproduzidas e significadas pelos mesmos.

7.2 IMAGENS DO TRABALHO

A fotografia permitiu maior aproximação na apreensão dos sentidos do trabalho, pois através de imagens autoproduzidas, como também autointerpretadas, os participantes expressaram “novos olhares” que ampliaram os sentidos proclamados nas entrevistas. Corroborando com Maheirie, Boeing e Pinto (2005, p. 215), também entendo que “a fotografia provoca dúvidas, gera reflexões, produz soluções”, que num contexto sócio-histórico, ampliam a constituição do olhar humano de forma infinita (Strappazzon, Santa, Werner e Maheirie, 2008) e, enquanto processos de criação, aludem a processos de subjetivação e objetivação dos sujeitos, sempre em constantes mutações.

Assim, os jovens trouxeram imagens que reiteram o trabalho sob a forma de emprego e suas satisfações com essa primeira experiência, da condição do trabalho assalariado, como valor de troca, da alienação que priva o trabalhador de ter acesso, ou uso do seu próprio trabalho. Dialeticamente, no entanto, houve o predomínio de cenas sobre o trabalho com caráter informal. Nessas imagens, estão expressas as condições de informalidade. Somam-se ainda cenas do trabalho como fator de manutenção da sua subsistência física e, por fim, do trabalhador que faz o que gosta e da sua relação direta com a natureza. Complementando as falas dos sujeitos, serão também apresentadas as imagens produzidas. Na sequência apresentam-se as fotografias 1, 2 e 3 e posteriormente os comentários.



FOTOGRAFIA 1 – Jovem Aprendiz

[...] a gente tava fazendo arquivo, então a gente lida lá no banco com arquivo, então tá mostrando o que a gente jovem-aprendiz faz né, é bem assim. O trabalho ali é organizar arquivo,... fazer de tudo um pouco né... daí eu não sou uma jovem aprendiz lá eu pareço uma trabalhadora, eles chamam a minha atenção, eles falam quando tem pra falar, então tu sente como se tu fosse um trabalhador normal, que não tem nenhuma diferença. Eu sou jovem aprendiz, mas se seu errar alguma coisa eu ainda tenho desculpa, mas lá eles não vêem isso, tem que ser correto (Cristina).



FOTOGRAFIA 2 – Cantinho do serviço

Esta aqui é a responsável do protocolo mesmo, a gente faz tudo que ela faz,... na verdade o serviço que a gente faz, a gente não deveria fazer, porque não é obrigatório. A gente só é responsável por levar e trazer documentos, essas coisas assim de circulação, mas como é legal, tudo aquilo que ela faz, ela explica tudo pra gente, até por que se ela precisar faltar algum dia a gente já sabe. A gente aprende tudo com ela, ... ela é a responsável, que ensina tudo (Carla).



FOTOGRAFIA 3 – Empacotador de Mercadorias

[...] é que no mercado lá tem...eles contratam as pessoas, os menores pra começar trabalhando... traz o significado do trabalho né, que bastante pessoas trabalham, não só os adultos, mas aqui no mercado menores também (Viviana).

Início comentando que as imagens acima retratam o tão esperado emprego, na forma de jovem aprendiz. Seus autores comentam sobre suas atuações e a realidade organizacional que os cerca, diretamente nas fotografias 1 e 2 e, indiretamente, sobre o trabalho do jovem aprendiz na fotografia 3. Apesar de um aparente discurso positivo sobre as atividades desenvolvidas e da dedicação desses jovens trabalhadores, pode-se questionar, num contraponto, a efetiva validade do ingresso precoce dos jovens no mercado de trabalho, pois diante das transformações que as organizações de trabalho evidenciam nas últimas décadas, e seus embates em busca de maior lucratividade, dentro do capitalismo e da globalização de economia; esses jovens atuam sem distinções dos demais trabalhadores, sendo já submetidos às “pressões” por produtividades, com prováveis conseqüências negativas futuras, por exemplo, a saúde dos jovens trabalhadores (Coutinho, 2006). Sigo com as fotografias 4, 5 e 6 e logo abaixo suas considerações.



FOTOGRAFIA 4 - Talento

Esta foto é umas crianças que elas tavam tocando, fazendo uma apresentação e aí eu também achei que isto era uma forma de trabalho...muita gente ganha dinheiro, trabalha mostrando o seu talento e eles estavam mostrando o talento deles (Camile).



FOTOGRAFIA 5 - Esforço

Esta foto eu também tirei porque... a gente... eu tava passando na rua né, voltando, e este Sr. me ofereceu Trimanía e daí eu perguntei se eu podia bater uma foto, eu perguntei se este era o trabalho dele e ele disse que sim... este era o meio de sobrevivência dele (Camile).



FOTOGRAFIA 6 – Em busca de um sonho

[...] é uma moça, ela tava trabalhando nesse dia e este daqui é o bonequinho... e ela tava cantando com o bonequinho... É porque tem várias maneiras de trabalhar, e cantar é uma maneira de trabalhar né... Ela canta, e o boneco vai abrindo a boca, pra gente pensar que é o boneco (Patrícia).

Nestas três imagens se encontram, na ambivalência do trabalho formal, atividades informais, que hoje circulam habitualmente pelas ruas das cidades. De acordo com Campos (2005, p. 21), ao realizar um estudo sobre os trabalhadores informais, há um grande contingente de trabalhadores desqualificados que atuam em condições precárias e/ou informais, “este é o cenário da precarização das relações do trabalho, da internalização do capital, da flexibilidade e da reestruturação produtiva”. Assim, mesmo almejando empregos formais, os jovens reconhecem, por meio de imagens, a informalidade como um traço do trabalho contemporâneo.

Olhando essas imagens, corroboro com a opinião de Antunes (2005) que contemporaneamente, vivemos as mutações promovidas sob a égide do capitalismo, ficando diante de novas morfologias da categoria trabalho, de sua polissemia e de uma expansão da classe trabalhadora; que ante ao seu talento, esforço ou em busca de um sonho, nas denominações dos sujeitos, atuam na chamada informalidade. Sua terminologia atual, trabalho informal, apesar de ser datada do final da década de 60, no século XX, tem sua história vinculada aos primórdios da Revolução Industrial. Como forma de trabalho distinta do contexto

capitalista, por vezes entendida como ilegal e desqualificada (Campos, 2005).

Segundo Organista (2006), a informalidade e precarização do trabalho vão além das relações empresa/emprego e dos subcontratados. Tem uma realidade mais ampla, quando se trata dos trabalhadores que exercem seus trabalhos nas ruas, principalmente, na realidade brasileira fortemente vinculada ao trabalho assalariado, entendendo-o como “um forte processo valorativo sociomoral” (p. 170). Complementa o autor que, para além das questões de sobrevivência tais cidadãos tentam uma autoinclusão social, “numa ética que opõe trabalho e vadiagem”, (p. 19). Discussão esta já efetivada no subitem 7.1, como uma possibilidade, por ocasião da “intensa” positividade e “perseguição dos jovens nesta investigação em alcançarem um emprego. Passo a apresentar as fotografias 7 e 8.



FOTOGRAFIA 7 – Se esforçar para ser um bom exemplo 26

[...] é difícil, porque eles tão trabalhando entre dois né, eles trabalham das oito até as seis horas, eles tem que fazer tudo rapidinho e é muito puxado só pros dois (Júnior).

²⁶ Os dois trabalhadores, citados por Júnior, segundo ele, encontravam –se no interior da construção, sendo visível apenas a imagem de um deles.



FOTOGRAFIA 8 - Construção

Eu tirei por que eu achei tipo pra construir... uma construção né é uma forma de trabalho bem pesada, tem que ser valorizada... Acho que tem mais força de vontade mesmo de tu construir uma coisa e vê aquilo, não vai ser pra eles né, vai ser pra outras pessoas (Adriele).

Nas duas fotografias, 7 e 8, registraram cenas sob a temática construção, e as reflexões dos sujeitos apontam para uma atividade “difícil” e penosa. De acordo com Coutinho, Diogo e Joaquim (2008), aos pesquisarem os sentidos do trabalho para servidores técnicos administrativos de uma prefeitura universitária, puderam constatar que “devido às características das atividades laborais, alguns espaços de trabalho e/ou categorias profissionais recebem menor prestígio e visibilidade social” (p. 105). Os comentários de Júnior e Adriele expressam a necessidade de que haja reconhecimento dos trabalhadores, a chamada validação social. Segundo Dejours & Abdoucheli (1994) esse reconhecimento age em dois registros: o da hierarquia, que permite o reconhecimento pela utilidade e o dos pares que traduz habilidade, inteligência e talento pessoal.

A narrativa de Adriele, na foto 8, ainda destaca que esta cena caracteriza o trabalho, mas não como forma de suprir diretamente uma necessidade, valor de uso, do trabalhador. Nas palavras de Marx (1985b/1818-1883, p. 154), “o trabalhador trabalha sob o controle do capitalista a quem pertence seu trabalho”. Nessas condições, vendendo sua força de trabalho ao capitalista, o proletário cada vez mais vai se

deparando com uma atividade estranhada e alienada. “O trabalhador é alienado ou perde o controle sobre o produto de seu trabalho (que não lhe pertence) e do processo de produção” (Frigotto, 2002, p. 17). Na continuação, seguem-se as fotografias 09 e 10.



FOTOGRAFIA 9 - Cozinha

Como aqui ela tá uniformizada e, tá numa cozinha mais, meio... não é industrial, mas da pra perceber que não é uma cozinha de casa de família, então é trabalho mais fora de casa mesmo,... mas é trabalho, trabalho mesmo que rende dinheiro pra poder sustentar a família (Giovana).



FOTOGRAFIA 10 - Cobradora

Eu escolhi a foto da cobradora como a mais significativa por que eu acho que tem cobrador que, às vezes, não gosta do que faz e fica emburrado... não dá a devida atenção e o devido carinho que o trabalho pede e ela é diferente. Ela é atenciosa com todos e está sempre com um sorriso no rosto (Mariana).

As fotografias 09 e 10 apontam ainda configurações sobre o trabalho como um valor de troca. Na nona cena, o trabalho assalariado aparece como uma forma de suprir e atender às necessidades de sobrevivência do trabalhador, mostrando-se central na subsistência física e “visto como um meio de sobrevivência momentânea, presente” (Pereira, 2003, p. 291). Na opinião de Netto & Braz (2008), a remuneração de um trabalhador deve se estender para além das necessidades fisiológicas deste e de sua família, atendendo seus aspectos sociais e culturais, por exemplo. Contudo, são múltiplos os fatores que influenciam a composição do preço da força de trabalho, dentre eles as condições do mercado de trabalho em relação à oferta ou não, de postos de trabalho em quantidades suficientes para atender toda a demanda de trabalhadores e, conseqüentemente, quadros de desemprego. Complementam os autores que “é na fixação do preço da força de trabalho que mais imediatamente vem à tona o antagonismo entre os interesses do capitalista e dos trabalhadores.” (p. 103). Talvez sem a reflexão acima, a fala de Giovana expresse o quanto é importante ter um trabalho para poder, deste modo, subsidiar sua família. Além disso, fica retomada a questão de gênero, já apontada anteriormente, pois apesar do aumento da mão-de-obra feminina no mercado de trabalho, nas últimas décadas do século XX, a imagem reflete que “esta inserção ainda hoje ocorre de forma setorizada: as mulheres são encaminhadas às atividades que reproduzem as tarefas domésticas e/ou exploram suas habilidades ‘naturais’” (Diogo e Coutinho, 2006, p. 134).

Na fotografia 10, em outra conotação, o trabalho assalariado é referido como uma possibilidade de satisfação, “do gostar do que se faz”. As reflexões de Mariana sobre a cobradora reafirmam a singularidade do sujeito, que mesmo atuando sob a égide do capitalismo, faz com que seu trabalho não se limite “à execução de uma atividade técnica: ele se transforma no ser daquele/a que o exerce e pode determinar a qualidade das suas relações sociais” (Diogo, 2007 p. 485). Cada indivíduo vivencia e tem suas condutas organizadas pelos sentidos atribuídos na sua relação laboral, assim “reage à realidade de maneira

estritamente original” (Dejours & Abdoucheli, 1994, p. 126).



FOTOGRAFIA 11 - Pescador

Acho que está daí é mais sobrevivência, é ganha pão, não em forma de dinheiro, mas em forma de produto, de conseguir o produto direto da fonte. Acho que o título tem que ser pescador mesmo (Giovana).

Finalizando, a fotografia 11, numa constituição dialética a todas as demais, resgata o conceito do trabalho como valor de uso, trabalho concreto, apresentado no capítulo 2. Os comentários de Giovana remetem às palavras de Marx (1818-1883), concebendo que “o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza”... ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo sua própria natureza... numa forma em que pertence exclusivamente ao homem” (p. 149). Diante dessa imagem e sua narrativa, pode-se imaginar que esses jovens-trabalhadores, mesmo presente em meio a tantas vozes polissêmicas, são também capazes de significá-lo para além das ideologias capitalistas. Afinal falamos de juventudes e “o homem, ao construir seus registros (psicológicos), o faz na relação com o mundo, objetivando sua subjetividade e subjetivando sua objetividade... as dimensões do psicológico refletirão essa diversidade: serão imagens, palavras, emoções, pensamentos.” (Aguar, 2007, pp. 96 e 97).

Desse modo, neste capítulo o quarto núcleo - Primeiro Emprego: têm diversos tipos, um diferente do outro -, foi discutido e comentado, através de dois subitens, que perpassam da transição à vida adulta dos jovens trabalhadores através do início da trajetória profissional, por meio do primeiro emprego, até suas imagens e sentidos atribuídos ao

trabalho/emprego na contemporaneidade. São muitos os desafios que se perfilam para essa magnitude “onda jovem” que, segundo a OIT (2007), somavam 106 milhões de jovens na América Latina e Caribe, em 2005, e que desses 48 milhões já são trabalhadores. Confirma-se assim, de modo quantitativo e qualitativo, a necessidade deste e de outros estudos, como também, da continuidade das ações públicas, considerando a real existência de 22 milhões de jovens que não estudam e não trabalham. Assim sendo, apresento as considerações finais da presente investigação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi compreender quais os sentidos do trabalho em sua primeira experiência para jovens participantes do Programa Jovem Aprendiz. Esta proposta entendeu a categoria trabalho norteada pela fundamentação teórica do materialismo histórico-dialético e, desta forma, tida como central. As categorias adolescência/juventudes foram concebidas pelas lentes teórico-metodológicas da Psicologia Sócio-Histórica. Os jovens aqui pesquisados, entendidos numa pluralidade, expressaram seu contexto sócio-histórico, e nele, os sentidos do trabalho vivenciados no início de suas vidas laborais, levando-nos a conhecer, através da articulação dos núcleos de significação, a realidade social e histórica deste grupo e, assim, responder à pergunta de pesquisa, além dos objetivos específicos.

Os sentidos do trabalho proclamados nas falas e nas imagens auto produzidas trazem dialeticamente o trabalho em pólos de positividade, mas também de negatividade. Busquei conhecer a constituição dos sujeitos em sua processualidade histórico-dialética, cujos sentidos e significados são produzidos por complexas relações em suas trajetórias. Os resultados foram articulados num movimento dinâmico inter e intranúcleos de significação, como também numa extensão social e histórica dos sujeitos entrevistados. Esses múltiplos sentidos, significados através de palavras, gestos e olhares foram agrupados didaticamente nos seguintes núcleos: Experiência, Registro Formal, Cotidiano, Projetos e Primeiro Emprego. Ressalto que a nomenclatura dos núcleos expressa um primeiro momento analítico/ interpretativo na organização dos conteúdos expressos pelos sujeitos.

No primeiro núcleo Experiência, Registro Formal e Consumo: queria ter o meu emprego e o meu salário, encontrei o processo da busca do primeiro emprego, suas formas de inserção, os processos seletivos e as formas de utilização da remuneração recebida. Os jovens, estatisticamente, são apontados como um dos grupos mais vulneráveis para ingressarem no mercado de trabalho. No entanto, os aqui pesquisados, no uso de uma das políticas públicas focalizadas voltadas à criação de emprego e renda, puderam fazê-lo de modo mais “tranquilo” para a obtenção de um trabalho assalariado, este concebido como um importante fator nesse grupo.

Partem em busca do primeiro emprego, quase que majoritariamente, no grupo pesquisado, por sua própria iniciativa. Nessa inexperiência e diante das singularidades, vivenciaram os processos

seletivos contrariamente; ora tomando o momento de modo tenso e angustiante, ora tranquilamente. São movidos a buscarem experiência, uma espécie de “passaporte facilitador” para seu futuro profissional, prioritariamente, “perseguindo” uma atividade empregatícia com vínculo formal. Diante desta conquista vislumbram ter sua própria remuneração. Notei que, uma vez tendo o trabalho/emprego remunerado e certa autonomia financeira, os jovens aludiram muitas vezes ao consumo.

Nesse processo, observei que há o cerceamento do valor de uso e uma predominância do valor de troca, reafirmando hábitos culturalmente produzidos e reproduzidos nas sociedades capitalistas. Os sentidos do trabalho são associados a ter um salário, em prejuízo ao ser trabalhador. Na articulação desse núcleo foram atendidos os objetivos específicos que pretendiam investigar como se dá a inserção no mercado de trabalho e os motivos que levam os jovens a buscarem sua primeira experiência profissional.

No segundo núcleo Cotidiano: tudo ficou mais corrido, pude conhecer como o trabalho atravessa a vida cotidiana dos jovens. A partir do início da primeira experiência profissional, também principiam transições para a vida adulta, passam a dispor de menos tempo livre e, ambigualmente, significam esse momento, ora como perda de horários de lazer, ora ganhos de independência e amadurecimento pessoal. A vida escolar, vinculada ao programa do primeiro emprego que participam, foi analisada de modo crítico pelos jovens entrevistados, particularmente no sistema público de ensino, expressando necessidades de mudança na busca de maior qualidade. Em prevalência, adaptam-se bem às novas rotinas de trabalho, vida pessoal e educação. Apesar de uma vida mais atribulada de horários e tarefas após seu ingresso laboral, esta é significada positivamente. Seria possível problematizar se esta positividade pode ser associada à própria atividade laboral realizada pelo jovem, ou se expressa o valor positivo da conquista do primeiro emprego formal, em um contexto de desemprego e precariedade das formas de emprego disponibilizadas para as juventudes. Demais rotinas também são alteradas, pois a vida anterior somente dedicada aos estudos tem seu tempo livre reduzido e, também, dialeticamente, os sentimentos oriundos de tais mudanças são bem recebidos por alguns e não por outros. Nesse núcleo, pude responder ao objetivo específico que pretendia investigar como se dão as relações entre trabalho e as demais dimensões da vida cotidiana dos jovens trabalhadores: a vida corrida que agora expressa um movimento de transição rumo à vida adulta.

No terceiro núcleo Projetos: eu quero ter outra história de vida,

conheci como os jovens pesquisados arquitetam seus projetos, alguns em conformidade com sua história de vida, outros contrariamente, buscam ressignificações, fatores que reiteram na concepção sócio-histórica que os projetos são construções dialéticas, singulares e não hegemônicas. Os pesquisados expressam possíveis escolhas profissionais e/ou suas dúvidas e incertezas da sua trajetória futura. Nota-se que fazem suas escolhas sem a possibilidade de participarem de programas de Orientação Profissional, reiterando ainda um caráter elitista desses projetos que, normalmente, são realizados com jovens oriundos de camadas médias ou altas da população. No entanto, cabe a nós, enquanto profissionais da Psicologia, a ampliação dessa realidade. Ainda sob esse tema, deixo como sugestão à ONG, lócus desta pesquisa, a possibilidade de disponibilizar esse tipo de vivência aos jovens-aprendizes, acrescentando oportunidades para que os mesmos possam viabilizar alternativas na elaboração de seus projetos, como também outras probabilidades de carreiras não necessariamente universitárias, atuando assim nas diversas realidades e contextos socioculturais.

No quarto núcleo Primeiro Emprego: tem diversos tipos um diferente do outro a experiência laboral reitera-se de modo ambíguo, tomando conotações positivas e negativas. O trabalho é tido como positivo pela sua possibilidade de estender os vínculos sociais. Também porque, além das mudanças materiais e objetivas, já apontadas pelo consumo, o trabalho promove alterações subjetivas nos relatos desses sujeitos. Assim, fazem novas amizades, tornam-se mais responsáveis, perdem a timidez e aprendem para a vida. No entanto, essa intensa positividade também pode ser questionada, tomada num contraponto e ser vista como uma reprodução sociocultural de uma ideologia que vislumbra o trabalho enquanto “formador” capaz de afastar os jovens de um mundo marginal e perigoso.

Em seu sentido negativo, o trabalho, sob a forma de emprego, é significado como uma atividade penosa, de exploração, configurando a relação capitalista desigual entre patrão-empregado, uma vez que, para os jovens-trabalhadores desta pesquisa, reitera-se a não distinção entre trabalho e emprego, sendo visto numa forma sinônima. Mas, para além de suas ambivalências, pode-se notar nesse grupo juvenil uma intensa necessidade de “perseguir” um trabalho assalariado, podendo-se aventar a possibilidade de que já conhecendo as complexidades do mundo do trabalho, o trabalho informal e o desemprego, por exemplo, presentes em seus cotidianos, conforme os registros imagéticos produzidos, esse primeiro emprego seja tão valorizado e “necessário”. Pode-se, efetivamente, constatar que, ao final do término contratual e com a

chance de um possível desemprego, este “fantasma” foi comentado com receio devido à possibilidade de tornarem-se “mais um” no concorrido mercado de trabalho.

Assim, este coletivo juvenil, mesmo dispondo de atenção e uma diversidade de políticas públicas, neste momento histórico-cultural ainda se depara com um quadro social com políticas públicas bastante focalizadas, atendendo a algumas metas de inserção laboral, mas que deixam a desejar ao término dos contratos, pois pouco agem na extensão e reinserção laboral. Ressalto que tal forma de inserção, aparentemente mais rápida, assim comentada pelos próprios participantes, não deve ser um fator de “acomodação” na (re)definição de outras políticas públicas para o segmento juvenil, pois ao término do contrato de (no máximo dois anos, previsto na Lei da Aprendizagem), esses jovens retornam ao mercado de trabalho, geralmente, desempregados.

Tal situação levou-me a refletir, criticamente, sobre programas de inserção oportunizados por essas políticas, que “esquecem” de pensar no futuro dos jovens e, assim, se mostram incapazes de atender às suas reais necessidades. Além disso, outros questionamentos podem ser lançados em relação às políticas públicas, dentre eles por que não (re)construir políticas públicas com novos fundamentos, privilegiando ao invés da relação trabalho/educação, somente esta última? Não seria uma possibilidade para os jovens conquistarem uma trajetória educacional mais qualificada, com alternativas nas escolhas profissionais, visando melhorias dos nossos índices educacionais e uma formação mais efetiva? Quem sabe diante desta, entre outras alternativas, poderiam ser modificadas as condições atuais nas quais os jovens-trabalhadores se tornam “reféns” do sistema capitalista e, assim, o trabalho transcenda as questões de sobrevivência e consumo?

Esses jovens-trabalhadores, apesar da pequena experiência profissional e do desejo de terem um vínculo formal, (re)conhecem diferentes segmentos da classe trabalhadora, multifacetada e fragmentada. Demonstram, num retrato bastante fiel do atual mundo do trabalho, via seus recursos imagéticos, uma realidade presente em seus cotidianos que espelha o trabalho informal, o trabalho assalariado, exclusivamente, como fator de atendimento a sobrevivência física. Além disso, sentidos do trabalho/emprego para uma condição salarial na qual prevalece o valor de troca sobre o valor de uso. No entanto, considerando que falamos de juventudes, as imagens retratadas também resgata o trabalho sob seu valor de uso, como possibilidade humana de interagir diretamente com a natureza e dela extrair seu produto e, num movimento constante, promover sua própria transformação, e também

do meio. À guisa de conclusão, é possível afirmar que, apesar de fortemente atravessados pelas significações sobre trabalho produzidas em um contexto capitalista, esses jovens-trabalhadores, que precocemente iniciam uma atividade laboral, trazem desejos na busca de ser alguém e de ser feliz a partir do seu trabalho, o que em meu entendimento corrobora uma centralidade dessa categoria. Deste modo, ao discutir os núcleos Projetos e Primeiro Emprego, respondo ao objetivo específico que pretendia investigar o lugar do trabalho nas trajetórias de vida dos jovens.

Nesses dois anos logrei como pesquisadora, conhecer teórica e praticamente esse grupo de jovens participantes do Projeto Jovem Aprendiz, expressando os sentidos do trabalho nas suas primeiras experiências profissionais. Considerando a abordagem qualitativa e sócio-histórica utilizada, os resultados desta pesquisa são compreendidos em seu caráter único, singular, mas sendo também de ordem constitutiva dos processos vivenciados, trazem, deste modo, contribuições que poderão ser generalizada pela capacidade explicativa alcançada de mediações de uma dada realidade concreta e, então, somada aos estudos das juventudes/adolescências.

Assim, como primeiro passo, as informações aqui analisadas serão apresentadas à ONG, em caráter devolutivo²⁷, não especificamente aos sujeitos participantes, em decorrência dos termos contratuais, mas aos gestores e aos atuais jovens aprendizes. Oportunamente, através de artigos científicos, espero também oferecer subsídios às demais pesquisas psicológicas nessa temática.

Apesar da sensação de etapa concluída, entendo que sempre há muito por fazer, por melhorar e acrescentar. Aprendi muito nesta experiência, mas, certamente, sei que também há muito por aprender e pesquisar, como: estudos que permitam conhecer as trajetórias dos jovens após o término contratual como jovem aprendiz, ou quais são as estratégias e/ou ações e modos de subjetivação que os jovens cadastrados na ONG e não convocados estabelecem na busca do primeiro emprego, além de estudos sobre a saúde dos jovens-trabalhadores precocemente expostos às pressões organizacionais e/ou acúmulos de tarefas. Por ora, esta fase foi finalizada, mas muitas inquietações suscitam o movimento humano, pois somos seres num fazer constante.

²⁷ Após a defesa desta dissertação duas reuniões devolutivas foram realizadas na sede da ONG. A primeira para pais e/ou responsáveis dos atuais jovens-aprendizes e a segunda para Orientadores dos jovens nas instituições contratantes.

REFERÊNCIAS²⁸

Abramo, H. W. (2005). Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira* (pp. 37-72). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Aguiar, W. M. J. (2006). A pesquisa junto a professores: fundamentos teóricos e metodológicos. In *Sentidos e significados do professor na perspectiva sócio-histórica: relatos de pesquisa* de W. M. J. Aguiar (Org.). (pp. 11-22). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Aguiar, W. M. J. (2007). A pesquisa em Psicologia Sócio-Histórica: Contribuições para o debate metodológico. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp. 129-140). (3a ed.). São Paulo: Cortez

Aguiar, W. M. J., Bock, A. M. M. & Ozella, S. (2007). A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (p. 163-178). (3a ed.). São Paulo: Cortez.

Aguiar, W. M. J. & Ozella, S. (2003). O sentido subjetivo atribuído à escolha profissional: um estudo com jovens de camadas populares. In S. Ozella (Org.), *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica* (pp. 253-276). São Paulo: Cortez.

Aguiar, W. M. J. & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26 (2), 222-245. Recuperado em 7 de abril de 2008, disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1414-89320060002&lng=pt&nrm=is

Alves, G. (2005). *O Novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo

Alves, J. A. (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Caderno de Pesquisa*, 77, 53-61.

Alves, R. (2009). *O sapo que queria ser príncipe [adolescência e juventude]*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.

Antunes, R. (1998). *Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. (5a ed.). São Paulo: Cortez.

Antunes, R. (2000). *Os Sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho*. (3a ed.). São Paulo: Boitempo.

Antunes, R. (2005). *O caracol e a sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo.

Antunes, R. & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação e Sociedade*, 25(87), 335-351. Recuperado em 4 de junho de 2009, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0101-733020040002&lng=pt&nrm=iso

Aquino, C. A. B. de (2007). Transformações no modelo industrial, “novos” trabalhos e nova temporalidade. *Psicologia e Sociedade*, 19(especial 1), 21-28. Recuperado em 20 de setembro de 2008, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-718220070004&lng=pt&nrm=iso

Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. (D. Zlaksman, Trad.). (2a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara

Barbiani, R. (2007). Mapeando o discurso teórico latino-americano sobre juventude(s): a unidade na diversidade. *Revista Textos e Contextos*, 6(1), 138-153.

Bianchetti, L. (1999). As novas tecnologias e o devassamento do espaço-tempo do saber tácito dos trabalhadores. In B. W. Aued (Org.), *Educação para o (des)emprego* (pp. 133-149). Petrópolis, RJ: Vozes.

Blanch Ribas, J. M. (2003). Trabajar em la modernidad industrial. In J. M. Blanch Ribas, M. J. E. Tomas, C. G. Durán & A. M. Artiles, *Teoría de las relaciones laborales: Fundamentos* (pp. 19- 147). Barcelona:

Editorial UOC.

Bock, A. M. B. (1998). Discutindo a concepção de adolescência. *Recriação – Revista do CREIA*, 3(1), 57-60.

Bock, A. M. M. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Cadernos Cedes*, 24(62), 26-43.

Bock, A. M. B. (2007). A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp. 15-35). (3a ed.), São Paulo: Cortez.

Bock, A. M. B. & Liebesny, B. (2003). Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In S. Ozella (Org.), *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica* (pp. 203-222). São Paulo: Cortez.

Branco, P. P. M. (2005). Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In H. W. Abramo, & P. P. M. Branco, (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira* (pp. 129-148). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Câmara, S. G., Sarriera, J. C. & Pizzinato, A. (2004). Que portas se abrem no mercado de trabalho para os jovens em tempos de mudança? In J. C. Sarriera, K. B. Rocha & A. Pizzinato (Orgs.), *Desafios do mundo do trabalho: orientação, inserção e mudanças* (pp. 73-113). Porto Alegre, EDIPUCRS.

Camarano, A. M. (2006). Considerações finais: transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? In A. M. Camarano (Org.), *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 319-330). Rio de Janeiro: IPEA. Recuperado em 06 de janeiro de 2010, disponível em:
http://www.ipea.gov.br/082/08201004.jsp?ttCD_CHAVE=2733

Campos, M. (2005). *Identidades e informalidades: um estudo com trabalhadores do setor informal de Florianópolis-SC*. Dissertação de

Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Carvalho, G. C. A. (2006). Juventude e políticas públicas: dos impasses às necessidades práticas. In K. S. L. Matos, S. J. H. C. Adad, & M. D. M. Ferreira (Orgs.), *Jovens e Crianças: outras imagens* (pp. 62- 74). Fortaleza: Edições UFC.

Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão salarial: uma crônica do salário* (I. D. Plei, Trad.). (5a ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.

Cataplan, A. H. & Thomé, Z. R.C. (1999). A constituição da sociedade de produtores e consumidores. In A. H. Cataplan & Z. R. C. Thomé (Orgs.), *Trabalho & Consumo: para além dos parâmetros curriculares* (pp. 77-87). Florianópolis: Insular.

Conselho Nacional de Juventude – Conjuve (2006). Política nacional de juventude: diretrizes e perspectivas. (pp. 01-40). Recuperado em 24 de setembro de 2008 em: www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sec_geral/arquivos/conjuve.

Corrochano, M. C., Ferreira, M. I. C., Freitas, M. V. & Souza, R. (2008). *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa, Instituto IBI. Recuperado em 20 de setembro de 2008, disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/portal/index.php?option=com_booklibrary&task=showCategory&catid=29&Itemid=124

Corseuil, C. H. L., Moura, R. L. & Ramos, L. (2008). *Fontes de expansão do emprego formal*. Boletim Mercado de Trabalho [on-line]. Retirado em 30 de novembro de 2009 em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/boletim_mercado_de_trabalho/mt37/mt37a/12_Fontes_de_Expansao_do_Emprego_Formal.pdf.

Coutinho, M. C. (1993). Subjetividade e trabalho. In D. H. P. S. Lucchiarri (Org.), *Pensando e vivendo a orientação profissional* (pp. 117-122). (5a ed.). São Paulo: Summus.

Coutinho, M. C. (2006). *Participação no trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Coutinho, M. C. (2007). Trajetória rumo à modernização: implicações para trabalhadores antigos e novos de uma organização industrial catarinense. In I. C. F. Borsoi & R. A. Scopinho, *Velhos trabalhos, novos dias: modos atuais de inserção de antigas atividades laborais*, (pp. 57-76). Fortaleza: Edições UFC.

Coutinho, M. C. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias de investigação. *Cadernos de Psicologia Social*, 12(2), 189-202. Recuperado em 05 de janeiro de 2010, disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1516-371720090002&lng=es&nrm=iso

Coutinho, M. C., Diogo, M. F. & Joaquim, E. P. (2008). Sentidos do trabalho e saber tácito: estudo de caso em universidade pública. *PSIC*, 9(1): 99-108. Recuperado em 10 de março de 2010, disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psic/v9n1/v9n1a12.pdf>

Coutinho, M. C., Krawulski, E., & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. Recuperado em 15 de abril de 2008, disponível em: *Psicologia & Sociedade*, 19 (especial), 29-37. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-718220070004&lng=pt&nrm=iso

Coutinho, M. C. & Silva, K. S. S. (no prelo). El lugar del sujeto en el contexto del trabajo contemporáneo. In J. L. Álvaro (Org.), *Psicología social del trabajo y las organizaciones*.

Da Ros, S. Z. (2006). Imagem, discursos e dialogismo: questões metodológicas. In S. Z. Da Ros, K. Maheirie & A. V. Zanella (Orgs.), *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência* (pp. 221-238). Florianópolis: NUP/CED/UFSC.

Dauster, T. (1992). Uma infância de curta duração: trabalho e escola. *Cadernos de Pesquisa*, 82, 31-36.

Dejours, C. & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In C. Dejours, E. Abdoucheli & C. Jayet, *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. (M. I. S. Betiol, Trad.). (pp. 119-145). São Paulo: Atlas.

Diogo, M. F. (2007). Os sentidos do trabalho de limpeza e conservação. *Psicologia em Estudo*, 12(3), 483-492. Recuperado em 10 de março de 2010, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n3/v12n3a05.pdf>.

Diogo, M. F. & Coutinho, M. C. (2006). A dialética da inclusão/exclusão e o trabalho feminino. *Interações*, 9(21), 121-142.

Durand, O. C. da Silva & Beltrame, S. A. B. (2005). *Juventude escolarização e poder local: segundo relatório científico: região metropolitana de Florianópolis – SC*. Recuperado em 25 de novembro de 2009, disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2370>

Enriquez, E. (1999). Perda do trabalho, perda da identidade. *Cadernos da Escola do Legislativo*. Recuperado em 09 de novembro de 2009, disponível em: <http://www.almg.gov.br/cadernoscol/caderno9/perda.pdf>

Estatuto da Criança e Adolescente. (1990, 13 de julho). Recuperado em 06 de Outubro de 2008. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm.

Franco, M. L. P. B. (2005). *Análise de conteúdo*. Brasília: Liber Livro.

Frigotto, G. (2002). A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In G. Frigotto & M. Ciavatta (Orgs.), *A experiência do trabalho e a educação básica* (pp. 11-27). Rio de Janeiro: DP&A.

Gonçalves, M. G. M. (2003). Concepções de adolescência veiculada pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In S. Ozella (Org.), *Adolescências construídas* (pp. 41-62). São Paulo: Cortez.

Gonçalves, M. G. M. (2007). Fundamentos metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In A. M. B. Bock, M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.), *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia* (pp. 113-127). (3a ed.), São Paulo: Cortez.

González Rey, F. L. (2004). *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. (V. L. M. Joscelyne, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Gorz, A. (2007). *Metamorfose do trabalho. Busca do sentido: critica da razão econômica*. (A. Montoia, Trad.). São Paulo: Annablume.

Graf, L. P. & Diogo, M. F. (2009). Projeções Juvenis: visões ocupacionais e marcas de gênero. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 71-82.

Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (2008). Censo GIFE juventude 2007/2008. Recuperado em: 16 de junho de 2009, disponível em: http://www.gife.org.br/conexao/censo_juventude.pdf.

Guia de Políticas Públicas da Juventude (2006). Recuperado em 22 de fevereiro de 2010, disponível em: http://www.emater.mg.gov.br/doc/intranet/upload/TRANSF_FIQUE_OLHO/guia_de_pol%C3%ADticas_p%C3%BAblicas.pdf.

Guimarães, N. (2005). Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira* (pp. 149-174). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Guimarães, N. (2006). Trajetórias inseguras, automatização incerta: os jovens e o trabalho em mercado sob intensas transições ocupacionais. In A. M. Camarano (Org.), *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 171-197). Rio de Janeiro: IPEA. Recuperado em 06 de janeiro de 2010, disponível em: http://www.ipea.gov.br/082/08201004.jsp?ttCD_CHAVE=2733.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (2000). *Cidades@*. Recuperado em 05 de dezembro de 2009 em: <http://www1.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2008). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Recuperado em 20 de setembro de 2008, em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1335.pdf.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2009). *Jovens estudam mais, mas participam menos do mercado de trabalho*. Recuperado em 03 de dezembro de 2009, disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/jsc/19,0,2737142,Ipea-jovens->

[estudam-mais-mas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho.html](#).

Konder, L. (1983). *O que é dialética?* (7a ed.). São Paulo: Brasiliense.

Krawulski E. (2004). *Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfozes do caminho” no exercício cotidiano do trabalho*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Kuenzer, A. Z. (2007). Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. *Educação Psicologia Campinas*, 28(100) Especial, 1153-1178.

Lapis, N. L. (2006). Acumulação flexível. In A. Cattani, & L. Holzmann (Orgs.), *Dicionário de Trabalho e tecnologia: dicionário crítico* (pp.22-26). Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Ed. da UFRGS.

Lei da Aprendizagem - 10.097 (2000, 19 de dezembro). Ministério do Trabalho e Emprego. Recuperado em 10 de agosto de 2008, disponível em:

http://www.mte.gov.br/politicas_juventude/aprendizagem_apresentacao.asp.

León, O. D. (2005). Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In M. V. Freitas (Org.), *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. Ação Educativa (pp. 9-18). Recuperado em 25 de novembro de 2009, disponível em: <http://www.acaoeducativa.org>.

Lisboa, M. D. (1997). Orientação vocacional/ocupacional: projeto profissional e compromisso com o eixo social. In A.V. Zanella, M. J. T. Siqueira & S. I. Molon (Orgs.), *Psicologia e práticas sociais* (pp. 201-212). Porto Alegre: ABRAPOSUL.

Lisboa, M. D. (2000). A formação de orientadores profissionais: um compromisso social multiplicador. In M. D. Lisboa & D. H. P. Soares (Orgs.), *Orientação profissional em ação – formação e prática de orientadores* (pp. 11-23). São Paulo: Summus.

Lyra, J., Medrado, B., Nascimento, P, Galindo, D., Moraes, M., &

Pedrosa, C. (2002). “A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete”. Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. *Cadernos CEDES*, 22(57), 9-21.

Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*, 7(13), 31-44.

Maheirie, K., Boeing, P. & Pinto, G. C. (2005). Pesquisa e intervenção por meio da imagem: o recurso fotográfico no cotidiano de varredores de ruas. *Psico*, 36(2), 213-219. Recuperado em 26 de novembro de 2009, disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/issue/view/145>

Maheirie, K. & Pretto, Z. (2007). O movimento progressivo-regressivo na dialética universal e singular. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, 19(2), 455-462. Recuperado em 26 de novembro de 2009, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-802320070002&lng=pt&nrm=iso

Marques, J. C. (2004). O mundo do trabalho e suas complexidades. In J. C. Sarriera, K. B. Rocha & A. Pizzinato (Orgs.), *Desafios do mundo do trabalho: orientação, inserção e mudanças* (pp. 13-31). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Marx, K. (1985a). Transformação do dinheiro em capital. In K.Marx, *O Capital: crítica da economia política* (p. 125-145). Vol 1. Cap. IV. (2a ed.), São Paulo: Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1818-1883).

Marx, K. (1985b). Processo de trabalho e processo de valorização. In K.Marx, *O Capital: crítica da economia política* (p. 125-145). Vol 1. Cap. V. (2a ed.), São Paulo: Nova Cultural. (Trabalho original publicado em 1818-1883).

Marx, K. & Engels, F. (2007). *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martin Claret (original publicado em 1932).

Maurenre, V., Tiltoni, J. (2007). Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia*

e Sociedade, 19(3): 33-38.

Michaelis: pequeno dicionário da língua portuguesa (1998). São Paulo: Companhia Melhoramentos.

Minayo, M. C. S. (2007). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. (25a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Namura, R. M. (2004). Por que Vygotski se centra no sentido: uma breve incursão pela história do sentido na psicologia. *Psicologia da Educação, 19*, 91-117.

Namura, R. M. (2007). O aporte da estética na categoria sentido no pensamento de Vygostki. *Anais do II Colóquio de Psicologia da Arte*. São Paulo. Recuperado em 09 de agosto de 2008, disponível em: <http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c15a.pdf>.

Natividade, M. R. (2007). *O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Navarro, V. L. & Padilha, V. (2007). Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. *Psicologia & Sociedade, 19*(especial), 14-20.

Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2002). O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia, 7*(2), 237-250.

Netto, J. P. & Braz, M. (2008). *Economia política: uma introdução crítica*. (4ª ed.). São Paulo: Cortez.

Novaes, R. C. R. (2002). Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In H. W. Abramo, M. V. de Freitas & M. P. Spósito (Orgs.), *Juventude em debate* (pp. 46-69). (2a ed.). São Paulo: Cortez

Novaes, R. C. R. (2005). Juventude, percepções: a religião faz diferença? In H. W. Abramo, & P. P. M. Branco (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira* (pp. 263-290). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Offe, C. (1989). Trabalho: a categoria-chave da sociologia? Recuperado em 16 de abril de 2010, disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_01.htm

Organista, J. H. C. (2006). *O debate sobre a centralidade do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular.

Organização Internacional do Trabalho (2007). Trabalho decente e juventude: América Latina: resumo executivo. Organização Internacional do Trabalho, Escritório Regional para América Latina e o Caribe, ISBN: 978-92-2-820291-5, Brasília: OIT, 51 p. Recuperado em 14 de novembro de 2009, disponível em: http://oitbrasil.org.br/info/publ_result.php.

Ozella, S. (2003). A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In S. Ozella, *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica* (pp. 17-40). São Paulo: Cortez.

Pereira, M. G. S. (2003). Adolescentes trabalhadores: a construção de sentido nas relações de trabalho. In S. Ozella (Org.), *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica* (pp. 277-313). São Paulo: Cortez.

Pochmann, M. (2004). Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? *Educação & Sociedade, Campinas*, 25(87), 383-399. Recuperado em 07 de julho de 2009, disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21462.pdf>.

Pochmann, M. (2007). *A batalha pelo primeiro emprego: a situação e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. (2a ed.). São Paulo: Publisher.

Pochmann, M., Amorim, R. (2003). Índice de exclusão social no Brasil. In: *Atlas da exclusão social no Brasil* de M. Pochmann e R. Amorim (Orgs). (pp. 79- 213). São Paulo: Cortez

Portaria 615 (2007). *Cadastro Nacional da Aprendizagem*. Ministério do Trabalho e Emprego – Recuperado em 03 de outubro de 2009, disponível em: http://www.mte.gov.br/politicas_juventude/aprendizagem_consulta.asp

Raitz, T. R. (2003). *Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na Ilha de Santa Catarina*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Raitz, T. R. & Petters, L. C. F. (2008). Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 408-416. Recuperado em 05 de outubro de 2009, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-718220080003&lng=pt&nrm=iso

Ramalho e Oliveira, S. R. (2006). Imagem também se lê. In S. Z. Da Ros, K. Maheirie & A. V. Zanella (Orgs.), *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência* (pp. 209-220). Florianópolis: NUP/CED/UFSC.

Reis, V. (2006). Juventude e Juventudes. In K. S. L. Matos, S. J. H. C. Adad & M. D. M. Ferreira (Orgs.), *Jovens e Crianças: outras imagens* (pp. 62- 74). Fortaleza: Edições UFC.

Ribeiro, M. A. (2003). Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 141-151.

Rifkin, J. (1995). O fim do trabalho. In J. Rifkin (Org.). (R. G. Bahr, Trad.), *O Fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho* (pp. 03-12). São Paulo: Makron Books.

Rocha, K. B., Sarriera, J. C. & Pizzinato, A. (2004). Significado do trabalho e valores organizacionais. In J. C. Sarriera, K. B. Rocha & A. Pizzinato (Orgs.), *Desafios do mundo do trabalho: orientação, inserção e mudanças* (pp. 115-134). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Sarriera, J. C., Tatim, D. C., Coelho, R. P. S. & Busker, J. (2007). Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 361-367.

Silva, M. M. (2004). *Inserção profissional e condição social: trajetórias de jovens graduados no mercado de trabalho*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de

Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Silva, M. M. (2009). A inserção profissional dos jovens em tempos de inovação tecnológica e organizacional. *Revista Educação em Questão*, 35(21), 74-97. Recuperado em 08 de dezembro de 2009, disponível em: <http://www.revistaeducacao.ufrn.br/pdfs/v35n21.pdf>.

Silva, V. (2006). Jovens no Brasil: sujeitos de tempos, espaços e expressões múltiplas. In K. S. L. Matos, S. J. H. Adad, & M. D. M. Ferreira (Orgs.), *Jovens e Crianças: outras imagens* (pp. 83-96). Fortaleza: Edições UFC.

Soares, D. H. P. (1996). *Choix Professionnel:Proje dès Parents & Projet dès Adolescents*, Tese de Doutorado, Universidade Louis Pasteur, Strasbourg, França.

Soares, D. H. P. (2002). *A escolha profissional do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus.

Spink, P. (2009). Juventude e trabalho na contemporaneidade. *Anais do I Encontro Juventude e trabalho na contemporaneidade*. IPUSP, São Paulo.

Sposito, M. P. (2005). Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In H. W. Abramo & P. P. M. Branco (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira* (pp. 87-127). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Sposito, M. P. & Carrano, P. C. R. (2003). Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 24, 16-39. Recuperado em 22 de fevereiro de 2010, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1413-247820030003&lng=pt&nrm=iso.

Strappazon, A., Santa, B., Werner, F. W. & Maheirie, K. (2008). A criação fotográfica e o aumento da potência de ação: experiências e possibilidades. *Cadernos de Psicopedagogia*, 7(12), s/p. Recuperado em: 26 de novembro de 2009, disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492008000100002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1676-1049.

Titon, A. P. (2008). *Jovens de baixa renda de Florianópolis/SC e suas relações na e com a cidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Tolfo, S. da R., Coutinho, M. C.; Almeida, A. R, Baasch, D., Cugnier, J. S. (2005). *Revisitando abordagens sobre sentidos e significados do trabalho*. In: Fórum CRITEOS 2005, 2005, Porto Alegre. [CDROOM]

Tumolo, P. S. (2005). O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível? *Educação e Sociedade*, 26(9), 239-265.

Velho, G. (2003). Memória, identidade e projeto. In G.Velho (Org.), *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (pp. 97-105). (3a ed.), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Vygotski, L. S. (1992). Pensamiento y palabra. In *Obras Escogidas II* (pp. 287-348). Madrid: Visor Distribuciones.

Zago, N. (2003). A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In N. Zago, M. P. de Carvalho & R. A. T. Vilela (Orgs.), *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação* (pp. 287-309). Rio de Janeiro: DP&A.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TESES E DISSERTAÇÕES CONSULTADAS

Conjugação: Sentidos do Trabalho e Juventude

AUTOR	ANO	TÍTULO TESE/DISSERTAÇÃO
Silva, Nancy	2001	Jovens brasileiros: o conflito entre estudo e trabalho e a crise do desemprego
Corrochano, Maria Carla	2001	Jovens olhares sobre o trabalho: um estudo de jovens operários (as) em São Bernardo do Campo
Lourenço, Cleber L.	2002	Características da Inserção Profissional
Raitz, Tania. R.	2003	Jovens, trabalho e educação: rede de significados dos processos identitários na ilha de SC
Pires, Sonia M.	2005	O jovem, o ensino médio e as expectativas com relação ao mercado de trabalho: um estudo de caso
Tavares, Claudia S.	2006	Efeitos sobre os sentidos do trabalho em jovens participantes de um programa social

Conjugação: Juventude e Primeiro Emprego

AUTOR	ANO	TÍTULO TESE/DISSERTAÇÃO
Wiakert, Luciana F.	2002	Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego
Ferreira, Vera. J. M.	2005	Primeiro emprego: o olhar de quem viveu
Mesquita, Marcos R.	2006	O desemprego dos jovens e as políticas públicas no Brasil pós 1990
Soares, Sérgio A. E.	2006	Necessidades juvenis, trabalho e políticas públicas: um estudo do PNPE
Tomas, Maria C.	2007	O ingresso dos jovens no mercado de trabalho: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras nas últimas décadas
Silva, Neiton	2007	Políticas públicas, estratégias e formação profissional e inserção de jovens no mundo do trabalho: o protagonismo da ONG CAMPO no âmbito do PNPE/CSJ no Rio de Janeiro
Reis, Daniela S.	2007	Protagonistas e coadjuvantes na odisséia do primeiro emprego: uma análise do papel da sociedade civil na execução do PNPE
Barbosa, Carlos S.	2007	Juventude, trabalho e educação: o PNPE em discussão

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Regina Célia P. Borges, sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e pesquisadora principal do projeto de investigação “O que é trabalho para jovens estudantes em seu primeiro emprego”, sob a orientação da prof. Dra Maria Chalfin Coutinho, pesquisadora responsável. Esclarecemos que diante do atual contexto de mudanças no mundo do trabalho, com implicações para todos os trabalhadores, inclusive os iniciantes, consideramos pertinente à realização desse estudo, oportunizando novos conhecimentos sobre os jovens trabalhadores estudantes do ensino médio das Escolas Públicas da Grande Florianópolis de Santa Catarina. Gostaria, então de convidá-lo a participar desta pesquisa que:

Será realizada, através de entrevistas individuais, com questões relativas à sua vida pessoal e profissional e registros fotográficos, sobre o tema do trabalho, que serão discutidas a partir das imagens registradas. Todos os encontros serão gravados, para posterior transcrição.

Caso lhe interesse, você poderá ter acesso à transcrição da gravação para revisar e mudar o que julgar necessária. Em conformidade ao estabelecido pelas normas éticas que regulam as pesquisas envolvendo seres humanos em nosso país, posso garantir-lhe: liberdade de adesão ou recusa de participação na pesquisa; liberdade para retirar seu consentimento a qualquer momento, bastando contatar os pesquisadores abaixo assinalados; e sigilo das informações que forem dadas durante a pesquisa e relativa à sua identidade. Cabe, ainda, esclarecer, que as informações coletadas nesta pesquisa serão guardadas em local de acesso somente aos pesquisadores e serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa. Informo, ainda, que as publicações que resultarem da investigação, manterão a garantia de sigilo e, portanto, preservarão a identidade e a privacidade dos participantes.

Sendo o que tinha a colocar coloco-me disponível para contatos, e outras informações, se necessárias, pelos telefones: 37218575 ou 37218577.

Assinaturas:**Data:** / /

Pesquisadora Principal: _____
 Prof. Dra. Maria Chalfin Coutinho

Pesquisadora Responsável: _____
 Mestranda Regina Célia P. Borges

Eu, portador(a) da carteira de identidaderesponsável pelo(a) menor....., autorizo a sua participação neste estudo, tendo ficado esclarecido pela pesquisadora sobre sua finalidade.

Assinatura:-----

Eu,....., confirmo que a pesquisadora Regina Célia P. Borges discutiu comigo esse estudo e também estou de acordo e esclarecido da sua finalidade, aceitando ser participante desse estudo.

Assinatura:-----

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1) Dados Pessoais e Familiares

Nome: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Naturalidade: _____

Escolaridade: _____

Estado Civil: _____

Fale um pouco sobre os membros da sua família: quem são?

Com quem você mora? _____ Onde você mora?

Onde trabalham? _____ Qual a escolaridade deles?

Quem é o principal responsável pelo sustento da sua casa? Onde e com que trabalha?

Qual é o seu salário atual? O que faz com ele – como gasta?

Você contribui para o sustento da casa? De que maneira?

Fale-me um pouco sobre sua vida escolar - escola que você estuda, horário

2) Atividade Atual

Conte-me um dia típico do seu trabalho.

Há quanto tempo está desempenhando esta atividade?

Como você se sente exercendo estas atividades?

O que é trabalho para você?

O que representa ele na sua vida hoje?

O que é emprego?

Fale-me um pouco como ficou sua vida depois que você começou a trabalhar, em relação com a escola e seu tempo livre (lazer/passeios/namoro).

3) Histórico Profissional

Conte-me sobre o seu processo de busca do seu trabalho, quando você decidiu por isso, os processos de seleção, e como conseguiu?

Quando você era criança falava ou brincava em ter uma determinada profissão? Qual? Fale-me um pouco sobre.

Quais foram os motivos que levaram você a procurar o primeiro emprego?

Quais são as suas expectativas para seu futuro profissional?

Finalização

Você quer falar mais alguma coisa que ache importante sobre este assunto que eu não tenha perguntado para você?

APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA OS
RECURSOS IMAGÉTICOS

Consigna: Fotografe seu cotidiano de trabalho

Fale-me desta foto – De um título para ela.

O que mais está imagem está mostrando, além do que ficou registrado nela?

Fale-me deste conjunto de fotos

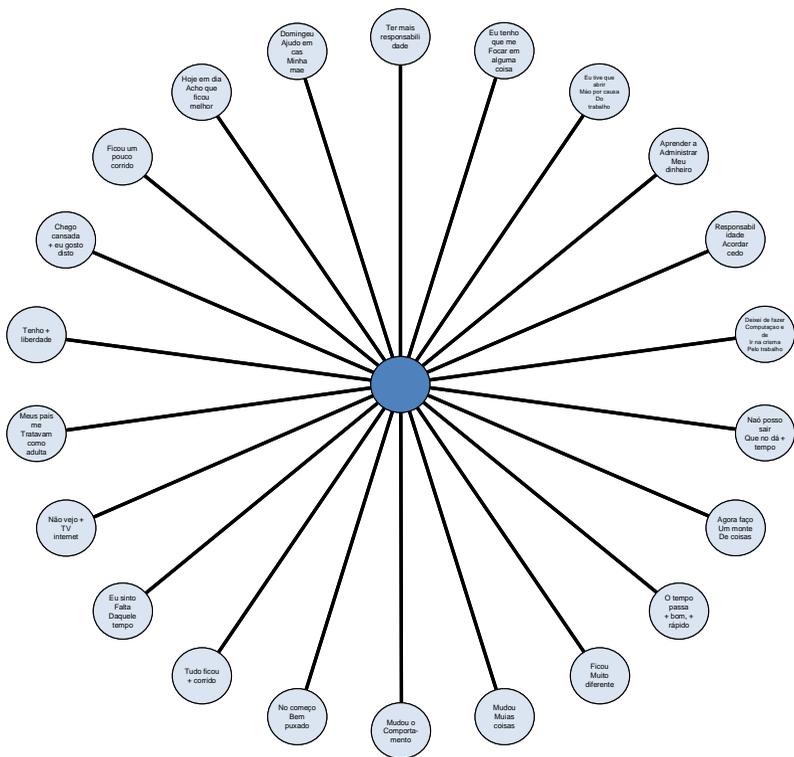
Qual das imagens você escolheria como a mais significativa cena de trabalho? Por qual motivo? Você mantém “este” título?

Gostaria de ter fotografado alguma cena que não pôde ou não surgiu a idéia no momento?

APÊNDICE E – INDICADORES

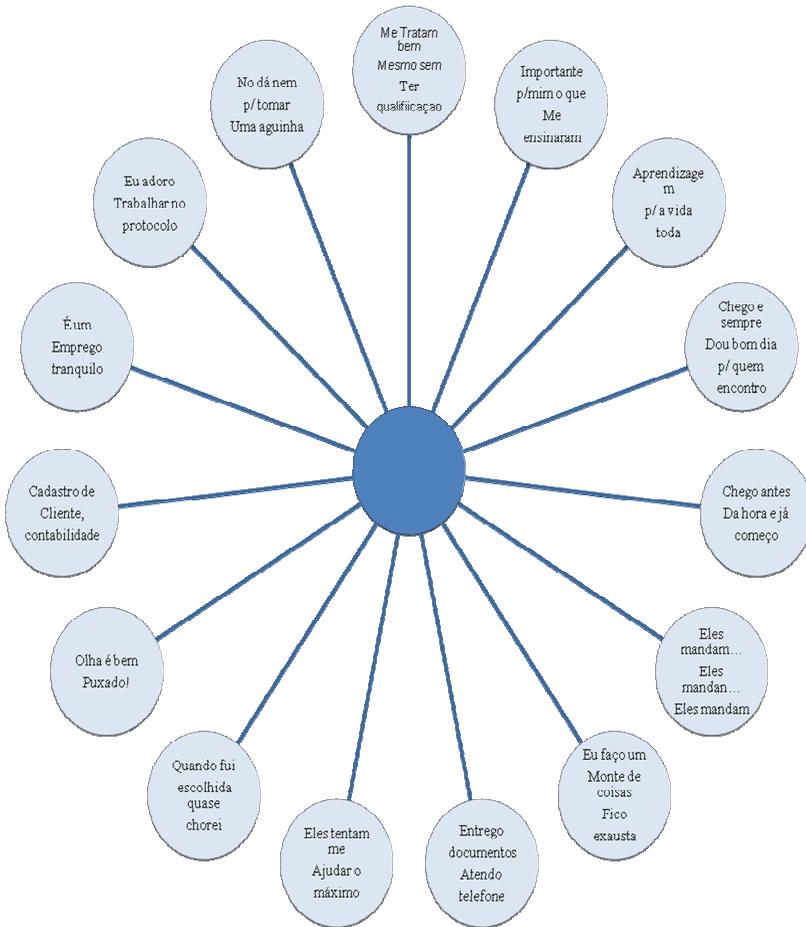
Contexto Cotidiano

Trabalho e vida cotidiana+ Trabalho doméstico



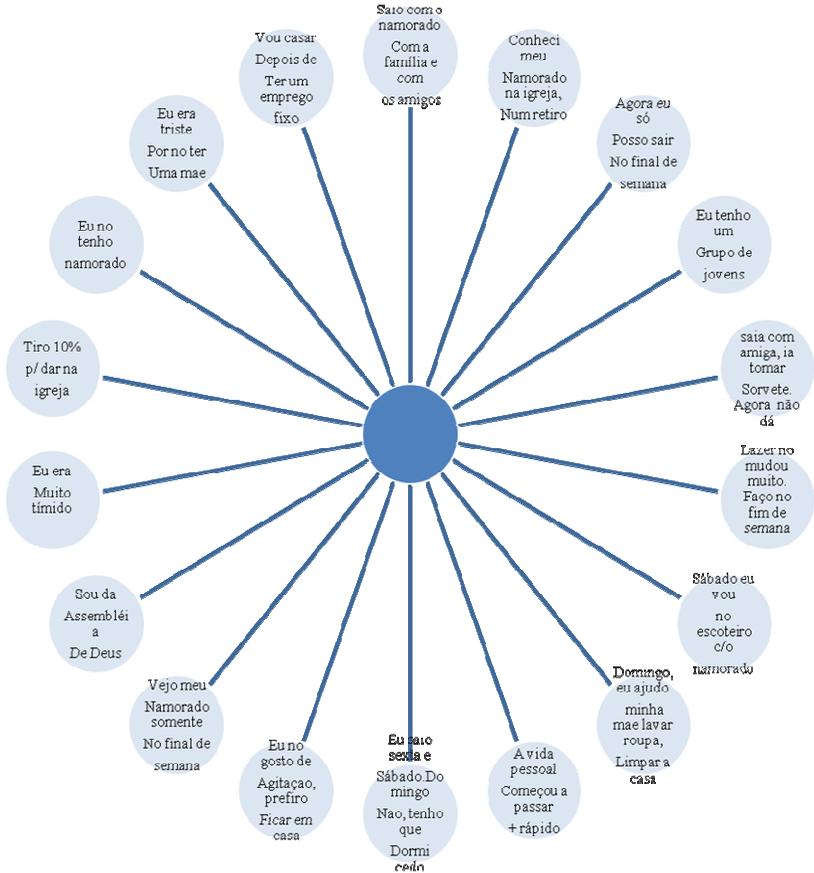
Condições de Trabalho

Dia típico de trabalho + Primeiro Emprego



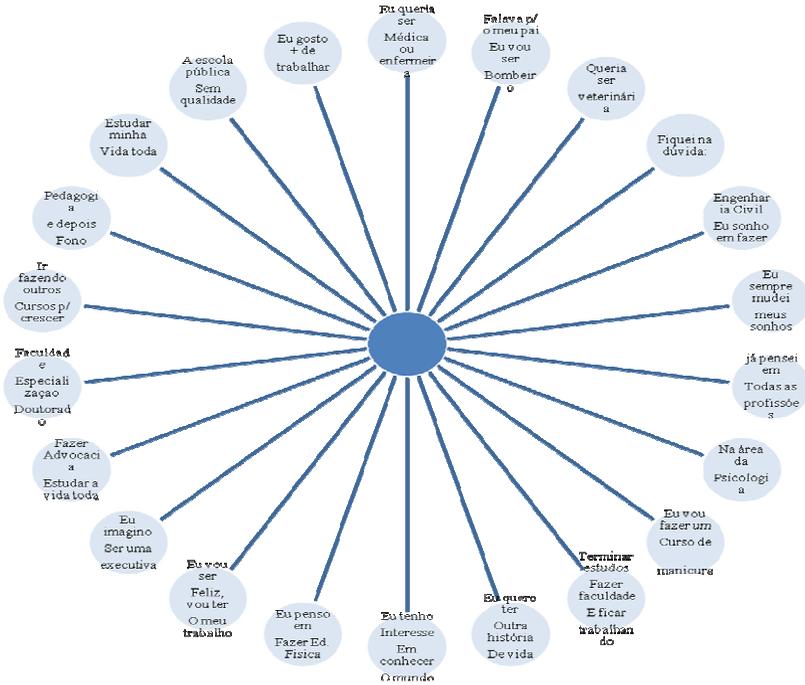
Vida Pessoal

Vida Pessoal+ Lazer+ Religião + Vida escolar



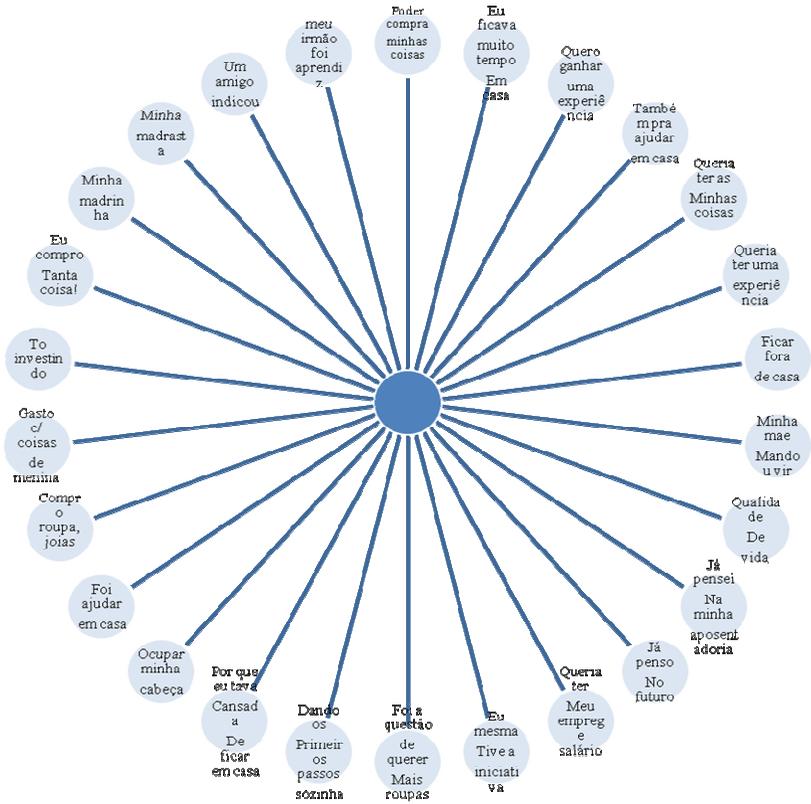
Planejando o Futuro

Escolha profissional+ Projetos futuros



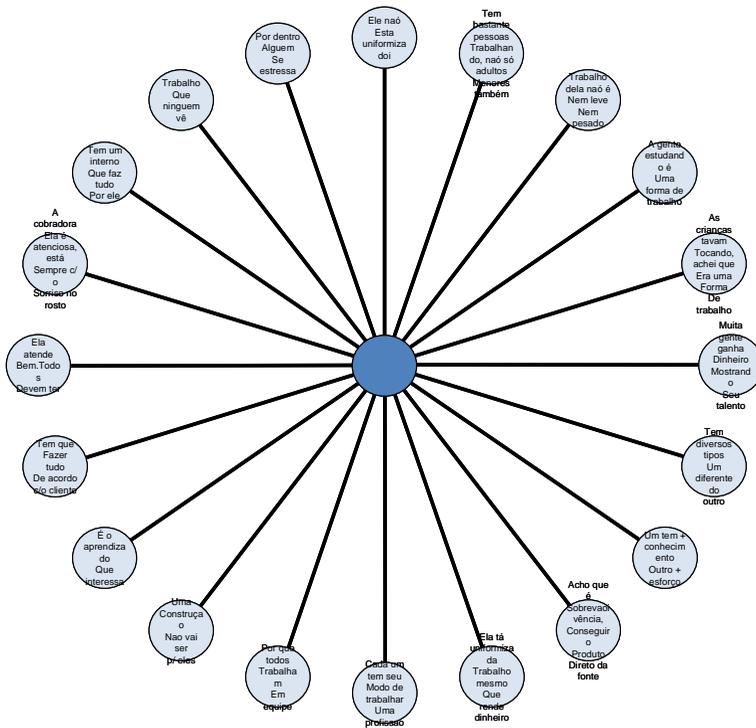
Adquirir Experiência

Motivos da busca+ Salário+Inserção



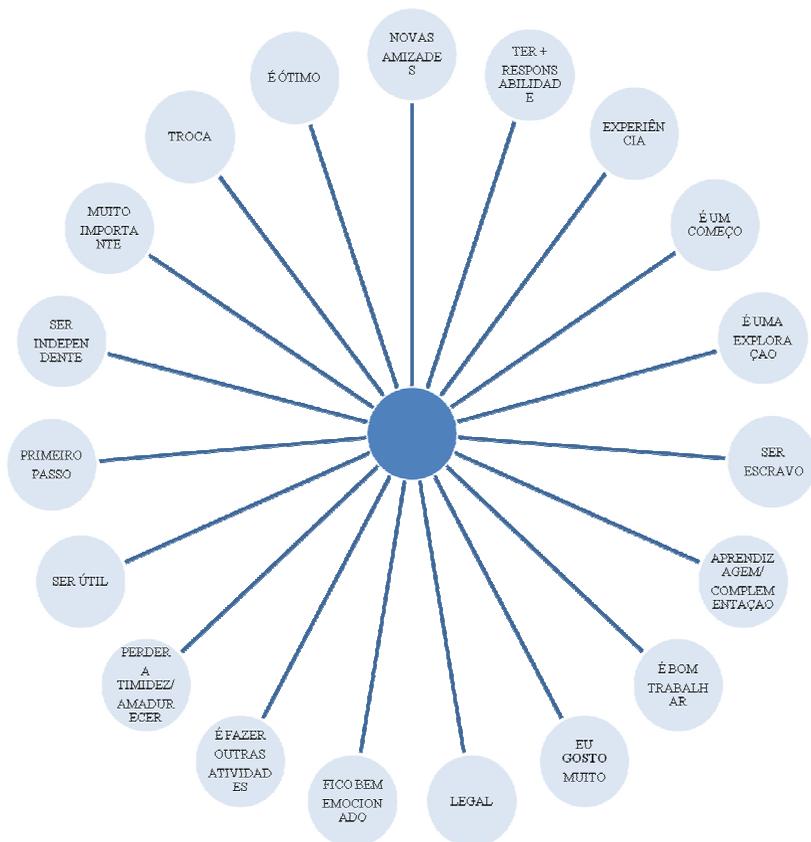
Prestação de Serviços

Imagens do Trabalho+ Satisfação do cliente



O Começo

Trabalho+ Emprego



ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO PROJETO NO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão
Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos

CERTIFICADO Nº 323

O Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º0584/GR/99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o contido no Regimento Interno do CEPSH, **CERTIFICA** que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP

APROVADO

PROCESSO: 358/08 FR- 233558
TÍTULO: Jovens e os sentidos do trabalho na sua primeira experiência profissional.
AUTOR: Maria C. Coutinho e Regina C. P. Borges.
DPTO.: Psicologia/CFH/UFSC

FLORIANÓPOLIS, 15 de dezembro de 2008.


Coordenador do CEPSH/UFSC - Prof.º Washington Portela de Souza